

Relatório de Pós-Doutorado realizado no curso de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal Fluminense sob a supervisão do Professor. Dr. Jader Janer
Moreira Lopes

Amelia Cristina Alves Bezerra

INTRODUÇÃO

Ensinar exige pesquisa já nos lembrava Paulo Freire. Pesquisar, por sua vez, nos coloca na condição do inacabamento. Essa compreensão do inacabamento esteve presente nas várias reflexões realizadas no Grupo de Pesquisa em Geografia das Infância- GRUPEGI, especialmente nas pontuações feitas pelo professor Jader Janer, ao longo da minha experiência no estágio de pós-doutorado. Esse momento de formação, embora realizado durante um ano pandêmico, que impossibilitou os encontros presenciais, reforçou a relação entre a pesquisa e o ensino, bem como potencializou a dimensão coletiva do pensamento. Nesse sentido, destacamos a importância de reencontrar o Professor Jader Janer Moreira Lopes, que supervisionou esse estágio, assim como dos componentes do seu grupo de pesquisa. Encontrar esse potente e divertido grupo ao longo desse período, imprimiu um sentido e um significado para essa experiência realizada num contexto tão adverso.

Além das trocas e das reflexões realizadas coletivamente, esse período de formação me permitiu desenvolver um projeto de pesquisa que objetivava conversar com vários colegas da profissão e ouvir suas trajetórias, suas narrativas e os sentidos atribuídos ao estágio docente como processo formativo. Por meio de entrevistas realizadas, mesmo de maneira remota, construímos um “Cordel de Geografias, Trajetórias e Experiências que serão apresentadas por meio de um pequeno documentário que estamos produzindo. Além do documentário estamos organizando, eu e o professor Jader Janer, uma publicação com o mesmo título.

Por meio desse relatório apresento as atividades desenvolvidas ao longo desse tempo de formação que compreendeu o período de **10/04/2020 a 10/04/2021** e que estão divididas entre Atividades de Pesquisa, Atividades Docentes e, por último, os Anexos Alguns dos anexos seguem junto com esse relatório, outros serão enviados separadamente. No item

Atividades de Pesquisa, destacaremos a participação no GRUPEGI e na disciplina oferecida pelo supervisor do estágio pós-doutoral, bem como as publicações e as atividades relacionadas ao projeto desenvolvido ao longo desse período, qual seja: “Cartografando as experiências dos estágios docentes nos cursos de Geografia das Universidades públicas do estado do Rio de Janeiro”. Já nas Atividades Docentes pontuaremos a participação em bancas, as palestras e as entrevistas concedidas ao longo desse período. Por fim, anexaremos as comprovações das atividades descritas, algumas delas estão postadas nesse mesmo documento, outras serão encaminhadas à parte.

1. ATIVIDADES DE PESQUISA:

1.1. Participação na disciplina “A Ciência Romântica de Lúria” vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e coordenada pelo professor Jader Janer. (Anexo 1 enviado em separado)

Por meio da participação na disciplina “**A Ciência Romântica de Lúria**” que ocorreu no período de **14 de setembro a 30 de novembro de 2020**, discutimos a relação dos contextos sociais, políticos e sociais com a produção do pensamento e da reflexão. Para tanto nos debruçamos sobre o contexto histórico-geográfico que atravessou a sistematização da Ciência Romântica de Lúria, especialmente, sobre a obra “A construção da mente traduzido por Marcelo Brandão Cipo.

Ao nos debruçar sobre o pensamento de Lúria, especialista em psicologia do desenvolvimento, discutimos a relação das suas reflexões com o pensamento de Vigotski e, portanto, com as questões que atravessam o debate sobre o desenvolvimento da criança. Essa relação foi apontada como um dos pontos de partida da disciplina:"

os estudos de lev s. vigotski, alexis n. leontiev, alexander romanovich luria e outros membros do círculo criado na então união soviética, se tornam conhecidos, ultrapassando as fronteiras e, até a atualidade, são alvos de pesquisas e investigação em universidades e centros de pesquisas, além de comporem redes internacionais de investigadores. indo além do positivismo clássico, ao mesmo tempo que rompiam com os subjetivismos presente nos estudos, buscam tecer novas teorias e uma ciência outra, como fonte para as próprias ciências humanas. é nesse contexto que emergem a teoria histórico-cultural, a teoria da atividade e a ciência romântica, essa última tendo a frente luria" (programa da disciplina “a ciência romântica de lúria” 2020)

Nesse percurso contamos com as contribuições da professora Claudia Santana, especificamente, no que se refere ao entendimento da Pedagogia enquanto ciência que se caracterizou por pensar o desenvolvimento cultural das crianças. Claudia Santana, através do seu livro e ainda das suas exposições orais nos convida, por meio da obra de Vygotsky, especificamente da Pedagogia, a olhar, de maneira mais cuidadosa, para a criança em desenvolvimento que é entendido como um processo de humanização. Desse modo, aponta o papel dos contextos sociais, históricos e geográficos vivenciados pelas crianças. Observa ainda que o desenvolvimento, enquanto processo de humanização, não está restrito a integração da criança à cultura.

Ao longo da disciplina também discutimos o pensamento marxista que orientou, de certa maneira, a obra de Lúria e Vigotski. Para tanto, discutimos os Textos: “Para a Crítica da Economia Política, especificamente, o “Prefácio” e a “Introdução” e ainda “O método da Economia Política” que foi seguida pelas contribuições do professor Hajime Takeuchi Nozaki.

1.2. Participação nos encontros do grupo de pesquisa Grupo de Pesquisa e Extensão em Geografia da Infância – GRUPEGI/CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/655395>), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e coordenado pelo professor Jader Janer Moreira Lopes, especialmente nas discussões sobre: (Anexo 2 enviado em separado)

O tema central dos encontros realizados pelo GRUPEGI, que ocorreram entre os dias **01 de fevereiro e 22 de março de 2021**, especificamente a cada segunda feira, foi o papel da linguagem na formação humana”. Iniciamos as reflexões a partir do filme “O menino selvagem” disponível no <https://youtu.be/Wplj0ITkwho>. Seguindo o debate nos debruçamos sobre a obra de BLIKSTEIN, Izidoro: “Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade”. A partir dessa obra dialogamos com outras contribuições sobre o tema, como é o caso de Mikhail Bakhtin e Vygotsky. Nessa direção, discutimos, o papel dos contextos sociais, históricos e geográficos na constituição da linguagem, enquanto forma de comunicação com o mundo.

1.3. Publicação dos artigos – (Anexo 3 enviado em separado). Durante o período de afastamento para o pós-doutorado finalizamos dois artigos resultantes de pesquisas vinculadas a projetos que já encontravam em desenvolvimento. Tais artigos foram escritos entre os meses de março e junho de 2020 e contribuíram para o meu processo de formação.

- a. BEZERRA, A. C. A. SILVA, A. C.; SACRAMENTO, A. C. As Cidades e suas representações: Cruzando olhares dos(as) estudantes sobre São Gonçalo, Niterói e Seropédica. **Revista de Geografia** (Recife), v. 37, p. 162-180, 2020; (Anexo 3)
- b. BEZERRA, A. C. A. Cidade e Escola tecendo os caminhos, os (des)encontros e os horizontes na sala de aula. In: Ester Limonad Jorge Luiz Barbosa (organizadores). (Org.). **Geografias: Reflexões Conceituais, Leituras da Ciência Geográfica, Estudos Geográficos** /. 1aed.Niterói: Max Limonad, 2020, v. -, p. 281-301. (Anexo 3)

1.4. Desenvolvimento do projeto de pesquisa “Cartografando as experiências dos estágios docentes nos cursos de Geografia das Universidades públicas do estado do Rio de Janeiro” proposto para ser desenvolvido ao longo do período de pós-doutorado.

Ao longo da experiência do pós-doutoramento desenvolvemos parte do projeto que apresentamos proposto, qual seja entrevistar os(as) professores de Geografia envolvidos(as) com o estágio docente nas licenciaturas de Geografia no estado do Rio de Janeiro. Tais entrevistas foram permeadas pelas narrativas das experiências com a escola e a formação de professores e ainda pelos desafios que cercam o estágio docente. Como resultante desse entrevistas estamos organizando um documentário e ainda uma publicação, juntamente com o Professor Jade Janer Moreira Lopes, intitulada: *Cordel de geografias, trajetórias e experiências: Conversas sobre processos formativos e estágio docente*. A proposta dessa publicação está apresentada **no anexo 4 nesse mesmo documento**.

1. ATIVIDADES DOCENTES – (Anexo 5 em separado)

2.1. Participação em Bancas de Mestrado e Doutorado – (Anexo 5 enviado em separado).

a) CARVALHO, M. C. A. **BEZERRA, A. C. A.** Oliveira, D A; SIQUEIRA, G. Participação em banca de Rafael Macedo de Oliveira Teodoro. A formação territorial do Brasil e o ensino de Geografia: a invisibilização das territorialidades indígenas nos livros didáticos. 2020. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Geografia - FFP) - Faculdade de Formação de Professores -UERJ. Julho de 2020; (Anexo 5)

b) AMORIM, R. R.; **BEZERRA, A. C. A.** ARAGAO, A. M. F.; PORTUGAL, J. Participação em banca de Maryelle Florêncio Mariano. Diário de aula: uma estratégia para reflexão e sistematização para o professor de Geografia. Exame de qualificação (Doutorando em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, setembro de 2020. (Anexo 5)

2.2. Palestras –

- a. **BEZERRA, A C A.** Estágio de Docência e Experiência: o espaço importa no processo formativo? In. GEIA – Grupos Integrados de Estudos Integrados em Meio Ambiente, Geografia e Ensino. Setembro de 2020. **Disponível no site** <https://www.youtube.com/watch?v=8agrFG4BIzY&t=2441s>
- b. **BEZERRA, A C A.** Por uma Geografia do semiárido? O contexto da produção do conhecimento geográfico em Mossoró-RN. In. Comemoração dos 50 anos do curso de Geografia do campus Mossoró. Outubro de 2020. (anexo 5)
- c. **BEZERRA, A C A.** O lugar da experiência nos processos formativos: pensando os caminhos da pesquisa nas trajetórias docentes. Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UERN). Abril de 2021. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/channel/UCNLtEELfAET7GkJeYErR08g>

2.3. Entrevistas concedidas

a) BEZERRA, A C A; SERVILHA, M. M. O Lugar da Experiência na Formação de Professor@s. 2020. (Programa de rádio ou TV/Entrevista). Outubro de 2020. **Endereço do canal. (L)ATITUDES À ESQUERDA Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=nZANojInB9k&t=1168s>.

b) BEZERRA, A C A; MBREDA T. V. **De frente com a Thi** - Ep. 2 - Estágio supervisionado, formação e experiência - Parte 1. 2020. (Programa de rádio ou TV/Entrevista. Agosto de 2020. **Endereço do canal. Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=AeKbwvq4Uwo&t=184s>

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p

BENJAMIN, W. (1987). **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense. Obras escolhidas

BEZERRA, A C A; A, SILVA, A. C.; SACRAMENTO, A. C. As Cidades e suas representações: Cruzando olhares dos(as) estudantes sobre São Gonçalo, Niterói e Seropédica. **Revista de Geografia** (Recife), v. 37, p. 162-180, 2020; (Anexo 3)

BEZERRA, A C A; Cidade e Escola tecendo os caminhos, os (des)encontros e os horizontes na sala de aula. In: Ester Limonad Jorge Luiz Barbosa (organizadores). (Org.). **Geografias: Reflexões Conceituais, Leituras da Ciência Geográfica, Estudos Geográficos** /. 1aed.Niterói: Max Limonad, 2020, v. -, p. 281-301. (Anexo 3)

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, M. L. B. A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância. **REVISTA EDUCAÇÃO (PUCRS. ONLINE)**, v. 41, p. 201-211, 2018.

LAROSSA BONDÍA, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan./fev./mar./abril, n. 19.

LURIA, A. R. **A construção da mente**, Ed: Ícone Editora, São Paulo, 1992.

VIGOTSKII, L.S. LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988

VERESK – Cadernos acadêmicos internacionais **Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski** – Brasília: UniCEUB, 2014. 235p. – (v. 1) ISBN 978-85-61990-38-1 1. L. S. Vigotski. II

SANTANA, C C Guimarães. **A Pedologia Histórico-Cultural de Vigotski**. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 254 p.

Atividades de Pesquisa. (Anexo 4)

Proposta de Publicação (Transcrições das entrevistas que ainda precisam ser tratadas)

Título da Publicação:

*Cordel de geografias, trajetórias e experiências: Conversas sobre
processos formativos e estágio docente*

Organização: Amelia Cristina Alves Bezerra & Jader Janer Moreira Lopes

Sumário

Fui me destinando professora e me construindo nesse Lugar-escola

Lorena Bonomo

Tem um dizer sobre o mundo que é possível comunicar, mas é preciso ter paixão: os caminhos da construção como professor de geografia.

Manoel Santana

Olhar o passado para construirmos os horizontes do presente: as escolas, os estágios e o encontro com a Educação de Jovens e Adultos.

Ênio Serra

O lugar de onde viemos nos forma: entre a baixada fluminense, as escolas e os estágios docentes

Adriana Carvalho Silva

Do Nordeste à Baixada fluminense: as travessias e os lugares da formação docente

Edileuza Queiroz

Da carne crua ao encantamento: os caminhos da docência e os sentidos do estágio

Lúcia Cavalieri

Tem um dizer sobre o mundo que é possível comunicar, mas é preciso ter paixão: os caminhos da construção como professor de geografia

Entrevista com o professor Manoel Santana

Amélia: Queria começar agradecendo a você Manoel Santana por ter aceitado conversar conosco sobre o estágio, mas também sobre tua trajetória, esse processo de tornar-se professor. Nessa ocasião, gostaria que você pudesse socializar a tua trajetória e, nesse percurso, o encontro com o estágio docente.

Santana: Eu agradeço e fico honrado com a confiança! é a primeira vez que eu sou provocado pra colocar as coisas assim da trajetória em se tornar-se nesse sentido. Olhando para o perfil que a gente encontra hoje de estudantes de graduação e um pouco como os estudantes encaminham suas vidas hoje, eu penso que eu fugi muito a regra, ne? Primeiro porque eu não imaginava que ia fazer geografia diretamente ne, meu primeiro contato com a universidade foi na FFP, mas no curso de letras. Foi o meu primeiro vestibular ne?! Meu primeiro vestibular foi para o curso de letras, português e literatura, e muito herança da influência dos professores que tive no ensino fundamental e médio, no campo de língua portuguesa e no ensino médio de literatura. Além de que eu era uma pessoa que gostava de ler poesia, escrever poesia e tal, vinha de uma história de ouvir cordel quando criança ne, no Nordeste, e aí a literatura foi o primeiro momento que chamou. E eu não terminei não foi por escolha teórica e nem por uma escolha individual, eu fui pra universidade, eu nem sei como, porque vindo de uma família de imigrantes trabalhadores da construção civil, eu fui fugindo a regra assim, com uma vontade de estudar, e aí fui o primeiro da família a concluir o ensino médio. Depois o primeiro da família a entrar na universidade e foram as circunstâncias. São que durante o curso de letras, eu trabalhava em uma fábrica, e depois em um supermercado e a universidade estadual, hoje a UERJ, essa UERJ que antes não era UERJ na época, na época era Faculdade de Formação de Professores, tendo a FAPERG como mantenedora, no primeiro governo Brizola. O Brizola muito dedicado a construir os CIEPS deixou a Faculdade morrer a míngua, a ponto de que teve vestibular que o diretor da época bancou do próprio bolso o vestibular pra poder ter turma, porque o estado não liberou dinheiro pra fazer o vestibular pra gente, e a faculdade estava muito

abandonada. Eu chegava em casa e falava assim "poxa é tão difícil a gente conseguir entrar na universidade e quando a gente entra ela fecha". E aquilo angustiava demais né, e era uma turma maravilhosa assim, eu tenho amigos dessa turma de letras até hoje, até hoje a gente se encontra, 40 anos depois alguns de nós mantermos o vínculo, esse vínculo de amizade e tal, e o vínculo profissional porque acabam sendo professores de outra área, e aí aquele desencanto com aquela coisa de ver que talvez a instituição não exista, ou ela acabe e morra antes de eu terminar o curso, eu fiz vestibular de novo. Fiz vestibular pra UFF, não sei o que me deu, eu lembro muito dos papos com o professor de geografia do ensino médio e eu fiz vestibular pra geografia. e aí mudei da letras pra geografia e foi, então o quê que a gente tem até agora o jovem que fazia a escolha possível, não era a escolha desejada né, mas essa escolha possível era orientada por muita paixão assim de fazer o melhor, não dava pra fazer nada a meia boca, se fosse fazer precisava ser feito com esmero né, e isso vinha muito de uma formação de casa muito forte, que você não pode ser um sujeito que explore os outros ou que vive dos trabalhos dos outros, você precisa fazer o seu trabalho, precisa fazer tudo bem né, isso era uma cobrança muito forte do meu pai. então aí eu fui pra universidade assim, eu não terminei a primeira universidade não é porque eu não tinha perfil ou não dava conta, foram as circunstâncias externas que me fizeram "eu não vou esperar fechar, eu vou fazer vestibular de novo", e do ponto de vista operacional ficou muito difícil né, porque eu já morava aqui em São Gonçalo, então era muito mais fácil continuar na FFP do que estudar em Niterói né? Eu trabalhava em São Gonçalo na época também, e aí foi isso. Também não tinha idéia do que era o bacharel, do que era a licenciatura, a especialidade da geografia, eu não tinha nem noção do mundo que se abre quando a gente entra em um curso universitário. E trabalhando né, porque o trabalho já era parte do cotidiano, do meu cotidiano diário, desde o ensino fundamental, e isso foi motivo de algumas limitações eu diria, como o meu modo de lidar com aluno no trabalho da universidade, porque eu já cheguei a ela como trabalhador também, e sempre com esse espírito de que eu escolhi ir pra lá e eu ia fazer o melhor, então eu não era um estudante... Eu fui aluno do Rogério e do Marcio Piñon, do Rui e do Carlos Valter e tal, e observava o cuidado que o Rogério organizava as aulas e desenhava no quadro, e eu pensava assim "eu não posso ir pra aula do Rogério sem ter lido o texto, eu tinha vergonha disso", porque a cobrança era muito forte de você está preparado pra aquilo que você se propôs. E aí eu entrei com esse espírito de vamos lá tocar, e eu vou descobrindo as possibilidades né? E aí a história se repete nisso de 'ou você faz o que você gosta, ou você faz o que precisa ou você faz o que é possível' Porque

na condição de (?) você não pode fazer muita escolha ne, "fazer o que eu gosto ou quero". Faz o que precisa dentro do que tem oportunidade. E aí dentro da universidade eu vivi isso ne, botei na cabeça que ia fazer as duas habilitações, e aí fiz a licenciatura e o bacharelado, nessa ordem, mas a docência acabou ocupando, apesar de ter uma breve passagem na graduação com a discussão da geografia urbana, e aí eu digo que quem salvou a minha graduação foi o Rogério, quando ele me chama pra acompanhar o projeto de pesquisa que ele coordenava, então ele foi o meu primeiro orientador. A UFF não tinha monografia, a gente não produzia trabalho final, a gente não aprendia a fazer pesquisa na graduação. E aí eu digo que essa graduação feita na condição de trabalhador, eu não gosto do rotulo aluno-trabalhador, na condição de trabalhador que é aluno, que não é a mesma coisa de ser trabalhador, uma coisa é ser trabalhador outra coisa é ser aluno de universidade, são coisas distintas, não dá pra culpar a universidade pela sua condição e não dá pra ficar com autocomiseração da sua condição também, não dá pra ficar com autopiedade.

Amelia: São muitos os desafios que a classe popular enfrenta ao entrar na universidade, eu tinha dificuldade de saber como me vestir, como me comportar, o que falar. São nossos corpos, portando nossas culturas de classe que adentram à universidade.

Agora na prática, tem um preço muito caro, porque a universidade, a gente descobre muitas vezes, que a universidade pública, muitas vezes a gente chega lá, aquilo que você falou 'dos nossos corpos' ne?! Parece que a universidade diariamente diz pra gente que ali não é o seu lugar, "Você tá fazendo o que aqui?" "O que você faz aqui se você não fala uma outra língua?" "O que você faz aqui se você ainda não leu os filósofos no ensino médio?" "se não tem uma biblioteca em casa?" "O quê que você faz aqui se não tem tempo pra ir aos trabalhos de campo nos dias de semana?" ne?! Não tem dinheiro pra ir aos congressos, o quê que você tá fazendo aqui? A impressão às vezes que eu tinha era que a universidade dizia isso, mas eu já chutei a porta e já entrei agora me aturem, agora eu vou seguir ne?! Mas não foi possível concluir algumas coisas, por exemplo, essa experiência com o Rogério foi fantástica, e aí a gente vai até o final do projeto, aí depois aparecem as bolsas uma incursão no campo da cartografia e sensoriamento remoto não foi até o fim, foi uma experiência muito boa com o saudoso Lazeri, que era do Laboratório de sensoriamento remoto ne?! Com o professor Ivan Pires, que foi uma pessoa assim super acolhedora, mas tinha algumas especificidades que não era possível de acompanhar porque a vida de ir sempre a campo, ter trabalho de campo com muita frequência não

combinava com o expediente laboral que não era ainda de ensino. E jamais pro final do curso, eu já não entendia porque era tão técnico e tinha pouca geografia naquilo que se fazia, naquele 4º andar na época. Final dos anos 80, apesar do encantamento com a tecnologia, eram poucos lugares que você tinha uma tela colorida e uma impressora que imprimia colorido no final dos anos 80, era o máximo. Mas não era suficiente porque era muito técnico, era técnica pela técnica e tinha pouca geografia, e muitas vezes quando um outro professor apontava a sensibilidade isso não se transformava em uma ação no campo. E aí quando chega mais pro final do curso aparece a disciplina de fazer um estágio, e esse estágio no ensino de sistema prisional.

Amélia: Você fez os estágios com a Tomoko Paganelli?

Santana: Não, eu não fui aluno da Tomoko, lamentavelmente.

Santana: Paulo Rogério era o professor de estágio. Ele aposentou acho que em 95, porque em 96 em fiz uma seleção pra contrato e eu acho que foi a aposentadoria dele que eu fiz esse contrato pra ir trabalhar na UFF, ne. E aí a primeira relação de ensino de geografia que eu acabo experimentando, foi em um estágio voluntário que era um Projeto de Extensão que tinha no presídio de Niterói, o Edgar Costa, que tinha gente de todas as áreas e eu tava por lá. Eu era bancário então trabalhava de manhã e a parte da tarde eu tinha livre. Foi um período que as coisas já tinham melhorado e ai eu fui dar aula no presídio, na verdade aprendi muito de América Latina mais com os caras do que eles comigo, né, porque tinha gente que já tinha rodado muitos países da America Latina na vida que tinham vivido e conheciam muito com o pé no chão 'como é que funcionava a Bolívia, Colômbia, aquelas coisas todas, foi uma experiência muito interessante. Então dar aula pra adultos, naquela condição e sofrendo algumas violências, e a violência não era dos alunos, a violência era do aparato de estado que nos recebia, faziam chacota ne, e a gente insistia que era possível, tinha gente, tinha seres humanos com alguma intenção de aprender. E não digo, tava encantado o jovem ne, terminando a universidade e achava que era possível salvar o mundo. mas foi uma experiência que (?). **tem um dizer sobre o mundo que é possível comunicar e fazer essa experiência** de ouvir o outro pegar o que ele sabe do mundo e problematizar na aula, isso foi. Agora essa coisa de a comunicação com os outros na Geografia foi no presídio, mas na minha vida foi em um momento religioso mesmo, foi um momento na pastoral universitária, pastoral porque

vinha de uma história de vivência pastoral, com um debate muito forte em (?) e comunicação com a juventude, então (?) de comunicação com a juventude já existia.

Amélia: O próprio mundo do trabalho não é Santana?!

Santana: É, mas o mundo do trabalho era muito operário, não tinha isso, o mundo do trabalho serviu como um processo de amadurecimento pessoal, emocional assim, e de entender os conflitos com o patrão, quer dizer, a lógica de 'como é que a autoridade patronal se estabelece.

Amélia: E as negociações também ne Santana?!

Santana: E as negociações, por que tinha os vínculos ne?! Como bancário eu atuei muito no sindicato dos bancários, eu nem sei por que, de onde vinha a inspiração de me manter nos sindicatos né? Mas o meu pai era um sujeito analfabeto lá no interior de Pernambuco que nos anos 60 já era sindicalizado, do sindicato dos trabalhadores rurais, então a palavra sindicato fazia parte do meu universo, do meu cotidiano ne, e que pro meu pai era lugar de acolhida, era o lugar que você encontrava gente que podia trocar as dores e combinar as lutas, e talvez por isso eu tenha sido um bancário que, um bancário universitário que tava lá metido, e o sindicato dos bancários no Rio, no anos 80, pra mim foi um negócio muito encantador, porque tinha uma biblioteca linda, uma biblioteca super completa, que eu adorava sair do banco e ir pra Presidente Vargas, e ir para o sindicato, e ir direto pra biblioteca do sindicato e ficava lá a tarde lendo romances e lendo coisas. O tempo da graduação foi esse tempo né? E aí o cenário da escola e a coisa do ensino começam a ocupar espaço, e vai fazendo, vai ofuscando esse vínculo com o sensoramento remoto ne, e a experiência da pesquisa apontava pra umas coisa muito longínquo de resultado, e a vida pedia que as contas deviam ser pagas. E aí no finalzinho da graduação aparece a primeira escola, eu sou vou dar aula em escolas regulares faltando, sei lá, uns três meses pra terminar o curso. Porque uma amiga já estava dando aula, e tinha terminado o curso antes de mim, porque tem isso também ne, essa condição de trabalhador e o modo que a universidade funciona, a UFF tinha disciplina, apesar do curso ser noturno, eu ter escolhido estudar de noite, tinha disciplina que começava as duas da tarde ne?! Então durante um tempo a cada 3 semestres eu devia um, porque tinha que fazer 4 disciplinas por semestre, 6 disciplinas por semestre, na verdade eram 8 disciplinas por semestre, eram 56 disciplinas o curso, e aí eu não dava conta de fazer as 8 disciplinas por semestre, então

quando eu deixava de fazer 2 disciplinas a cada semestre, no 3 semestre eu devia 1 a mais ne?! isso fez o curso demorar 2 anos a mais.

Amélia: A minha trajetória é muito parecida com a sua. Eu nunca conseguia fazer todas as disciplinas do semestre, porque precisava dessa negociação com o mundo do trabalho. Eu sempre ficava devendo uma ou duas disciplinas. Estendi meu tempo no curso.

Santana: Isso, na prática é isso, a cada três semestres você deve um, você estende um. na melhor das hipóteses você deve um as vezes e um pouco mais né? Então foi um curso longo né? Mas um curso sem dor, eu não reclamo não, eu acho que assim, valeu cada caminhada, cada caminhada do terminal de Niterói até o (Valonguinho?), eu sou da turma que fez a mudança do (Valonguinho?) la pro prédio novo. Mas valeu, valeu sim as caminhadas, as campanhas, (?) né? Valeu as festas, tem o que reclamar não. Porque também tem isso assim, a gente sabe que paga um preço mais caro, a classe popular paga um preço mais caro pra dá conta. E a gente é de uma geração menos assertiva que a garotada de hoje, 'isso é problema meu, vou resolver', eu pelo menos não conseguia ter essa leitura de que a instituição precisava ser mais acolhedora pra mim, a leitura era que 'o problema era meu, eu que tinha que resolver'.

Amélia: Santana eu também procedia assim. Às vezes eu atrasava algum trabalho, e nunca pedia extensão de prazo, eu achava que eu precisava ter dado conta, se me pediram eu precisava dar conta. Os professores sabiam que eu trabalhava e eles chegavam pra mim e davam um prazo sem que eu pedisse, mas eu não pedia, porque eu achava, tal como você, que o problema tinha sido meu.

Santana: E isso é tão duro que a gente demora a tomar essa consciência, mas o ensino em relação a escola começa a ganhar espaço mais pro final, a Tomoko era professora, mas eu não tive aula com ela, mas outros colegas da turma tiveram então eu acompanhavam alguns eventos porque já fui me vinculando a GB Niterói, a sessão local de GB Niterói, no final da metade do curso em diante, e ai você acompanhava esses debates e essas discussões sobre o que é ser professor, o primeiro (?) professor em 87 ne?! Em Brasília eu não consegui ir, porque o trabalho não permitiu, mas a turma volta superanimada com o debate acalorado do que aconteceu e como o ensino da Geografia se impõe no debate da GB, então isso começa a ocupar espaço e vai apagando o que era só técnica e o que era são resultado de metodologia, e ai uma amiga no finalzinho me oferece

pra substituí-la em uma escola, e aí eu chego na escola né?! É a escola que eu vou ser o professor não era mais o estagiário, o estágio eu fiz no Liceu, estágio da UFF eu fiz todo ele no Liceu, e é um estágio que quando eu vou dá aula no estágio eu não vou fazer aquilo, porque é um estágio que a gente ficava dois meses treinando, encenando o que seria a aula de avaliação do estágio, não era uma aula de estágio que a gente discutia o que era tornar-se, tornar-se professor.

Amélia: Era uma coisa de apropriação do que era escola, do que era geografia, do que era o sujeito.

Santana: Não, na escola você tem que apagar o quadro de cima para baixo, dividir ao meio, colocar a data primeiro, eu lembro que eu fiz um cartaz com o piloto que eu tinha, que era um piloto verde, e eu perdi pontos na avaliação do estágio porque eu usei o piloto verde num cartaz feito num papel pardo, porque segundo o professor a cor verde não é muito favorável a visão de longe, e de fato não é, são que isso nunca tinha sido dito, brevemente na discussão com a gente. E assim, você tem que apagar o quadro de cima para baixo, se passar o apagador debaixo pra cima perde meio ponto, então era um estágio pra você cumprir muitas regras, era uma encenação, e aí é por isso que eu digo, assim tinha uma agenda, e toda a turma tinha que dar aula na escola pra uma dada turma em um certo tempo, o professor dizia qual ia ser o assunto, e a gente sabendo brevemente o assunto da aula e 'eu vou dar aula na primeira semana de Dezembro' então eu vou ficar o mês de novembro acumulando o Máximo de informação possível sobre o assunto daquela aula, ler os livros didáticos, preparar o material, escrever o plano de aula naquela tabelinha bem formal, cumprir a risca e não deixar faltar nada. Por isso que eu dizia assim, era um estágio pra gente encenar pro professor o que ele queria ver, quando no cotidiano isso não ia se repetir nunca mais, porque eu não tenho sempre dois meses de preparação pra dar uma aula, como professor a gente chega em casa essa hora as onze da noite e as 07 da manhã tem que pensar aula de novo, em uma escola e a 12:30 em outra escola, com mais outras seis turmas, então assim, é outro cotidiano, outra dinâmica de funcionamento.

Amélia: É muito mais produtivo, entender a escola, sua dinâmica cotidiana, compreender o currículo. Se nos apropriamos talvez consigamos manejar melhor os processos que envolvem a escola do que preparando aula por dois meses.

Santana: É, porque era pra cumprir uma normativa assim ne, era a formalidade, você cumprir uma compreensão formal do que é dar aula, dar uma aula e o que é uma aula, o que é a didática e tal, então passou ne.

Amélia: Santana, talvez, do ponto de vista do estágio docente, da concepção de estágio poderíamos apontar que foi, de certa maneira, apresentou avanços qualitativos. Dos estágios que já vivenciamos e, de alguma maneira, esses você desenha, que você narra, percebemos que o estágio docente foi sendo revisitado, mesmo que ainda tenhamos muitas questões à serem revistas, reconhecimentos que, de alguma maneira, avançou muito, não sei se esse é o melhor termos a ser utilizado.

Santana: Avançou na compreensão, teve gente dedicada a qualificar essa dimensão do estágio ne, acho que a gente deve muito a professora Tomoko por essa trajetória, pelo menos no Rio de Janeiro.

Amélia: Acho que a palavra qualificar é bem bacana, a palavra que você utilizou. Acho que a palavra avançar não é boa, uma qualificação de uma certa concepção de estágio docente.

Santana: Isso, e uma qualificação que não vem só pra se afirmar como tal ne, mas é uma qualificação que pergunta pela pertinência dessa dimensão formativa na formação do professor, quer dizer, qual é a pertinência que tem o estágio para formar um professor de geografia na formação inicial, e qual a pertinência dessa relação dentro do currículo de licenciatura, ne?!

Amélia: Qual o papel, qual o sentido, qual o significado?

Santana: Isso. Tem uma pertinência que estabelece então uma relação entre o que se pensa e o vivido ne, a idéia de pertinência que eu trabalho muito com essa lógica, de que as idéias precisam ter uma relação com o vivido, com a pratica ne?! e a coerência tem que ta em ambas ne, a coerência precisa ta no campo da compreensão ne, ou do que é idealizado, que é o metodológico e o teórico, e a coerência precisa ta na pratica e fazendo esse conjunto que tem pertinência e coerência na relação teoria-pratica mas tem coerência também em ambas separadas, porque a relação teoria-pratica são vai ter coerência se separadamente elas também tiverem, porque se forem elementos distintos que tem incoerências internas na hora de fazer a relação teoria-pratica isso descama, então a

relação fica prejudicada. e aí eu chego nas escolas e vou me encantando cada vez mais com a escola ne, e ai no ano seguinte eu já to concluindo o curso, e ai já entro na rede pública porque eu passo no primeiro concurso, pra rede pública de e a rede pública de Itaboraí, a escola especificamente de Itaboraí é que me tornou professor.

Amélia: Nossa, você voltou pra sua escola que você foi aluno?

Santana: Não, eu voltei pra escola que eu fui aluno muito tempo depois pra ser professor não, pra acompanhar estágio.

Santana: É a escola que eu trabalhei, foi o primeiro vínculo com o mundo público.

Amélia: Então a tua primeira escola é aquela que você iniciou sua prática de professor?!

Santana: Não, eu comecei a prática, o contrato que a minha amiga me convidou era uma escola de campanha, escola de excelência de São Gonçalo, a escola de Itaboraí é a primeira escola pública.

Amélia: Aah a primeira escola pública, entendi.

Santana: É e pelo perfil que se formou dos professores daquela escola eu digo que aquela escola completou a minha formação, o meu tornar-se professor foi la, porque foi naquela escola que um dia eu pensei que a graduação não era o suficiente, talvez eu pudesse ter um mestrado (?), porque foi o contato com os meus colegas de outras áreas que a gente ia estudava muito, é uma escola que a gente trocava muita leitura entre os professores, então foi uma escola que foi me constituindo de uma maneira mais firme, mas o movimento (?) ta na raiz disso ne, porque tem sido o graduando atuante na sessão local, da GB Niterói, me colocava em contato com o debate que se discutia na geografia brasileira, e particularmente o que se falava do ensino, então se tinha o Rui (?) em 87 "DISCUSSO DO avesso" ne, todo o debate sobre o lugar do professor de geografia dentro da GB, a parte do fala professor, a insistência de que os professores tinham algo a dizer dentro do movimento (?) a ponto de chegar até um professor da educação básica ser presidente da GB, coisa impensável para os criadores da Gb, porque a GB foi criada em uma perspectiva de hierarquia acadêmica muito pesada e além da hierarquia acadêmica muito pesada, e viemos falar de hierarquia acadêmica na primeira metade do século 20, e em meados do século 20, é falar de uma hierarquia que ta muito vinculada ao poder político e ao poder da terra. Então são podia ser agente, como vou dizer, são podia ser um

agente hegemônico, preponderante e atuante dentro de movimento como a GB e outros quem vinha de uma trajetória de classe privilegiada, e eu estava entendendo que o que a gente ta vivendo nos anos 80 era que outra lógica era possível, havia uma ruptura possível dentro do (?), então essa marca, quando eu me formo professor isso acompanha ne, então eu vou pra escola pensando também nisso, obviamente tem também as militâncias externas, sindicais ne, que se tornam, não era são o acadêmico. e ai eu acho que em algum momento eu preciso voltar a falar disso ne, quando eu disse lá no início, que muitas das escolhas são distintas das que eu vejo hoje muitos alunos fazendo, quer dizer, tem alguns alunos que quando chegam, alguns ficam perdidos, alguns também quando descobrem o mundo da universidade, especialmente aqueles que são os primeiros da família a chegar, mas a gente tem uma marca muito forte de alunos que chegam na universidade já com o projeto de ir pro doutorado, entendeu?! Porque vem de histórias, vem de trajetórias de orientações outras que a minha geração não teve.

Amélia: A construção que Bourdieu nos fala sobre do capital cultural.

Santana: Isso, então isso é diferente de escolher o que quer e ter que escolher o que precisa ou o que é possível, isso é muito diferente.

Amélia: Quando a gente vai pensando nas narrativas estruturarmos as nossas histórias, pensamos nos marcos. E você fala como é que a AGB é esse marco, no teu processo de formação como professor.

Santana: Isso. Eu digo que eu não desperdicei nada, que o que eu podia viver (?) eu carreguei ate hoje, dentro da melhor maneira possível continuar colaborando com a GB até o momento.

Amélia: E vão criando outros marcos ne?!

Santana: É, e tinha ficado a sementinha dessa construção de alguém que faz pesquisa e da falta de produzir um artigo que foi o vínculo com o Rogério na iniciação científica, são que a vida exigia que eu fosse trabalhar, e eu vou trabalhar ne?! E ai passo na escola de Itaboraí, vou pra uma escola que tava sendo inaugurada, então é uma escola que não tinha tradição na cidade, era uma escola nova, a escola não tinha nem muro, o que cercava a escola era acerca da obra, ne do canteiro de obra, porque a escola foi inauguradas as pressas pra poder voltar a funcionar, mas no dia da gente tomar posse daquele concurso,

a diretora da escola vai nos seduzir pra escolher aquela escola, ela vai pra porta, é uma professora nova de uma escola recém inaugurada que precisava de corpo docente, porque não existia ne, a escola não existia logo, então no dia que o pessoal do concurso vai pra secretaria tomar posse ela fica do lado de fora andando no meio da gente e perguntando 'você é professor de que?' 'eu sou diretora de uma escola que a gente vai inaugurar' 'não quer ir pra lá?' 'é perto e não sei o que...', então ela vai fazer esse jogo ne, e como naquele dia são foi tomar posse o pessoal que tava na fila da frente da classificação, ai os primeiros colocados acabaram indo pra aquela escola, porque era uma escola relativamente de fácil acesso em Itaboraí, a gente andava 10 minutos do ponto de ônibus e chegava na escola. Mas era uma galera muito estudiosa, muito boa, muito criativa, e aguerrida porque muita gente com história de militância sindical, partidária, de movimentos de mulheres, movimentos negros. Por isso que eu digo que aquela escola me formou, porque era uma escola onde a gente aprendeu a discutir o que eram os projetos pedagógicos da escola, enfrentar a secretaria, enfrentar prefeito, enfrentar o dono do lugar que é os vereadores, tios e pais dos alunos iam com a gente, uma escola muito fantástica ne, e a gente chamava de escola das casuarinas, porque ela era em um terreno doado pela família de um ex-prefeito, era um antigo pasto cercado de casuarinas ne, e a escola no meio, por isso que chamavam de escola das casuarinas, o nome oficial é o nome da família ne, Guilherme de Miranda Saraiva, Escola municipal, mas pra gente ela vai ser pra sempre a escola das casuarinas, eu acho muito mais bonito. (Risos) Mas a gente não conseguiu mudar, eu fiquei 20 anos nessa escola, eu saí dessa escola quando eu assumi a direção da (FFP?).

Amélia: Você ficou 20 anos nessa escola! Você foi até onde foi possível nessa escola.

Santana: É, eu fiquei 6 meses, não fiquei mais, eu fiquei 8 meses como diretor e ainda indo dar aula na escola, mas no final das contas a dinâmica da universidade começou a fazer eu ser um professor que faltava muito, ai eu pedi licença não remunerada, e ai quando chegou no final de 2012 depois de uma longa greve da UERJ a gente conseguiu finalmente ter dedicação exclusiva, e ai eu fiz a opção, que eu tava no cargo eleito, e ai se eu fico afastado os 4 anos que eu tinha que cumprir como diretor eleito, eu ia voltar, eu não ia voltar pra escola, eu ia voltar pra secretaria e poderia ir pra qualquer outro lugar, ah não, construir tudo de novo em uma escola nova, e eu não vou ter mais 20 e poucos anos (risos), ai eu fiz a opção pela dedicação exclusiva e ai me exonerei. Mas eu tenho que registrar que a escola das casuarinas foi um marco que formou o professor Santana ne, de vários sentidos, de entender a lógica das geografias que ensinava, por mais que

tenha o exercício de sensibilidade, o contato com os alunos te impõem outros sentimentos, outras lógicas e surpresas ne, ate nos momentos difíceis e combativos a surpresa do desafio que eles representam é fantástica assim, porque os alunos da periferia exigem o Máximo da sua piedade, exigem a sua total humanidade, não é o total do que você sabe da teoria do Milton santos ou da geografia, eles exigem você, o sujeito que está diante deles, a sua humanidade, pra com eles chegar e dizer assim 'nós estamos aqui assim' e isto é geografia, e a partir daqui a gente estabelece essa conversa. Então assim eu tenho histórias lindas, difíceis, duras, que foram me moldando assim, hora com um cinzel bem suave, hora tirando lasca. (Risos)

Amélia: Encontrando essa medida ai ne?!

Santana: É isso que a educação da juventude periférica pede. Ai eu depois combino experiências, com escolas de classe média, classe média alta, vivendo sempre esses conflitos e vendo a diferença. Uma coisa que a UFF não permitiu, essa sensibilidade que a gente discute com os alunos, sobre situações especiais do ensino e aprendizagem no estagio 4, foi experiência formativa que eu não pude ter ne, na universidade, mas a escola me obrigou a aprender ne, o problema é que essa possibilidade única de ter que ter aprendido na marra teve um preço alto pra mim mas eu penso que teve um preço alto demais pra uns alunos meus, por exemplo, quando eu são descubro 8 meses depois convivendo com uma aluna que ela é disléxica, e eu não sabia o que era dislexia, porque nenhum professor de psicologia da educação e ninguém na universidade em nenhum momento chamou a minha atenção para diferentes distúrbios, que é da dinâmica, não é necessariamente neurológico mas são dificuldades que as pessoas tem, ia é assim, como é que uma aluna querida não dá conta de fazer as coisas que a gente encaminha se todo mundo ta fazendo, e ai eu sou vou descobrir qual era o problema da guria 8 meses depois, porque, foi são ai que por algum motivo a família chegou até a gente pra dizer 'olha ta aqui o laudo da minha filha', mas a escola foi muito lenta pra fazer isso chegar até a nós ne. E ai você estabelece o vínculo com as famílias, vira amigo da família pra entender o quê que era sabe?! 20 anos depois a gente ta dando aula pro primo, pra filhos de ex-alunos e tal, mas lá no início foi bem duro, eu digo que alguns alunos tinham essa necessidade, que eu compreendesse a necessidade dele mais rápido, eles foram prejudicados porque eu não dei conta, porque eu não tinha condição de atender. Os que vieram depois deles foram mais favorecidos, a primeira que estudou comigo não se deu muito bem, quando chegou o 3 primeiros 4-5 anos depois, eu já tinha tropeçado, e ai podia dizer "agora eu não tropeço

de novo porque sei o que fazer". A formação de professores tem isso a deficiência que a gente, não é que a gente permite, se permitisse é porque não tinha consciência ne, a deficiência que a formação inicial deixa marcas no professor, tem conseqüências pra ele, se ele é uma pessoa que se importa com o que faz, vai ter conseqüências muito fortes pra juventude ne, pro corpo estudantil.

Amélia: Isso me faz pensar Santana como a experiência foi te formando professor e você foi repensando a sua prática. Hoje temos, pelo menos alguns de nós, um arsenal maior tanto do ponto de vista filosófico, mas também pedagógico e das reflexões mais críticas do que é necessário para construir um professor crítico e, ao mesmo tempo sensível na produção das suas pedagogias. Mas o que me chama a atenção é que mesmo com esses elementos que dispomos hoje, vão ter professores que chegarão na sala de aula e não vão ser tocados pela experiência, e não irão repensar a sua prática. Isso me faz lembrar do Jorge Larrosa quando faz diferença aquilo que vai passando pela gente e de fato não se torna experiência, é um acontecimento cotidiano e aquilo que dá sentido e significado para o nós somos. E tem professores que conseguiram aprender com as experiências porque aquela experiência o fez se repensar e, portanto, construir outro sentido e significado para o que estão fazendo. Acho bem importante a tua narrativa.

Santana: Por isso que eu digo assim 'pra quem se importa', porque se for um professor que não se importa, com esse exercício de sensibilidade, esse exercício de olhar pro outro, um aluno é só mais um aluno ne. E ai assim, ai depois eu faço concurso pra outra rede pública, que é a rede pública de São Gonçalo, que eu digo que é a rede que eu não dei certo, eu não consegui ser professor de São Gonçalo, na rede municipal, ne, combinado depois com as escolas privadas de Niterói, e ai a gente acumula a necessidade de trabalhar já com a vida ... Mas ai chega em um momento em que assim, já com 4 escolas, chega um convite, por conta desse vinculo (?) ne, com certa militância sindical do sindicato dos professore, nunca como protagonista ne, sempre da base, chega um convite do Rui pra montar um grupo de estudos, (?) Moreira tava na UFF ainda, e queria montar um grupo de estudos que ele pretendia defender um perfil específico de projeto dentro do que seria a criação da pós-graduação da UFF, e ai o Rui chama um conjunto de ex-alunos, todo mundo com uma certa passagem pela GB, se não queria fazer um grupo de estudos que a gente ia se encontrar quinzenalmente com ele, pra ler uns textos e fazer essa relação fala-imagem-fala na geografia ne, e vincular com a pratica docente que a gente tava carregando ne, e ai ele me traz de volta pra estudar ne.

Amélia: Você já tinha feito mestrado nesse período?

Santana: Não, mas é a vivência no grupo que me empurra pro mestrado, então assim, vou vim pra esse grupo, encontrar esses colegas, reencontrar esses colegas, porque nós nos formamos e cada um foi pra um lado ne, isso já foi, sei lá em 95, já tava ai com 4-5 anos de estrada, de história, e ai o Rui faz esse convite e a gente volta a se encontrar ne, só quem estava fazendo mestrado na época era o Marcos Couto, são ele estava fazendo mestrado, e estava no grupo também, mas tinha vários outros colegas de relações antes de mim e depois de mim da UFF que são chamados pelo Rui pra ir pra esse grupo e a gente vai lá discutir, na verdade a gente descobre depois que era uma disciplina que o Rui deu durante muito tempo lá na graduação da UFF, que era justamente fazer essa discussão desse discurso fala-imagem-fala na geografia, de uma geografia que é discurso, mas que esse discurso constrói uma imagem sobre o (?), sobre a paisagem, mas isso construído volta a ser discurso e fala e vira no, na ideia do espiral que se alimenta, se transforma, que vai se substanciando em uma coisa nova a cada momento. Mas ai no período do grupo de estudos a UERJ abre processo seletivo para a pós-graduação, e uma colega quer ir fazer a prova e não quer ir sozinha, ai eu falei 'mas eu não quero fazer mestrado na educação não, a gente ta discutindo aqui na geografia e eu quero fazer mestrado na geografia', mas eu não tinha nem noção de que era impossível fazer mestrado na geografia e discutir ensino.

Amélia: As condições naquela época eram bem precárias, não tinha a mínima condição.

Santana: E ai eu vou acompanhar essa amiga pra fazer a prova do mestrado e eu acabo passando, lamentavelmente ela não passa, ela faz mestrado um tempão depois, e ai eu faço mestrado em educação na UERJ do Maracanã de 1996 até 2000, defendo mestrado só em 2000, e de novo aquela coisa de fazer o que é possível e o que é preciso, porque afinal você se propôs ne, tem algo que é preciso fazer que não dá pra abrir mão ne. E ai novamente, fiz o mestrado com criança pequena, 3 escolas, e ai só no finalzinho do mestrado, já tava com a dissertação escrita, e tem um concurso pra escola federal.

Amélia: Você trabalhou no Instituto Federal?

Santana: Na época não era Instituto Federal, era uma escola federal chamada Fundação Ozório fica la no Rio Cumprido, que é o mesmo vinculo CEFET, os contracheques eram

idênticos, mas a Fundação Ozório era uma escola, que como o nome dizia, era uma escola nas terras do general Ozório, que ele tinha terras ali na área da Tijuca e Rio cumprido, por isso que tem o nome dele, porque quando volta da guerra ele doa aquela terra pra criar um orfanato pros órfãos dos subordinados dele ne, e ai cria la a Fundação Ozório que era um internato, quando eu entro a Fundação Ozório evoluiu de um orfanato, pra um internato pra virar uma escola, administrada por militares ne, pelo exército, mas é uma escola que já tem da educação infantil ao ensino médio, todos os níveis de ensino tinha na Fundação Ozório, mas foi um lugar que eu entrei porque era uma conquista profissional, pagava bem as contas, mas chegando lá, essa não, não dá pra fazer carreira em uma escola que chama educação de adestramento ne, é uma coisa completamente desvinculada de um perfil de formação, e de militância, de compreensão política, compreensão da vida. É, mas foi um período interessante, aprendi um montão com aquelas crianças ne, com aquelas famílias ali, é eu saí da fundação quando tem o concursos da UERJ ai eu faço concurso pra lá, na época ainda se fazia concurso pra professor assistente são com o mestrado, mas foi um período bem difícil porque a autonomia docente conquistada, forjada nesse âmbito da rede pública com Tamborai, escolas cooperativas, escolas públicas de classe média e tal, entraram em conflito, porque era muito difícil ter no lugar de um colega pedagogo, um coronel que se arvorava a revisar a prova de geografia, história, matemática, literatura, química, administração, língua portuguesa, não pelo o que ele sabia mas pela patente, aquilo era uma afronta, era muito desrespeitoso, profissionalmente falando, ai eu falava assim 'a eu tô aqui de passagem' cantava a música da Marisa monte indo pra lá "eu estou aqui de passagem, não sou da sua rua, eu não sou o seu (?), eu não tô na sua casa" ne, eu estou aqui de passagem e passei ne, pro concurso da UERJ.

Amélia: Qual era o ano, quando você passou para o concurso da UERJ?

Santana: Pra UERJ eu passei em 2002.

Amélia: Em 2002, não é porque quando você falou da música da Marisa Monte, é mais ou menos essa data.

Santana: 2002! Era álbum mais, era o álbum azulzinho. (Risos)

Santana: Pois é, no dia que o tenente vira pra gente, quando dois meninos desmaiam fazendo ordem unida na quadra no sol do Rio de Janeiro no verão, que aquela era uma turma bem adestrada e ele gostava de ver aquilo, pra quê que as crianças tem que ficar 3 horas de pé na quadra esperando o general chegar, ai você não entende, eu não vou entender mesmo não, porque não tem sentido nenhum do ponto de vista formativo, isso não agrega nada pras crianças, e daquele dia em diante eu passei a cantar essa musiquinha da Marisa Monte quando ia trabalhar. E me falaram assim, 'cara se você ficar lá com o doutorado vai ter um salário muito maior', e eu falei assim 'eu não sei se eu tivesse ficado lá tinha conseguido nem fazer o doutorado' entendeu?!

Amélia: Como que essa escola ta hoje Santana? Você tem notícias assim, ela melhorou?

Santana: Não tenho, ela continua sobre o mesmo domínio, ela continua sobre a mesma ordem, é eu não queria ta na pele dos que continuam la não. Mas os meninos era meninos ne cara, o problema nunca é as crianças eu acho, 99% das vezes o problema não ta nas crianças, ou ta nos pais ou na instituição, as crianças estão ali pra se relacionar com a gente e aprender um montão ne, um outro caso se a gente vai estudar direito e entender a condição delas, a gente vai ver que o problema não está nelas. E ai eu viro professor da Universidade marcado por isso, como é que a gente vai formar professor com essa sensibilidade ne, precisa saber a geografia, que é o tripé do curso ne, precisa ter domínio do que é geografia, precisa ter domínio do que é pedagogia e aprendizagem, precisa reconhecer que a gente não vive isolado, que a gente não funciona isoladamente dos movimentos sociais e da dinâmica da sociedade, e ai a gente vai ser professor formando os professores com essa idéia, e assim, nenhum aluno meu quando vai pro estagio, ele tem que sair de lá pensando o seguinte, o estágio precisa ser o lugar em que a gente desmonta a docência como improviso, porque não pode ser improviso, a docência tem que ser um projeto, tem que ser plano, o plano pode até ser, é como é que eu vou dizer...

Amélia: A gente improvisa dentro do (planejado?).

Santana: Justamente, o plano de aula é flexível, mas o professor não pode chegar na sala de aula e olhar pro aluno do lado e falar assim, onde que a gente parou? Onde a gente tava no livro? ne?! Ele tem que... e é uma questão de respeito, isso foi uma discussão que a gente tinha com uma professora que era bem conhecida, chamada de casca grossa

durante o mestrado, porque foi a primeira pessoa que eu ouvi dizer pra outro professor assim 'você não tem o direito de falar eu acho, você está no mestrado, ou você pensa, ou você entende, ou você compreende, ou você não tem o que dizer, você não tem direito de falar eu acho, na condição de profissional que você se coloca', eu gostei muito disso, pode parecer duro, mas eu gostei., porque é uma chamada de responsabilidade muito forte ne, porque era uma professora que tinha essa postura meio ríspida de cintura, mas a gente chagava pra aula e a gente percebia o esmero que o que ela apresentando pra gente tinha sido preparado, isso é respeito.

Então com as crianças respeito se faz assim, ela falava assim 'a aula é um momento muito pequeno do que o que é ser professor, mas é na aula que se presta contas' ne, ela usava esse jargão, é no momento da aula que você presta contas de que professor você é, então combina com esse jeito de autocobrança de seriedade que vinha forjando a gente antes ne. Mas ainda tem as descobertas ne, na turma do mestrado tinha algumas pessoas bolsistas licenciadas que, eu trabalhando em 3 escolas, então chega um momento em que eu não tava dando conta de entregar os relatórios e os trabalhos da disciplina feito com a minha orientadora, e aí eu vou pra uma reunião com ela de orientação e eu chego lá são pra dizer assim 'cara eu tô envergonhado, eu não fiz uma porção de coisas' ne, o grupo de pesquisa chegava com um monte de coisa pronta, mas eu falei assim 'professora você viu que das 5 pessoas do grupo 3 chegaram com tudo pronto, são eu e mais outro que não chegou' aí ela esperou a reunião acabar e falou assim 'Manoelzinho olha pra sua condição, você é professor que tá trabalhando, essa pessoa que você citou, ela está de licença com um salário de outra universidade, tá morando no Rio de Janeiro por outra trajetória, acompanhando o marido militar, então ela tem esse salário, acompanha o marido militar e mudou pra cá com a família inteira, inclusive a empregada, e você está dando conta das suas coisas', aí eu me desmontei porque eu não esperava isso ne, porque você está na academia, mas eu fiz o mestrado no tempo que a gente podia fazer. Pois é, eu fiz a seleção em 2006 defendi em 2010 eu fiz em 3 anos também ne?!

Amélia: Isso, em três anos. E agora fica difícil ne?!

Santana: É agora fica difícil, mas assim aquela radicalidade lá do início aprendendo na marra com as crianças, mesmo depois volta a relação agora com esse mundo acadêmico quando eu tô no mestrado e com essa coisa de já marcado aqui com a retomada dos estudos no grupo ne.

Amélia: O estudo do grupo que você está falando é na educação ne?!

Santana: É mas o grupo que me levou ao mestrado, na verdade é o grupo do Rui ne, é o grupo de estudos com o Rui na geografia da UFF. E ai depois fica a vida na universidade, eu me mantive 10 anos como professor universitário e como professor na rede de Tamborai, quando chega, isso é uma coisa boa também de Itaboraí ne, era uma rede que tinha conflito, uma rede que tem muitos problemas de gestão, porque tem muita gente que não, que é gestor da rede por vínculos e apadrinhamentos políticos, mas eu me deparei com a equipe da escola e com algumas personagens na secretaria que sempre viabilizavam uma certa abertura por exemplo, pra frequentar os eventos, frequentar os encontros de práticas de ensino, frequentar os Fala Professor, os encontros (???), sempre que pude eu conseguia ir aos eventos, eu levava a experiência dessa escola, porque a rede de alguma maneira, pagava alguma coisa pra eu ir, era são reivindicar, assim eu não resolvia tudo, mas durante os 10 anos que eu fiquei lá e na UERJ eu a mais eventos com a ajuda de custo da prefeitura de Itaboraí do que da própria universidade. Obviamente eu era um sujeito que vivia cobrando e pedindo ne, tem um evento triste nessa trajetória, que eu fiquei 20 anos nessa escola.

Amélia: A diretora mudou ne, não era mais aquela que foi na fila recrutá-los ?!

Santana: A diretora mudou, umas três ou quatro vezes, mas tem uma colega de geografia, que ela nunca foi a nenhum evento, por mais que a gente tivesse dentro da escola levando divulgação, chamando e provocando e tal, alguns colegas nunca se mobilizaram pra ir. E ai um momento de conflito na equipe de geografia vivido nela, que também marca a profissionalidade, foi uma situação que a gente tinha que apresentar um planejamento, e ai depois de 4-5 reuniões que eu chegava com os meus rascunhos, que viravam o resultado da reunião, que ninguém mais tinha levado, eu resolvi na quinta reunião não levar nada e foi um constrangimento enorme, porque não tinha pauta, e ai depois do constrangimento forçado a barra, 'mas você não trouxe nada hoje?' eu falei 'não', ne, eu já tava fazendo mestrado nesse momento e eram 3 mulheres e eu, e ai virou um momento tenso de cobrança e eu falei 'não, eu não trouxe nada e eu não vou dizer nada nessa reunião, eu estou aqui pra apoiar e o que vocês resolverem eu assino embaixo, mas vocês vão ter que formular', 'mas você vem de uma trajetória de estudar, tá fazendo mestrado a gente é dona

de casa' ai eu falei 'então a reunião acabou, porque eu não estou aqui pra falar com dona de casa'.

Com as professoras, porque dono de casa eu também sou, eu também lavo fralda, limpo bumbum de criança, e lavo banheiro, eu tenho a casa pra cuidar também, mas aqui não é o lugar, e ai essas colegas nunca acompanharam nenhum evento de geografia junto comigo. Isso marca, o que marcou a profissionalidade docente, porque era o confronto com a escola em que a ocupação de alguém que tem uma atividade secundaria pra pagar conta ou bico ne, e ai eu lembrava do filme 'Amadeus' ne, que pra falar eu tenho que dá o spoiler ne, que a grande crítica do filme ao fim é a crítica a mediocridade, a docência não pode ser um lugar de mediocridade, porque o mundo já tem muito, se a gente não combater isso dentro da escola e na formação docente, a possibilidade de transformação é muito pequena, o combate a mediocridade tem que ser uma pauta permanente na formação do professor, que é pra nenhum outro colega ter que ouvir das suas companheiras de trabalho e dos seus companheiros de trabalho que 'eu sou dona de casa, quem estuda é que é intelectual, quem vai pro mestrado, quem ler muito é que é intelectual', o professor precisa ter uma atitude intelectual, acho que vem daí uma insistência ali nos projetos e na formação, é que o professor tem que ter autoria, diante de si e diante da vida, então essa é uma marca que fica dessa trajetória.

Amélia: O papel da autoria né! Você nos interroga como formadores sobre a necessidade dessa autoria e como nós que estamos na condição de formadores(as) de professores precisamos compreender isso. Para colocar isso como pauta também, como que a gente vai construir junto com os nossos licenciandos e licenciandas em formação essa idéia da autoria, construir pedagogias que possam levar a autoria.

Santana: E é uma autoria, que não é uma autoria do texto meramente ne, pensando essa atitude diante do seu público na escola, é uma autoria diante da vida, é uma autoria da vida ne, é uma autoria na capacidade de produzir um material didático, é uma autoria na capacidade de formular uma atividade com começo meio e fim que façam com que os sujeitos que vão passar por ela olhem pra trás e pensem "nossa olha o que eu aprendi" ne, "olha que possibilidades diferentes que eu tenho de fazer as coisas" ne, é uma autoria na capacidade de formulação na atividade profissional e também na vida ne. E depois teve a vida de professor universitário ne, fui me afastando das escolas básicas cada vez mais, porque a gente vai envelhecendo também ne ai baixa o pique, e também tem duas lições

aprendidas com dois grandes mestres ne, o primeiro foi o Carlos Walter, quando la na formação inicial, ele um dia disse pra gente assim 'não é possível que quem viva do trabalho sonhe em ficar rico' eu como vim de filho de lavrador não tinha a menor pretensão de ficar rico, e depois no livro do Asis (?) "O que é ser geógrafo?", tem uma frase dele assim 'que o geógrafo tem uma existência simples mesmo' uma frase do Asis é essa ne. Ai eu vou olhando pro que eu estava vivendo, as crianças crescendo, e tipo assim, eu não preciso ta em 5 escolas, até porque a autoria fica comprometida, porque você só repete o que é dos outros, nenhuma reflexão sua, ai eu fui saindo das escolas, mas mantive o vínculo com a prefeitura de Itaboraí, com a escola de Itaboraí, acho que muito por uma relação afetiva ne, foi uma construção tão forte, tão base lar, que foi uma escola básica que eu sai e sinto falta até hoje, fico maravilhado quando a gente podia aglomerar nas manifestações políticas no Rio e lá encontrava uma porção de ex-aluno, muitos na universidade 'aah professor que bom que você ta aqui, que coisa boa', um monte de gente formado em história, língua portuguesa, e o quê que era bom que a gente conseguiu imprimir naquelas crianças a possibilidade de ir pra universidade num bairro que ninguém falava de universidade ne, então assim, é o filho da lavadeira, do pedreiro, do servente ne, da caixa mercado que estudou na periferia e sonhou que podia ir pra universidade e a gente encontra depois ne. E ai assim, eu vivo o tempo de universidade de uma maneira bem diferente, tem uma experiência da gestão ne, também novamente não por pretensão mas porque o departamento de geografia tem muito disso de que tem projeto institucional a ser cumprido e alguns de nós algumas vezes vai pra função que tem que ser feito, obvio que tem gente que tem perfil, tem gente que gosta, tem gente que deseja.

Amélia: E outros que não, vão porque precisam ir.

Santana: Precisa ir, alguém precisa, a gente considera que esse ta habilitado, e eu acreditei nessa coisa da gestão e fui diretor da faculdade 4 anos, aprendi um monte de coisas, um monte de outras coisas que a gente não vê quando é só professor da universidade ne, mas, eu não sei se combinado com a crise da UERJ, por mais que eu esteja revivendo, passa um tempo de meio desencanto com o que a gente faz na universidade ne, com esse distanciamento da educação básica e um perfil de geração de licenciando que no lugar dos projetos coletivos de nação, de movimentos, ta muito mais marcado por projetos individuais, de construírem, de conquistar o seu canudo, o seu título, e ser alguém que faz, e ai a gente viveu uma porção de conflito, e eu comecei a me

perguntar, e ai foi um dos papos que eu tive com duas colegas professoras durante o Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Belo Horizonte, aquele fatídico encontro de pratica, onde a gente sai de ir pra relaxar, tomar um chopp depois daqueles conflitos todos e eu falei assim 'cara eu não estou vendo muito assim, eu acho que o ser professor na educação básica faz muito mais diferença e é muito mais interessante do que na universidade', e ai eu falando isso de maneira bem desencantada ne, 'mas porque você ta falando isso?' ai uma aluna que hoje é minha orientanda no mestrado mas em 2017 não era, nós éramos colegas professores, ai eu falei assim 'quando eu encontro os meus ex-alunos da educação básica, e eu lembro que eles eram crianças e eu encontro mulheres e homens nas manifestações, no ônibus, em ambiente de trabalho e eles diziam assim," o que aconteceu comigo foi escolha lá da escola, não foi no ensino médio que mudou, foi lá quando eu estava na infância e vocês lá" e eles citam os nomes dos colegas professores que deram aula pra eles, "foram vocês que plantaram a sementinha" e quando eu olho pra isso dá um impressão de que aqueles professores fizeram a diferença, mudaram a trajetória de vida dessas crianças, na universidade a pega um monte de adultos que já sabe o que quer e na maioria das vezes já sabe tudo, nem precisa da gente, e ai eu vejo a função do professor muito esvaziada na universidade' ai ela fala 'ah você não pode pensar isso porque eu sai da minha formação inicial e foi o contato com o trabalho de vocês que me resgatou pra procurar ser uma professora melhor, você ta muito pessimista', e eu falei 'é pode ser'.

Amélia: Tem momentos em que nós ficamos mesmo ne?!

Santana: É, mas esse lidar com a vida universitária, com o público que muitas vezes pouco reconhece o que é ser docente, e a própria universidade refrataria a essa condição de docente, porque tem um público na universidade que se vê somente como pesquisador ne, e (?) a docência, e ai uma colega, que inclusive trabalha no departamento de pedagogia aqui, a gente teve um papo desse em uma de nossas assembleias docentes difíceis de período de greve, ai ela falou assim, que foi em 2017 que a gente teve uma crise muito terrível na UERJ ne, ai ela falou assim 'Santana, na universidade você tem a chance de forma um monte de professor com essa sensibilidade que você ta falando, então se você atingiu um número x de alunos na educação básica e aquele número x, mas se você bota nas escolas 5-6 professores, multiplicando o número de alunos na verdade sua capacidade de intervenção aumentou' eu falei 'é do ponto de vista lógico a sua argumentação tem

sentido, agora do que eu percebo e do que chega a mim quase nada, eu não consigo ter esse tipo de comprovação' ne. Agora os projetos que a gente tem feito ne, depois do doutorado, que eu demorei 6 anos pra fazer o doutorado também, porque ai eu falei assim, o doutorado vai ter que ser onde eu discuto a geografia, o ensino de geografia na geografia ne, ai demorei 6 anos pra fazer isso entre o mestrado e o doutorado, e a possibilidade era ir pra USP ne, com a dificuldade de ficar fazendo ponte rodoviária e ponte aérea Rio-São Paulo, discutindo ensino, os conteúdos de ensino, mas o encantamento agora é com a geografia literatura, mais esse estilo.

Amélia: Observando o seu currículo, identifiquei tua relação com a literatura. Daí fiquei pensando as suas primeiras incursões pelo curso de literatura e entendi o teu reencontro com a literatura na Geografia. Já estava na bagagem.

Santana: Tava na bagagem, e eu acho que ela estava no lugar que não era o que tinha que ser feito e o que não era preciso ne, era o que gostaria, o que gostaria ficou pra bem depois.

Amélia: Isso também traz uma certa, um respiro para a formação e também pra esse momento.

Santana: Mas esse debate agora não se separa do ensino, porque a gente continua com a marca de discutir a condição do autor ne, e a literatura trás esse debate do autor, da autoria de novo, bem conjuga, e a gente ta nesse encantamento agora de tocar nessa conversa de geografia e literatura, um projeto recente vai traçar um perfil do quê que os alunos de licenciatura leem de literatura provocado pelos professores nos diferentes cursos em 5 universidades diferentes.

Amélia: Que bacana, é um projeto muito potente ne.

Santana: É, mas eu demorei pra voltar pra ele, eu acho que as marcas la de 2017, 2016, em um período de gestão muito difícil, foi uma recuperação muito lenta, essa condição acadêmica, ainda tá se fazendo.

Amélia: Eu lembrei agora do Sebastião Salgado, quando falou no documentário "O Sal da terra"...." que fotografou os processos migratórios, as guerras e viu muita morte e

chegou um momento de que não acreditava mais na humanidade'. Ele viu dentro da própria guerra as pessoas mercantilizando coisas mínimas como comida. Ele voltou pra casa e conseguiu se recuperar quando compra uma terra, que havia sido da família, junto com a companheira e recuperou ambientalmente. Ele se recuperou junto com a natureza e os ecossistemas que se constituíram. A natureza fez com que ele se recuperasse. Mas Santana nesse período como professor da escola e nesse momento como professor formador você colocou ai, tem um momento que as coisas assim ficam mais estreitas, você conseguiria classificar, desenhar, apontar alguns desafios para nós que somos professores formadores - entendendo que a gente tá em formação o tempo todo - mas você conseguiria classificar, apontar alguns?

Santana: Pensando alto aqui junto contigo né, eu penso que vai ser um desafio permanente e mais recente tem a ver com essa necessidade eu diria, se a gente vai ser capaz de fazer uma geração de universitários pensar em um projeto de sociedade, não diria de país né, afinal o Brasil é um país inventado, colocar a profissionalidade, seja de qual especialidade for, e aí com um professor (?), é mais sério, mais grave eu acho, esse vínculo entre a conquista da universidade com o projeto individual de sucesso e de resolver a própria vida em detrimento de um projeto de sociedade, de um projeto político mais amplo, de um projeto de humanidade, eu penso que esse é uma encruzilhada que a universidade tá né, agravada pela produtividade acadêmica e pelo carreirismo, olhando pra universidade, o que me põe em conflito hoje é isso, e especificamente em relação a formação de professores, eu não sei se é freiriano ou não, mas carregar a esperança em uma educação para as classes populares, e que dê conta, é um pouco que foi, foi como eu terminei a minha fala no encontro de práticas de ensino no ano passado em Campinas né.

Amélia: Aqueles que a gente aplaudiu você de pé?! Eu estava lá. (Risos)

Santana: Essa coisa de uma educação, ou de um conjunto, ou de uma geração de professores que insistem de verdade na educação da população pobre, da população periférica né, pra que os jovens de hoje não tenham que, como eu, demorar 50 anos pra se descobrir efetivamente negro, essa é uma discussão que eu faço no grupo de geografia e literatura né, que assim, é difícil um sujeito doutorado só cair a ficha dos conflitos que ele vivia na sua história, que não era problema dele, tinha racismo estrutural em alguns dos conflitos que ele viveu, esse reconhecimento de si não precisa demorar 50 anos pra

alguém fazer, se a escola tivesse permitido que gerações e gerações tivessem lido autores negros, entendido a história dos negros no Brasil por outra perspectiva ne, a gente ia se olhar como negro de uma maneira diferente ne. Então eu diria que um desafio que a gente tem é não deixar que as próximas gerações tenham que esperar tanto tempo, então como é que a gente na escola precisa ter professores que coloquem esse reconhecimento do outro em suas diversidades ne, e suas diversidades, tanto faz, múltiplas dimensões culturais, religiosas, da sexualidade e tal, a escola precisa ser um lugar de acolhida, especialmente pra quem é sempre silenciável, sensibilizado, e essa é a tarefa que continua ne, e que apesar dos conflitos que a gente vive de vez em quando, a energia que abaixa que é da condição da humanidade mesmo. É mas esse projeto é a mesma desgraça que abate ne, é aquela que diz 'por isso a gente não pode parar' ne. Porque se a gente parar isso vira um senso comum generaliza mais ainda ne. Eu penso nesses dois focos de desafios, um geral pra universidade e um geral pra gente, específico pra gente na condição geral de professor, pensar na educação que dê conta dessa parcela da população brasileira, que não é minoria, são a maioria, que tem isso negado de si ne, é negado pelo estado e é negado pela sociedade comum ne.

Amélia: Mas só pra finalizar aqui, o quê que você diria pra um professor em formação ou em início de carreira, se você tivesse que dizer alguma coisa pra ele, você Santana com essa sua trajetória belíssima assim do ponto de vista da experiência?

Santana: Eu não vou inventar não, eu vou repetir algumas coisas que eu já insisto com eles nas aulas, tanto nas (??) como nos estágios, que é assim: 1-procura ter as suas escolhas, assuma a condição de intelectual que a condição de professor exige, e não é esse intelectual fantasioso, glamoroso não, é alguém que pensa por si, na condição de intelectual nesse sentido, de alguém que dá conta de ler o mundo por si e explicar por si usando argumentos, fundamentação e tal, esteja preparado pra ser o autor daquilo que você diz, porque o improvisado ele não pode ser, o tom que define quem você é, você improvisa quando alguma coisa acontece e você precisa mudar o rumo da prosa ou porque você precisa ser sensível o suficiente pra dizer 'paremos aqui e vamos tratar disso que é urgente', é muito diferente de improvisado de quem não se importa, isso é uma coisa que eu insisto com os alunos, porque a condição de autoria pra gente que chegou na universidade não é uma, não é algo que pode acontecer, é uma atitude exigente, que a gente não tem o direito de ficar improvisando, a gente perdeu esse direito quando chegou nesse lugar, a

condição de autoria é fundamental que seja buscada com intensidade, com cuidado, e outro ponto que eu costumo conversar muito com a garotada, com os jovens, graduandos e graduandas, é que a gente precisa reconhecer os limites da gente ne, os limites do corpo, os limites da nossa ação, porque afinal a gente não vai dá conta de salvar o mundo sozinho, e assim reconhecer os limites da gente é só um primeiro passo pra gente não ficar se penalizando. Então nas duas recomendações eu digo assim, você não ta isento de responsabilidade, você precisa ser responsável pela autoria que você faz, mas você não é responsável por tudo, então, seja compreensivo com você mesmo!

O lugar de onde viemos nos forma: entre a baixada fluminense, as escolas e os estágios

Adriana Carvalho Silva

A: Adriana, a tua trajetória se entrelaça, em determinado espaço-tempo, com a nossa (Amélia e Jader) e se prolonga nessas trocas, afetos e experiências no presente. O Nóvoa (...) nos fala que não dá para pensar um professor sem outros professores. Isso reafirma que não temos como pensar na formação dos professores sem outros professores, sejam aqueles(as) da universidade, da escola e/ou os amigos-professores(as). Esse coletivo, nos forma. Compreendendo que as narrativas é uma fonte de compartilhamento de experiências, você poderia falar um pouco do seu encontro com a geografia e com a docência?

Ad: Bom eu acho que não tem como eu falar da minha trajetória sem falar do lugar de onde eu venho porque eu acho que é bastante importante, que forma a gente também, de onde a gente sai, de onde a gente vem. Então a minha origem é na baixada fluminense, eu sou de São João de Meriti, quando eu passei para geografia na UFF, em Niterói ne, foi a primeira vez que eu fui em Niterói, foi pra fazer a matrícula na UFF, o vestibular na UFF. E ali se abriu um novo mundo, atravessar sozinha a cidade do Rio, sair de São João de Meriti, sair daquele município, atravessar uma cidade para chegar em outra, ponte e tudo né, era uma viagem longa, cansativa, foi uma construção ali da ideia de se tornar professora de geografia. Assim que eu me formei abriram concursos para diversos municípios, e a minha turma toda né, ingressou em alguma parte, algum município do estado e na rede estadual, e comigo foi assim também. Então ali, eu morava em São João de Meriti, eu fui trabalhar em escolas na Pavuna, no município do Rio, e fui trabalhar no município de Duque de Caxias. Então de certa forma eu fui lidar com a minha realidade mas pelo outro lado né? Ser professora de alunos que também tinham uma vivência de Baixada Fluminense, de partes mais proletárias da cidade, e no entanto, eu não tive a experiência da escola pública enquanto aluna. Eu estudava em São João de Meriti numa escola privada, de freiras, uma realidade bastante diferente da escola pública da baixada fluminense, essa escola existe até hoje. E para mim foi uma experiência muito chocante, apesar de eu ter tido enquanto aluna a situação do estágio, mas por eu estar em Niterói,

eu estava em outra situação, eu fiz estágio em escolas públicas de Niterói, no centro. Então eu tinha uma outra vivência, eu não tinha tido a vivência do lugar que eu saí né. E aí, esses primeiros anos de docência, foram anos de muita dificuldade, muita reflexão, muita angústia e não posso dizer que o estágio não tenha me ajudado, de forma alguma, quando eu fui aluna e eu fiz estágio, enfim, eu experimentei realidades que aquelas escolas, aqueles ambientes me proporcionaram. Teve até uma escola, um estágio que eu fiz numa escola privada, no município do Rio, na Pavuna também, e é uma outra lógica de organização. E o estágio, embora ele tenha me mostrado a vivência daquele ambiente, a responsabilidade de assumir sozinha uma turma, em escolas difíceis né, porque os meninos, a gente fala menino porque a gente sai da universidade menino ainda né, quando a gente sai da universidade muito menina, muito moça, muito novinha, nos colocam nas escolas que consideram piores, nas escolas que sobram vagas, nas escolas que os professores não querem, então além disso a gente vai se deparar com situações que são mais complexas, escolas de difícil acesso, e é muito solitário. Eu senti isso, isso pesou muito nos primeiros anos e foi bastante difícil de lidar com isso. Então aí estavam questões em jogo, quem eu imaginava ser como professora de geografia, com a formação inicial, com todo aquele compromisso que eu trazia comigo mesma de trabalhar geografia, e colocada ali numa realidade que exigia de mim outros saberes, agora estou pegando um pouco de Tardiff aqui, outros saberes que constituem essa prática docente que eu não dominava ainda, ou eu não tinha noção. São os saberes da experiência, a consolidação dos saberes pedagógicos também, eu tinha mais os saberes disciplinares mas me faltavam outros, a noção do currículo, do saber disciplinar enquanto currículo, enquanto coletividade, isso não estava muito construído em mim, então eu sofri muito, mas sofrer mesmo, de chorar, de dizer o que eu estou fazendo aqui. Foi um processo, e eu resolvi esse processo voltando para a academia. Resolvi dentro de mim, olha eu tenho que procurar resposta para isso, porque foi a profissão que escolhi, porque está tão difícil? Porque esse desconforto, não está legal isso. Então voltando para a UFF, fazendo pós-graduação, eu fiz uma pós-graduação em conceitos geográficos, que é voltada para a escola. E aí eu fui começando a refletir sobre essa prática docente e me enxergar naquele conceito. E nas escolas eu fui recebendo estagiários também, que chegavam para fazer estágio. É muito bacana essa relação, você receber alguém, colocar expectativa, se abrir né? Por que a gente se abre, mostra o nosso trabalho, se coloca em risco, no olhar do outro, do outro perceber a gente, a nossa trajetória, misturar as trajetórias, isso me ajudou muito também, a me entender e a contribuir para a formação de alguém né? E me fez

lembrar muito das minhas experiências enquanto estagiária. Por incrível que pareça, minha referência sempre foi nesses 22 anos de sala de aula a escola pública. A experiência que eu tive de estágio na escola privada, foram quatro estágios, um deles só eu fiz em escola privada, foi muito significativa para mim, pela pessoa que eu encontrei, pela professora que eu encontrei. O quanto ela se abriu para se mostrar, as suas práticas, reflexões, dificuldades, do abrir espaço para mim, do sentar e perguntar o que você está estudando na universidade, que textos você lê? O que os professores falam lá sobre esse assunto? Traz alguma coisa para eu ver. E ela me mostrar como ela se organizava, ela abrir espaço, será que semana que vem você pode fazer a correção desse exercício? Será que tem como você trabalhar esse tema? O que você pode trazer lá da tua universidade que pode ajudar a gente a ver isso, e aí foi uma troca tão forte e significativa, diferente de outras experiências em que poucos professores falavam comigo né? A gente entrava em grupo de dois, uma dupla, um ou dois estagiários por turma e as vezes a gente não tinha nem um momento de conversa com professores assim. Então receber estagiários me fez lembrar dessa professora né? Do quanto que pra mim foi significativo e aí a trajetória foi sendo essa, de me construir professora nessas escolas da baixada, das áreas mais carentes da cidade, eu fui depois trabalhara na Zona oeste, eu fui depois trabalhar em São João de Meriti, em um Ciep, eu fiquei muitos anos nesse CIEP, foi muito gratificante trabalhar no meu município. Eu fiquei 16 anos nas escolas públicas, e ao mesmo tempo, eu continuei na UFF, na pós-graduação, me ingressei no mestrado, e foi quando eu cheguei na UERJ de São Gonçalo, FFP, para trabalhar com estágios lá, que tinha a ver com essa especialização que eu fiz na UFF e com minha prática como professora que trabalhou com estágio. E aí assim, foi uma experiência incrível na UERJ porque eles tem uma forma de trabalhar com estágio que eu admiro bastante. E depois eu passei pela UFF, pela UFRJ e agora estou na Rural, eu trabalho na Rural em Seropédica. São diferentes as abordagens de estágio nessas universidades, cada uma tem seu valor, mas eu gostei muito do jeito que lá na UERJ, não sei se ainda fazem assim mas eu imagino que sim, do espaço e estímulo que a gente tem para visitar as escolas conveniadas, escolas parceiras. Estar em contato com o professor que recebe o estagiário, de assistir a aula do estagiário, dele dar aula e assistir. Então esse contato eu acho que cria um elo que favorece com o que o estagiário não se sinta sozinho nessa ida a escola. E aí, eu fiquei muitos anos na UERJ porque foi um período que o governo renovava os contratos de substituto, professores contratados, de lá eu fui trabalhar na UFF, foi até quando a gente se encontrou, nossa trajetória se atravessar

Am.-Nessa caminhada nossas trajetórias se encontram, eu estava chegando na UFF, vindo de Mossoró, trabalhava com os estágios.

Ad: E aí a gente se encontra, eu volto a trabalhar com os estágios, na Rural. Eu trabalho com estágio na rural, com a disciplina de didática também e com metodologia do ensino da geografia que lá se chama ensino de geografia. E aí é o momento que eu me vejo retornando para as minhas origens, eu volto para a baixada fluminense, tem seis anos que estou lá. E também em uma outra perspectiva, com outra experiência e vivência, não mais como professora do ensino básico, mas trabalhando com a formação de professores. Que muitos trabalham na baixada, moram na baixada, e com as escolas ao redor da nossa universidade que acabam sendo nosso apoio, no recebimento dos estagiários.

A: Como sua trajetória foi interessante, porque parece que ela foi se constituindo, de alguma maneira, para você retornar para a baixada fluminense, seu lugar de origem ?

Ad: É isso que eu estou falando Amélia, e eu demorei a perceber isso, não foi assim tão evidente para mim no início não. Engraçado porque quando eu olho para trás, para essa trajetória, tem seis anos que estou lá, quando eu cheguei eu tive a mesma sensação de desconforto de quando eu cheguei nas escolas da baixada, da Pavuna sabe? Porque a Rural, você já visitou lá em Seropédica né? A gente tem uma estrutura bastante diferente, é outro tempo, é outro espaço, a gente está dentro de uma enorme fazenda, as coisas funcionam numa outra lógica de organização, a geografia é lá no final da fazenda, do lado do laranjal, tem estábulos. O aluno precisa do tempo para ele chegar lá, para ele sair de lá e ir para o instituto de educação, é longe. Na UFF você tem um pouco disso porque do Gragoatá a Praia Vermelha tem um tempinho mas demora dez minutos. Lá, as distâncias têm essa questão, da atmosfera também que é diferente, dentro daquele ambiente traz uma atmosfera diferenciada. Nós temos muitas dificuldades de infraestrutura, a própria inserção da universidade no município, exerce um papel central a universidade no município de Seropédica, o município vive a universidade, vive a vida universitária, os alunos em geral eles tem que morar lá perto, eles tem que morar em Seropédica, ou eles se deslocam, e só fazem isso durante o dia, não dá para estudar em Seropédica e trabalhar a tarde, e trabalhar de manhã, e fazer um curso, não, o deslocamento para lá é muito grande, tem toda a dificuldade também do sistema de transporte, dos ônibus, o acesso é

complexo, tem muito engarrafamento, enfim, é diferente do que trabalhar na UFF, que você tem um deslocamento de chegada e saída muito mais rápido, é bem diferente. Eu também me senti assim, quando você vai para a Rural, se você se entrega ficando lá, se doando e morando lá, você tem uma outra vivência da universidade. A universidade te pede mais vivência, ela te exige mais, de deslocamento, de tempo físico, desgaste corporal também. Eu acho que não sou a única professora de lá a pensar assim, se você for conversar com os outros eles também vão te falar um pouco isso, de como se sentem cansados deste trajeto, desta distância, isso influencia nossa prática também, docente né. Então eu tive que me acostumar de estar trabalhando na baixada de novo, com todas as limitações que isso traz. E é outro aluno, é um aluno diferente, cada um desses lugares por onde passei, você tem os alunos que tem outras vivências da cidade, outras experiências, outros desejos, outras expectativas, e lá eu tive alunos diferentes do que eu tinha antes. Então foi também um período de adaptação. Hoje eu me vejo bastante feliz lá, entendendo esse movimento de retorno, aceitando e gostando da proposta de trabalho que eu tenho naquele lugar. E cada vez mais em contato com as escolas do entorno, isso é muito importante também, para a experiência do estágio. Lá a organização do estágio é diferente das outras universidades, até falei aqui, o estágio lá não constitui uma disciplina, não se tem um horário específico separado para que os alunos falem das suas experiências, ou das suas vivências no espaço escolar. Um pouco diferente do que consegue organizar a própria Rural em outro Campus como no IM. Não sei se a Edileuza falou um pouquinho sobre isso mas lá eles conseguem associar uma disciplina a prática do estágio quando eles criam esse momento de retorno de conversa, e lá na Rural a gente não faz assim. Embora a gente planeje encontros, estes encontros não são semanais, não estão dentro da grade. É uma outra relação, é uma outra vivência, a gente enfim, está criando a partir da estrutura que a gente organiza. Mas a trajetória tem sido essa, e cada vez mais eu vejo o estágio como um campo de pesquisa. Amélia, você ficou muda para mim.

Am: Adriana, e quando você olha sua trajetória com todos esses desafios enfrentados, os caminhos, os desvios, a construção dos saberes, os encontros, as parcerias, quais são os desafios que você identifica que temos enfrentado no processo de formação de professores(as)?

AD: Eu acho que primeiro é pensar que essa universidade que eu estou hoje ela tem uma função social dentro da baixada fluminense muito importante. Eu acho que todas as

universidades têm, mas cada uma tem a sua missão né? A nossa missão dentro da baixada fluminense, a função social dessa universidade é de uma importância extrema para aquela região ali e para os alunos que estão lá. Eu acho que o grande desafio que a gente tem hoje é no projeto que nós temos de formar docente, que docente nós queremos formar? A gente vem se perguntando isso há uns três anos mais ou menos que a gente vem discutindo a implementação da 02 de 2015, a gente tem se perguntado muito isso lá na rural né? Nós aqui encrustados na baixada fluminense, com todo esse potencial que a gente tem de gente jovem em volta que precisa da universidade, que precisa desse trabalho engajado de militância, de reconhecimento de quem nós somos, de autoafirmação. Que professor nós queremos formar? A gente tem feito muito essa pergunta. Eu acho que o nosso grande desafio hoje é ter autonomia para tocar esse projeto para a frente, esse projeto que a gente construiu com muita dificuldade, sem consenso, como deve ser uma reflexão democrática. Foi difícil a gente responder essa pergunta, ela não leva a um lugar-comum. Mas esses cursos de licenciatura hoje, a gente tem os cursos de licenciatura da Rural que são afinados numa ideia de formação de professor. E o desafio é diante de todos esses golpes que a gente tem sofrido, a 02 de 2019 em dezembro, o parecer 434 há semanas atrás, em outubro. A própria situação, nós vamos ter eleição para reitor agora, estamos em campanha lá na Rural, e o medo que a gente tem de levar uma pernada, como muitas outras universidades levaram. A resistência que nós estamos fazendo a implementação da 02 de 2019, para que a gente possa garantir o nosso projeto de formação docente, um professor que tenha condições de trabalhar com autonomia na sala de aula, que seja consciente da função social da escola hoje. Nosso desafio é essa massificação da padronização, da educação como mercadoria, da aula pronta, da aula em vídeo previamente gravada que serve para todo mundo. Serve para quem mora em Madureira, São Gonçalo, Nova Iorque.. Isso não é a geografia potencializadora que a gente acredita, transformadora, de uma leitura de mundo consciente e crítica, então nosso maior desafio é esse, a gente poder se enxergar enquanto professor, enquanto mediador, algo num trabalho transformador, que a gente possa fazer um trabalho transformador na escola.

Am. Você desenha várias escalas de desafios, desde a escala no sentido do próprio curso - que nos coloca diante do profissional que desejamos formar - passando pelos desafios institucionais - que nos coloca diante de uma defesa de uma universidade pública e gratuita, e se possível de qualidade, e com autonomia, que é um outro nível de desafio. Você aponta ainda um desafio mais amplo, que está relacionado a uma sociedade

massificada que não privilegia a experiência, e, portanto, a geografia que pensa o lugar, que pensa o sujeito no mundo, mas, especificamente, no seu mundo, que é a baixada, que é Niterói, São Gonçalo. Achei bem interessante você colocar isso, como que a ideia da geografia como a ciência pode nos ajudar a nos reconhecer no mundo?

Ad: Exatamente isso. Então eu acho esse um desafio imenso né? O desafio da gente fazer também o menino que está fazendo a licenciatura acreditar na militância, na luta, e sempre foi difícil, nunca foi fácil ser professor no Brasil, eu falo para eles o tempo todo isso. Nós vivemos momentos também que a nossa formação, o tempo da formação, era bem complexo, muito reduzido, uma formação complementar, o modelo 3+1, a gente atravessou muita coisa na década de oitenta, nunca foi fácil. E nós estamos diante de desafios que se apresentam aí mas que são desafios que vem se estruturando já há algum tempo, de desvalorização da prática docente. Eu gosto muito do que diz um professor da Universidade de Barcelona, ele é doutor em filosofia, ele se chama Jorge Larrosa, não sei se você já ouviu falar dele. Ele falou numa entrevista quando veio ao Brasil uma coisa interessante, que não só aqui mas em várias partes do mundo, o único que milita pela escola pública ainda é o professor, a sociedade tem um descrédito enorme, uma descrença no que é público, na natureza do público, é uma pena isso, isso é muito forte no Brasil né. E que ao governo não interessa também a escola pública, interessa o acordo com as corporações privadas e o mercado privado vê a educação como um campo de investimento, um filão. Então essa colocação dele, eu acho interessante essa perspectiva de que nós somos os únicos militantes pela escola pública e eu acho que a gente precisa segurar essa bandeira, levantar mesmo que estejamos a sós, por isso é tão importante a coletividade. Então a gente precisa convencer parte da sociedade, acho que grande parte da sociedade, uma parte ainda está conosco, eu imagino que esteja né, mas a gente tem que ganhar gente para essa nossa luta né, a luta pela escola pública de acesso a todos com qualidade.

Am: Eu gosto muito do Jorge Larrosa, aliás, ele é uma das minhas referências para pensar a experiência, a formação docente. O Nóvoa também tem apontado o papel dos professores na defesa da escola e como a nossa aula ou a nossa ação extrapola a escola - nós apontaríamos também a universidade - e se estende para além dos muros das instituições. Nesse sentido, o Jorge Larrosa tem razão, talvez os professores sejam os únicos que ainda defendem a escola, como espaço público, como o lugar da experiência,

da construção de um saber não mercantilizado. Nesse sentido Adriana, nós gostaríamos que você nos colocasse duas coisas: a primeira delas: o que você diria para um professor no início de carreira ou em processo de formação e, nesse processo de tornar-se professor(a); A segunda seria: Qual o lugar da literatura na sua construção como professora pesquisadora.

Ad: eu acho difícil falar para quem está concluindo seu curso né, porque eu gostaria muito de ter uma fala positiva e motivadora, mas eu me vejo muito Poliana sabe? Então eu acredito na nossa força sabe? Apesar de a nossa classe ser uma classe que a gente sempre fala que é pouco mobilizado, a gente precisava ter muito mais mobilização do que a gente tem, eu acredito muito na força da prática docente, do quanto é transformador esse trabalho. Então eu não teria uma fala desanimadora, ao contrário, eu acredito na educação pública, eu acredito que a gente vai conseguir resistir essa 02 de 2019, eu acredito que o MEC não vai levar a frente essa portaria de graduação EAD como uma meta a ser seguida, eu imagino que a gente tenha ainda elementos de resistência e, quando eu me formei e fui para a escola como professora, então em poucos meses eu me vi dentro de uma sala de aula, responsável por diversas turmas, sexto ano, sétimo, oitavo, nono, primeiro ano, tudo junto e misturado. Eu me senti muito só, então eu acho que o que eu diria para esses meninos que estão saindo da universidade agora é, não se sintam sozinhos, procurem a coletividade, procurem o sentido da prática porque é, quarenta tempos de aula, trinta e cinco, quarenta, tem gente que trabalha três turnos, esse trabalho de grande volume afasta a gente a da coletividade, e da reflexão, então em vez de se encher de horas/aula e de volume de trabalho, se dê tempo de pensar sua prática, de fazer uma prática reflexiva que seja confortável e que dê sentido, e goste das suas aulas, é difícil a gente querer que o aluno goste da nossa aula se a gente não está gostando do que a gente está fazendo. Então em primeiro lugar a gente tem que se identificar naquela prática docente. E não ir inocente para a escola, não partir inocente, nossa prática tem uma função social, ela está embutida de uma mensagem que está implícita, então uma aula aonde você tem pouca autonomia, aonde você trabalha pouco o rumo do conteúdo, organiza pouco, você tem menos identidade com aquela aula. Então procure pensar a prática docente de forma mais consciente, isso eu diria e digo para meus alunos que estão se formando, não fiquem só lá no canto, cheguem mais. E a outra que você me pergunta e essa questão com a literatura né? Essa questão com a literatura começa lá na graduação na UFF, um projeto de pesquisa, mobilizado pelo professor Ruy Moreira, que foi trabalhando com diferentes alunos, então

ele, como eu era moradora da baixada, ele me botou para ler Lima Barreto sabe? É sério, e ali foi muito gostoso porque eu vi a representação da experiência com o lugar ali naqueles livros, naquela literatura, li outras coisas também mas foi o primeiro que ele deu na minha mão, ele me deu um Clara dos Anjos para ler, e dali eu comecei a enxergar a literatura com uma relação muito forte com o que a gente queria, com o que a gente quer com a geografia. E de certa forma a literatura sempre me acompanhou nessa prática docente. Interessante que eu fui trabalhar numa escola municipal em Inhaúma uma vez, que é, não vou falar bairro exatamente porque quando Clara dos Anjos foi escrita a gente ainda não tinha a divisão do Rio de Janeiro em bairros como a gente tem hoje, mas era ali ao redor do cemitério de Inhaúma que a história de Clara dos Anjos era ambientada, e eu li trechos deste livro com esses alunos de Inhaúma, as descrições da região do cemitério, da antiga av. Suburbana, as vivências desse autor tantos anos atrás naquele mesmo ambiente, então de certa forma a literatura sempre me acompanhou como uma metodologia de trabalho, como uma possibilidade de leitura de mundo, de descrição de representação de espaço. E hoje lá na Rural eu tenho um grupo de pesquisa, GEOLIT, e a gente tem estudado a literatura mas com temáticas variadas, com temáticas que vão desde a literatura negra, com a questão de gênero com literaturas de mulheres, escritas por mulheres, que falam de mulheres, a gente trabalha também a questão da cidade, enfim, e aí esse trabalho envolve estudantes de geografia, já participaram das nossas reuniões estudantes de letras, e a partir disso a gente se desdobrou também em um projeto de extensão em escola estadual, aonde a gente fez um projeto chamado Caminhos Geo literários, aonde fazemos trabalhos de campo inspirados em obras literárias, então se estuda o autor ou a trajetória do autor, ou uma obra, um conto e a gente explora essa literatura explorando o espaço, saindo com esses alunos e é um trabalho interdisciplinar, tem uma professora de literatura comigo, e esses trabalhos têm no final um produto construído pelos alunos, então eles já fizeram fotografia, eles fizeram um curta, deu um trabalho para editar enorme, um aluno de jornalismo da rural ajudou a gente, com a edição, e eles fizeram um documentário, um filme de 4 minutos sobre a Rua do Ouvidor, inspirado num romance de Joaquim Manuel de Macedo, Memórias da Rua do Ouvidor, foi bem bacana. Então eles já fizeram fotografia, esse documentário, escreveram contos, enfim, tem acompanhado a minha prática a literatura como uma metodologia de trabalho de geografia.

Am. A literatura vem acompanhando e atravessando trajetória! Como que a literatura é um elemento de representação e narrativa potente sobre a cidade, os processos históricos e que cruzou a tua formação por meio de um outro professor e hoje você cruza outras trajetórias no processo de formação, é isso mesmo?

AD: Como a baixada fluminense é potente em termos de produção de escrita ne? Tem muitos artistas que escrevem poesia, que tem esse elemento espacial na sua obra.

A: Que bacana. Adriana, você quer falar mais alguma coisa? Eu fiquei até agora satisfeita mas enfim, se você quiser falar mais alguma coisa, quer dizer, eu só tenho agradecer até agora o que você colocou para a gente, o que você socializou, mas eu não sei se você quiser colocar mais algumas palavras aí para a gente finalizar.

AD: Eu quero agradecer a Amélia, e te parabenizar por este trabalho bonito que envolve a gente nessa nossa missão, nessa nossa militância pela educação pública e que vai entrelaçando essas pessoas que estão em cada canto, de cada universidade aí, envolvidos na mesma causa e fortalecendo essa coletividade ne? Eu estou muito ansiosa para ver os outros professores, para escutar os outros depoimentos e muito feliz e contente que você tenha se disponibilizado a fazer isso, eu acho que vai ser maravilhoso.

Fui me destinando professora e me construindo nesse Lugar-escola

Lorena Bonomo

Entrevistadora: Amélia Cristina Bezerra

Amélia: Lorena querida, boa noite! Quero agradecer por aceitar o convite para falar um pouco da tua trajetória e dos desafios que cercam a formação dos professores, dentre estes, o estágio docente. Nessa trajetória como professora, como você encontra os estágios?

Lorena: Boa noite querida! É sempre uma alegria te encontrar, né? Essa potência que tem os encontros em qualquer meio que a gente tem conseguido fazer. Fico muito feliz também de poder colaborar com um assunto que é tão importante e tão caro na minha trajetória inteira e toda experiência que essa trajetória foi me trazendo, né?

Rememorar é isso, né? Não dá nem para falar de estágio sem falar na epistemologia que é para nós a rememoração, esse ato de presentificar o passado, né? Atualização dele, que sempre é com olhos de presente também, que a gente pensa ne? nesse passado.

Eu não sei se você viu? Eu coloquei uma foto de quando eu tinha 7 anos em uma escola do município, essa semana nas redes sociais.

Amélia: aquela foto que você estava escrevendo que normalmente a gente coloca, achei linda a foto, linda!

Lorena: isso! Além da foto tinha uma citação do Freire ne? Que o Walter Kohan tem trabalhado com Paulo Freire agora ne? Tem trazido pra nós. Que Paulo Freire vai dizer que mais importante que os livros, foi ele não ter esquecido o menino que ele foi e o menino que ele não foi né, eu acho uma potência a gente rememorar na nossa trajetória escolar esse fundamento, estabelecer essa relação íntima com as crianças, com as pessoas, pra gente pensar na educação de todos os ne? De qualquer um, mas também daqueles que tiveram as suas possibilidades roubadas, suas possibilidades de estudo, de infância roubadas também ne?

Assim, e essas narrativas que a gente produz nas rememorações, são sempre narrativas geobiográficas.

Amélia: E elas são.

Lorena: Pra gente compreender como a geografia é fundante ne? Nas praticas educativas e nas nossas existências também.

Amélia: Nas nossas existências, isso mesmo!

Lorena: Eu estou mergulhada na educação pública, aquela foto eu tinha 7 anos, então eu estou mergulhada na educação pública há 35 anos. Desde que eu entre na 2ª serie na escola, que era aquela foto, eu não saí mais dela, ne? Eu fui me destinando professora e acho que isso começa lá naquela foto, lá no primeiro encontro com a escola.

E isso não é uma lembrança afetiva de “idirica” que foi tudo sempre flores não ne? A minha carinha naquela foto não é nem de sorriso, era uma cara de quem tava percebendo alguma coisa seria. (Risos). Na verdade, a minha experiência escolar é até anterior, no subúrbio do Rio de Janeiro lá nos meus 5 anos a gente tem nos subúrbios os alfabetizadores, né, as explicadoras, e a minha mãe contava que já ficava lá esperando né, eu muito pequena, o horário em que as crianças chegavam a rua com os seus cadernos para a casa da explicadora, da dona Neide, minha vizinha. E que eu ficava pedindo para ir! Ela chega a mentir a minha idade, que parece que precisava dá cinco anos ou seis, não sei, mas minha chega a mentir a minha idade pra eu poder ir a explicadora e ter essa experiência.

Amélia: A minha mãe também aumentou a minha idade pra eu poder ir pra explicadora, que eu nem sabia que o nome era explicadora, era só alguém que me ajudava, que adiantava os processos pra poder chegar na escola. Também aconteceu isso comigo.

Lorena: Eu entro na escola naquela foto na 2ª serie por conta disso ne? A leitura aprendo com essa explicadora. aqui e depois então tem a minha trajetória na rede Municipal de ensino do Rio de Janeiro, depois no ensino médio vou para o Carmela Dutra, que é um colégio de formação de professores, então faço escola normal, né? Aí tem uma dupla interpretação disso, porque tem a idéia do desejo de ser professora só que muito tímida, né, engraçado como os pais não... Eu sempre narro isso para os meus alunos perceberem que não é impedimento, né? De está la na frente, eu também sou tímida, mas isso não nos impede. Mas além de ser uma forma de realizar esse desejo que já nascia, também era a ideia de trabalhar, ne? Classe popular precisa trabalhar cedo e o ensino médio já me daria um diploma e já me daria, no caso, o trabalho que eu precisava, ne? Então tinha já esse caminho, faço então no terceiro ano do ensino médio um pré-vestibular comunitário também aqui Madureira, vamos escolher uma área de conhecimento. E aí tenho uma

mesma trajetória que muitas vezes os meus alunos contam, de ter no pré-vestibular um professor fantástico e inspirador, que eu tive de geografia também ao longo da minha trajetória e esse professor de geografia que faz a gente olhar e dizer que “eu quero ser como ele” “quero falar como ele” “quero fazer críticas como ele faz” “quero pensar no mundo como ele pensa” então acaba sendo essa trajetória, eu consigo aprovação na UERJ para geografia, fiz graduação na UERJ né? Aos 17 anos eu estava lá. Começando essa trajetória no ensino de geografia, e como eu trabalhava no Carmela Dutra, eu tive as minhas turminhas de educação infantil, eu fui professora no terceiro ano médio e pré-vestibular comunitário, mas também já a escolinha de bairro privada, né?

Amélia: Você começou ali a dá os primeiros passos como professora!?

Lorena: isso também é uma coisa que a gente vê implicar na frente, a história da lembrança né, eu tenho hoje um projeto de extensão a (Febef?) que é o Ateliê de geografia das infâncias sabe? Eu tenho me dedicado ao ensino dos anos iniciais hoje no projeto de extensão ne. E eu acho que tem esse impacto lá nessa trajetória como professora de criança.

Faço minha graduação na UERJ ne, participo de um programa de treinamento la do PAT(PET?) ne, com bolsa da Capes, que é importantíssima pra quem tem a bolsa e pode se dedicar a pesquisa na graduação, um grupo de estudos de pesquisa é importantíssimo pra minha formação essa participação no PAT (PET?). ai faço um TCC, apresento um TCC de final de curso que fala de transformações no mercado de trabalho, fala de empresas terceirizadas que estavam, na época, crescendo NE. Então assim, as marcas do trabalho, marcas de classe sempre lincadas com essa formação de professora também, desde daí. Ai tem uma sorte também, quando termino a faculdade, né com 20 anos, abre um concurso, e eu entrei e com 20 anos já estava na rede.

Amélia: Você terminou jovem a sua faculdade! E já entrou na rede de ensino!

Lorena: É com 20 eu estava na sala de aula, e aí nessa mesma escola em que eu fui estudante, isso é uma coisa que acontece muito recorrentemente com alguns professores e é muito emocionante pra gente isso, nosso professor ser o nosso colega de trabalho. Então com 20 eu estava na escola “Mosarlagó” a da foto, mas como professora.

Amélia: Como professora, você voltou pra essa escola!

Lorena: Voltei, voltei. É uma experiência muito interessante assim desse retorno, né? De se ver, eu acho que a gente precisa mesmo olhar aqueles meninos e meninas e se encontrando neles, né? Mas eu efetivamente sou um deles né, sentei na mesma cadeira. E isso também eu acho que tinha um forte impacto nas práticas que eu tinha com eles. Eu também depois entrei por concurso na rede Estadual, e lá já era outra perspectiva assim, né? Mas assim foi muito pouco tempo, mas foi muito transformador, essa matrícula da rede Estadual foi 10 anos quase de diferença em relação ao que eu tinha no município e foi nessa que eu peguei um Turma de Jovens e Adultos (EJA) que assim, são 10 anos então estudando, estudando não (risos) trabalhando nas escolas como professora.

Amélia: Estudando e trabalhando. (Risos)

Lorena: Estudando sim, mas longe da Universidade. E aí, é interessante Amélia, eu sempre conto isso nas aulas de estágio e eles gostam muito, porque é uma experiência que a gente tanto fala de ouvir, né de estranhar o que é cotidiano e banal a importância disso. E quando eu pego essa turma, eu trabalhava à noite em uma escola, né trabalhava na verdade na rede estadual para as 12 horas em três escolas de frente, né? O problema é que até hoje se arrasta né? Muita luta pra ser uma matrícula e uma escola.

Amélia: Uma matrícula uma escola, que luta que é essa né?! Para os professores no início de carreira é muito difícil.

Lorena: Muito difícil! Então eu trabalhava, no começo no estado, em três escolas diferentes e uma delas era de Jovens e Adultos à noite, né? E aquelas escolas que eram do município de dia e a noite virava uma da rede estadual. E aí assim que no começo era uma experiência que eu estranhava, porque o dia todo com as crianças da rede municipal, aquela loucura, aquele fervor que a gente conhece né, e quando chegava à noite aquele silêncio, era aquele silêncio. O que aparentemente era pra ser tranquilizador, era também, mas não era só. Mas assim, fiz aquela apresentação de sempre, comecei a conversar, muitas senhoras e senhores na sala, muitos trabalhadores me apresentei, era uma de quinta série, né? No momento, e virei pro quadro e comecei a colocar o conteúdo Amélia, do jeito que eu faço com as crianças, e to lá fazendo isso sem muita reflexão até que eu escuto uma voz “professora eu posso ir ao banheiro?” Dona Katia, nunca vou esquecer, uma senhora de 68 anos, e a pergunta que professor mais escuta na vida é “se pode ir ao banheiro”, mas a gente escuta aquilo e ela me desmonta que, Como assim alguém com a idade da minha avó está pedindo permissão para ir ao banheiro? Que lugar

é esse que eu to ocupando nessa sala de aula ne, que faz com quê quem ta aqui comigo acredita que precisa disso. E aí eu fico transtornada ne. Tô fazendo tudo errado. Não sei fazer. Tô há 10 anos fazendo isso e não sei fazer. Porque pra eles não serve, o que eu sei fazer não serve. E começo a mudar, fazer pesquisas de como eu vou fazer? A não, tenho que escutá-los mais, eu não posso só virar para o quadro. (Parte não compreendida)

Amélia: Como você compreendeu que precisava escutá-los?

Lorena: Isso, foi algo que, pensa ne, na ideia de compartilhar trajetórias, experiências, como assim eu vou dá aula de geografia pra essas pessoas? O quê que a Dona Katia que tem 68 anos tá fazendo aqui? Eu nem sei por que que ela está aqui. E to achando que ela tem que lembrar do tropico de capricórnio, da linha do Equador, daquele conteúdo da 5ª série daquela forma. E aí, faço, começou a mudar a perspectiva da aula, a pensar nas trajetórias e daí trazer os conteúdos. Eu escrevo isso, é um trecho da minha dissertação de mestrado ne, da universidade, “eu passo a ser prena” pra Katia, pra Paula, pro João, eu mais do que humanizo ne?! E quando eu acho que estou abafando, na outra escola onde eu trabalhava que também era de ensino médio, mas também de trabalhadores eu começo a querer fazer a mesma coisa, e vamos fazer roda de conversa, vamos escutar as trajetórias e eles ficaram assim “Ué mais vai ser assim que vai ser a aula? Você não vai passar as questões de vestibular pra gente corrigir não? Porque ai fora estão treinando as questões de vestibular. E ai desmontam ne?! Não sei nada de novo! (Risos)

Amélia: E aí não sei nada de novo. Tem que aprender tudo de novo! (Risos)

Lorena: Então assim, é um discurso que aparentemente é conservador mais é pertinente!

Amélia: Claro, era outra coisa que eles estavam necessitando

Lorena: e aí eu vou, começo a pensar, neste momento do reencontro colegas de graduação que estavam fazendo mestrado, por conta ate de redes sociais ne, devia ser Orkut (Risos). E ai era um grupo bacana fazendo mestrado e um grande amigo tentando mestrado para UFF na geografia. E aí eu falar que eu tenho que voltar para lá para conversar, para tentar escutar as pessoas. E aai eu vou assistir com ele, ele passa no mestrado da UFF, e eu vou assistir a uma disciplina como ouvinte, a disciplina do Professor Barbosa. Na geografia da UFF. Mas alem de tudo que a disciplina me trouxe eu vou pensando nas trajetórias, no deslocamento, ao mesmo tempo em que vou e ganho muita coisa, fico pensando que a educação, fazer na educação podia me trazer outras

coisas também, né? Que dos desafios que estavam sendo colocados ali podiam ser melhor respondidos pela educação.

Então eu começo a pensar em um projeto de mestrado pra investigar mesmo essas praticas docentes ne, e a idéia da educação popular, essa busca por ser mais através da educação. Escrevi um projeto que inicialmente tratava de dialogar entre Paulo Freire e Milton Santos ne, um projeto de resgate teórico ate, esse afastamento me deixava assim, não, tenho que fazer um curso teórico pra academia ne, será que a minha prática vai interessar la? Eu sei o que quero, mas será se eu posso contar pra eles o que eu quero? (Risos)

Então vamos la, né? E aí vou fazendo, claro que ao longo do processo de pesquisa, eu submeto o projeto tanto pra geografia quanto pra educação da UFF, o projeto é aprovado nos dois, eu faço a prova escrita também, mas processo da educação acaba acontecendo mais rápido, NE, a entrevista e tudo. E acabo ficando educação mesmo, né? Sem nunca ter pisado, porque eu estava assistindo como ouvinte la na praia vermelha, nunca tinha pisado em Gragoatá, e ai vou para fazer a prova de Mestrado, sem nunca ter pisado, no Gragoatá.

E ai o meu projeto, nunca tinha pisado La, não conhecia as pessoas, e o meu projeto acaba no colo da Carmen Perez ne, no Núcleo de Estudo Cotidiano da Educação Popular. Carmen na pedagogia, mas já havia sido aluna de Milton Santos na USP.

Amélia: Nossa, não sabia dessa história com a Carmen depois, vou querer saber dessa história.

Lorena: Olha é agora que vai cair a ficha total, porque ela achou que eu tivesse feito a submissão por um material dela, que ela tem um trabalho relacionado a Milton Santos e Paulo Freire, e eu escrevo o projeto e não leio, não conhecia o trabalho de Carmen, porque não fiz tantas leituras na educação também ne. Pois é, e aí acho que ela vê e o projeto e se encanta porque tinha tido aula com ele, e enfim, me acolhe. E vou então fazer mestrado e doutorado, vou reinventando essa pesquisa. As primatizações das minhas práticas não eram a centralidade dessa pesquisa. E aí não desloco uma coisa da outra ne, continuo nas escolas enquanto faço o mestrado, enquanto faço o doutorado. Continuo trabalhando

Amélia: Mestrado e Doutorado e com a prática na escola como professora.

Lorena: Niterói, Oswaldo Cruz, sei dirigir com Felipe (?). (Risos). Quando os meus alunos dizem que alguma coisa não é possível de estudar eu dou essa carteirada.

Amélia: Eu com muito carinho também faço isso. Eu também trabalhei durante a minha graduação, e de vez em quando trago essa experiência e falo vamos pensar juntos e encontrar a saída juntos. E aí você com a criança (filho) correndo de um lado para o outro e escrevendo sua tese.

Lorena: Isso, fazendo a tese... Assim a educação pública me deu isso né?! Os meus estudantes que me deram a dissertação e a tese. Estudantes como dona Katia, que foi e fez a pergunta que tocou naquele momento, né? Por essa experiência. E aí estando na UFF durante esse tempo, eu ainda permanecia na rede, e no último ano eu passa o processo seletivo para professore substituto junto ao LeGeo.

Amélia: Foi um grande presente pra gente, você chegar pra dividir esse desafio.

Lorena: E eu vou estilo de alguém que não conhecia, a minha experiência com o ensino superior tem início ali, eu nunca havia trabalhado no ensino superior, então é um deslocamento muito grande que acontece nesse momento de formação docente, mesmo quando eu faço pesquisa como tem essa prioridade do cotidiano da educação, né das minhas práticas e que ela tem alguma importância para se pensar formação, não era o foco a formação, eu não faço (?) na formação docente pela prática, eu passo a fazer quando eu entro no LeGeo. E isso se desloca também esse meu olhar, e eu ganho essas referências né?! Que são vocês referenciam humanas e teóricas importantes para mim. Importantes até hoje como professora de estágio, se eu tivesse que lembrar, algumas coisas me chamam muita atenção, que eu via acontecer nas PPEs. A ideia de a gente ter uma rede de professores que recebem os nossos alunos, que são tratados, vistos e reconhecidos como co-formadores deles. A gente já acha que tá fazendo muito quando reconhecem que somos parceiros deles, parceiros é óbvio que eles somos, somos mais deles do que eles da gente. O estágio é uma necessidade da universidade. A escola pode se beneficiar muito nisso mas a necessidade é nossa. Eu via, você indicava e falava, “olha nessa escola a gente tem fulano” que trabalha a muito tempo com a gente. Então isso é uma coisa que ficou uma experiência muito forte pra mim. Além disso a qualidade dos debates que eu sempre conseguia ter com os alunos da UFF, reconheço muito isso, que a gente tinha debates muito profundos e muito interessantes na sala de aula né?! Os alunos proporcionavam isso, uma coisa muito forte nessa minha experiência. E eu acho que uma terceira coisa que eu poderia destacar é a PPE4. Porque quando eu te digo lá na nossa conversa que eu trabalho hoje e coloco La no estágio 4 com jovens e adultos. Aquela perspectiva de pensar esses coletivos todos que vão provocando a educação pública né?!

Vão fazendo a gente pensar na politização do nosso ofício. Isso relembra a dona Katia, dos jovens e adultos que eu tava lá ne?! E quando eu vejo o aluno como o mesmo eu vou ter práticas como as que eu tinha. Então aquela (?) da PPE4 me trazia de volta pra dona Katia

Amélia: Um momento pra gente conversar com eles ne?! Olha a escola é diversa, os sujeitos são diversos.

Lorena: Esse giro ne. Acho que depois que a gente vem, e claro cada PPE tem seu papel importante, mas quando a gente faz isso na 4 eu acho que dá. E os alunos aqui na (Febef?) sentem isso, “Que bom, eu achei que fosse discutir isso no curso de geografia”. Por que as vezes é só nesse momento que algumas coisas são feitas no nosso curso de geografia, mesmo se a gente pensar em todas as disciplinas que eles tem. E isso é muito forte pra mim, e fazer isso pela educação e pelo ensino, mostrar pra eles essa história do compromisso político e técnico e essas duas coisas tem que andar juntas. Essa a grande experiência que eu trago daí, e enquanto eu estava ainda de professora substituta e terminando a tese vem o curso da UERJ. E aí eu sempre brinco que eu não vou pra qualquer UERJ ne?! Eu chego em Caxias, chego na baixada fluminense, então eu sigo na periferia, sigo com os meus ne?! O que traz inúmeros desafios ne?! Claro que a gente vai encontrando assim, comparando as experiências tem desafios que são iguais na licenciatura desse país, que é sempre desafiador, mas também por conta dos sujeitos ne e das experiências diferentes. Eu chego pra área de ensino, pra trabalhar com os estágios supervisionados, com as práticas de ensino, onde eu tenho tentado aí, com as experiências que tive, manter. Eu tento assim Amélia, eu acho que o que tem de importante e fundamental nessa lembrança é esse cuidado com a escola ne?! Essa certeza de que a escola é um lugar que a gente precisa pisar devagarinho, eu não falei um samba ainda ne?! E além desse cuidado, porque sempre com relações tão afetivas, é importante saber (?), se pisar devagarinho ele não é só afetivo, mas também é dos desdobramentos, dos estudos, da forma como a gente chega nos espaços, essas nossas práticas são essas espacialidades. Não é só, como eu falei, geobiográfico por isso ne?! Não é só localização, é dos fenômenos simplesmente, as nossas histórias vão sendo riscadas nesses espaços, nos vamos grafando esses espaços enquanto passamos por ele. E aí é isso, essas histórias produziram em mim esse lugar escola.

Amélia: É linda essa trajetória nesse lugar escola. A sua trajetória foi se tecendo pela escola pública e por a escola pública e como que é importante para nós compreendermos

isso, inclusive no ensino superior. A necessidade de defender com unhas e dentes o espaço público de formação, desde a escola Básica até a Universidade. Defender esses espaços como lugares dos trabalhadores. Lorena nesse trajeto, formando e se formando professores quais os desafios que você percebe que a gente está enfrentando? Eu sei que a gente enfrenta vários desafios em escalas diferentes, desde aqueles próprios da sociedade em que vivemos, passando pela geografia e ainda dos nossos cursos. Mas se você tivesse que elencar um ou dois desses desafios quais você elencaria e como é que hoje você tem tentado enfrentá-los?

Lorena: é porque eu acho que a UERJ é uma universidade que se coloca como uma universidade Popular, ela se coloca como sensível as demandas dos trabalhadores, ela se orgulha disso né, é o nosso primeiro desafio ne?! Como a gente se mantém sensível a essa questão toda e garante a qualidade do nosso curso, garante o estudo, é o nosso primeiro grande desafio, mas ai eu acho pela formação na docência a gente consegue enfrentar colocando o estágio por exemplo nessa dimensão do contato do licenciando com seu campo de trabalho, dando a essa categoria trabalho, a importância que ela tem nesse nossa fazer e no estágio o conhecimento do professor como trabalhador.

Esse reconhecimento ne da categoria melhorou muito eu acho, do que já foi, mas eu acho que não é uma coisa comum no imaginário docente ne?! Então eu acho que aproveitar o estágio para essa discussão é fundamental, aproveitar o estágio para que eles se reconheçam como categoria, seus direitos e a luta que levou até esses direitos, as formas de organização enquanto classe. Eu acho assim que é uma luta que eu aceitei muitas vezes na educação básica quanto professora, a gente teve ai momentos históricos na rede do Rio vividos recentemente, não tão recentemente assim ne?! Mas tinha isso muito forte. Acho que essa condição também é trabalhada muito forte no nosso curso, também deve acontecer por ai, eu não tenho muito dado, mas a gente tem muitos alunos que no 6º período já estão trabalhando por ai na escola de Caxias na rede privada, já estão trabalhando não, já estão sendo explorados.

Amélia: Sim, tem que se colocar a situação dos professores.

Lorena: Já estão lidando, estão ali no seu primeiro estágio e já estão lidando com isso ne?! A gente também tem em Caxias uma relação muito forte com o sindicato, com o Serv-Caxias, que é um sindicato muito aguerrido. O serv-caxias faz inúmeros eventos na Febef, usa o espaço da Febef pra suas assembleias, pra eventos, pra situações de

formação, de educar, quem educa o educador ne?! Politicamente também os sindicatos tem esse papel e isto também é muito sensível a essa dimensão por conta dessa relação muito próxima com o CEP ne?! Então no estágio a gente verifica essa possibilidade, a conscientização do professor docente não alienado do seu trabalho.

Amélia: Você coloca o estágio como uma potência que traz em si seus desafios, quais sejam de construir essa relação dos nossos licenciandos e licenciandas com a escola, ao mesmo tempo é uma potência, inclusive de saída para a gente compreender os processos formativos, tanto na universidade como na escola!

Lorena: Sim, sem dúvida. E é isso, eu trabalho na educação a muito tempo, e sei a importância do trabalho, eu falei pra você na trajetória, de pegar o ensino médio pra se formar e trabalhar logo, mas é importante não ser um trabalho alienado ne?! Isso em qualquer esfera, então usar o estágio como momento de discussão disso eu acho fundamental ne?! Outro desafio que eu poderia colocar é a idéia da crítica que é tão forte pra geografia ne?! Na crítica, o que tantas vezes tem essa denúncia de ser esvaziada. É um dos grandes desafios a crítica, por muitas vezes por conta de metodologias ela não se efetivou como uma geografia crítica, não so metodologia, eu acho que é mais, ate mesmo pra esse olhar que a gente cria no estágio, de olhar e observar a pratica do outro, de fazer crítica a pratica do outro, é um momento pra gente entender o que estamos chamando de crítica. Eu acho também que é um desafio importante esse ne?! De observar as realidades e as leituras, mas também se sentindo sujeitos sociais críticos ne?! Não so pra fazer uma leitura do outro. E a gente precisa entender que pra fazer isso eles precisam se apropriar das teorias e da abordagem, e muito menos em nome da crítica a gente desprezar esse construto social criado todo para produzir essa maneira de olhar a escola e esse conjunto todo. É quase um jargão ne?! “Formar sujeitos críticos”.

Amélia: A palavra crítica se popularizou (o que é bom!) mas, de alguma maneira, ocorreu um empobrecimento do sentido, não é? Afinal de contas o que significa construir uma crítica aos processos sociais?

Lorena: E assim, na idéia do professor, como quem forma o outro, que é um formador de sujeitos críticos, precisa saber como é que o sujeito crítico aprende, precisa mobilizar conhecimentos que muitas vezes são desprezadas também né? O que eu mobilizo pra formar um sujeito crítico? De que maneira? Quais as didáticas? Que relação eu produzo com esse sujeito? Que o nosso processo de ensino e aprendizagem como relação de

humanização, né? Então acho que você esvaziado porque você fica só dedicado ao denunciamento ne?! A não implicação do sujeito, a proposição que é importante, então eu penso que...

E o estágio tá lá, como uma prática dessa, social também ne?! Eu lembro de a gente fazer uma proposta aí na PPE, que eles devolvessem os relatórios dos professores da escola, eu fiz isso muitas vezes por aí e tive experiências ótimas, de professores que diziam assim “como assim, não aconteceu dessa maneira” (?) Isso então provocava, isso que chama, porque na geografia isso é tão repetido, e aí é isso ne?! Começa a não significar nada, daqui a pouco é mais uma palavra roubada da gente ne?! Como tantas outras (?) o progressista vem perdendo palavra ne?! Vem perdendo a fundamentação delas ne?!

Amélia: É muito interessante quando você fala que no desafio de formar um sujeito crítico, contém a potência é preciso olhar para as práticas sociais com complexidade e não simplesmente como um jargão.

Lorena: Aí a gente poderia pensar outras assim, muitas outras, a fragmentação é outra questão que é um desafio, seja na forma dos estágios ne?! Buscando primeiro nos estágios como eles estão organizados, a gente sempre tem na didática ne?! Como ele aparece, seja nos diálogos, que é frágil muitas vezes com outros componentes, com outras disciplinas, seja na própria forma que a carga horária é resolvida na escola, existe também ne, essa ideia pontual. E aí eu penso também na dimensão história que muitas vezes se perde aí quando se vai ao estágio observar uma aula, essa dimensão histórica e processual, que não são momentos isolados ali ne, aquela aula não está isolada ali, aquela avaliação não está, tudo isso é processual, e aí o aluno vai lá fazer uma fotografia, ele vai capturar um momento. Então como a gente trabalha isso? Qual seria a possibilidade de conta de que conteúdos, aula, avaliação ne?! Que a historicidade das ações docente assim. A gente tem tentado e eu não sei se a gente consegue dar conta, né? De resolver ne?! Mas eu acho que tem um processo muito simples que é manter esse encontro semanal com eles, o estágio também tem esse encontro lá na universidade e na hora das nossas ementas esses processos vão estar lá colocados pra gente discutir, a aula é isso mas não é só isso, tem uma razão pra ela ter sido assim, e vamos estudar os processos dela ne?! Então se eu tivesse que te responder como a gente enfrenta a fragmentação, é de alguma forma mantendo, não deixando de maneira nenhuma eles acharem que a prática está dissociada da teoria, ou que (?) alguma coisa que está acontecendo só lá na escola. É pra preservar

(Conservar?) aquela experiência e fazer a (?) muitos outros diálogos, não é só o (empirismo?) que vai dá conta.

Amélia: Existe uma ideia de que somente no estágio é que vou aprender a ser professor. Isso expressa essa fragmentação!

Lorena: Mas tem essa relação ne?! De universidade escola é outro grande desafio. Já começa essa visão muito equivocada de escola como o lugar do fazer e universidade como lugar do pensar, uma hierarquização entre os sujeitos que precisa ser enfrentada, (?) dos documentos, mesmo assim ainda tão difícil de quebrar isso, a fazer projetos coletivos, fazer com que nós da universidade circulemos nos espaços das escolas estagiadas, e os professores que recebem os estagiários venham pra universidade tenham os seus momentos de discussão ne?! Essa relação também eu fisiológico, né? Essa rede de professores que vocês têm, não conseguiu ainda a gente tem alguns, mas não com a robustez que eu vejo que vocês já têm, conseguiram aí na UFF. A gente tem alguns desafios dos nossos estudantes ne, a gente está na baixada fluminense, com um deslocamento ne de transporte, então é muito comum que eles reivindiquem o direito de fazer perto das casas, perto de seus trabalhos, né, o estágio e a gente precisa, o próprio colégio Aplicação da UERJ, né? Que seria uma outra possibilidade para nós.

Esse é um desafio que a gente engatinhando assim, pra dá conta ne?! A Febef fica na Vila São Luiz, em Duque de Caxias, mas não é no Centro Duque de Caxias na Vila São Luiz, né?

Amélia: eu vou visitar vocês assim que for possível, né?!

Lorena: Você vai gostar. Na nossa casa tem um Paulo Freire imenso, né?

Amélia: Você foi colocando Paulo Freire como uma das referências que tem ajudado nessa caminhada. Você pode apontar os autores que tem contribuído nessa caminhada e se você tivesse de falar algumas palavras, um recado, uma mensagem para os professores que estão em formação ou no início de carreira o você falaria?

Lorena: A querida, eu teria até acho que outro desafio, essas coisas simbólicas.

Lorena: Esses desafios que o estágio também permite de pensar a identidade docente ne?! Porque é uma coisa importante, a identidade docente, mas ai no nosso caso, pelo o que a gente conversou aqui, uma identidade docente pela pesquisa e pela diversidade. A provocação do olhar do espaço da escola como um lugar de pesquisa, onde a gente pode

refletir, questionar, refazer as práticas ne?! E assim fazer essa vivencia. A gente tem tentado enfrentar esse desafio em relação a pesquisa lá na Febef nos relatórios finais, que provoca que eles têm que achar uma questão de pesquisa, que eles não podem ficar aquelas horas todas em uma escola e não encontrar alguma coisa que te provoque, que seja um problema, que eles tenham vontade de responder ne?! Então repara que eu dou uma direcionada, 1- é a construção do olhar o cotidiano que vai orientar a questão da pesquisa, la no estágio 4 vai a questão da diversidade que a gente vai trabalhando, mas assim, eles têm 1 mês- 1mês e meio de observação e eles colocam pra turma, “qual seria o problema?” “ se você tivesse que pesquisar hoje na escola, o que você pesquisaria?” E ai a gente começa primeiro com o exercício do ouvir ne?! De ouvir essa questão que todo mundo vai trazendo, orientando, “quem pode te ajudar?” “quem escreveu sobre isso?” “quem escreveu alguma coisa que converse sobre essa questão que você traz?” Você vai ler fulano, ne?! Vai investigar esse material e vai trazer isso no seu relatório. Então o relatório tem um segundo momento, que a aproximação da escola na perspectiva de pesquisa, na investigação mesmo, esquematização. Então eu tenho focado e tem sido bastante interessante, porque ai vê também a escola nessa perspectiva do espaço, não é uma metáfora ne?! A gente ta vendo ali a complexidade, a gente ta vendo ali marcando a diferença, ne?! Então tem esse viés da identidade docente pela pesquisa e como te falei pela diversidade também. Essa é a provocação que vem desde que eu trabalho a 4 anos la na PPE, vem me perseguindo, essa idéia de que o aluno não é o mesmo ne?! Essa alusão ética pedagógica, que a gente trabalha com um público que é homogêneo e ao mesmo tempo não é, como é que a gente constrói então pedagogias e geografias criticas, feministas, anti-racistas, indígenas, né? Como que a gente vai produzindo esse professor? Esse professor que valoriza a presença desses corpos, que entenda e que seja provocado por elas assim ne?! Ele vai falar na idéia da perspectiva da prática da liberdade, da educação como prática da liberdade, tem esse próprio reconhecimento, desse agir para transformar. A classe pobre ta cada vez mais aí, mais preta, mais trabalhadora, mais periférica e tá e como a gente forma um docente a altura do lugar que foi ocupado na escola (?) que tenta de alguma forma oferecer um horizonte emancipador ne?! Então assim, acho que a sala de aula é o espaço radical desse encontro assim ne?! E o que a gente vem fazendo eu aprendi com vocês, é pelo menos nesse estágio, vai fazer estágio com jovens e adultos, vai conhecer como se ensina geografia pra crianças com necessidades especiais, vai pensar como a geografia pode contribuir pra agenda desses coletivos todos, como a geografia contribui com o movimento negro, com as questões

feministas, e ai eles vêm também trazendo em forma de pesquisa ne?! Então é isso ne?! A gente existenciando a gente se existencia. Paulo Freire vai dizer isso de novo ne?! A gente se mostra como educador primeiro nos movemos como gente, então vamos pensar em uma docência implicada com essas questões também, é a forma como a gente lida. Pensando também um pouco mais assim, é claro que a gente tem as referências tradicionais pra discutir estágio ne?! As referências grandes.

Amélia: E nem precisa ser estágio, aqueles sujeitos que vem do lado da gente, tem alguns que nos acompanham e nos ajudam a pensar à docência, a pensar a existência ne?!

Lorena: Então a gente tem essas referências da área de ensino de geografia como eu te falei, a gente trabalha com os estágios associados as práticas de ensino, nos temos (8?) práticas de ensino na Febef, além dos 4 estágios, como disciplina que retratam alguns conteúdos de alguns autores referencias no ensino de geografia e que a gente faz essa conversa ai com os estágios ne?! Pra te falar deles, desses autores acho que eu pensaria nos referenciais que a gente tem para além deles, referenciais filosóficos mesmo, são referenciais que vão nos guiando. Não há como pensar no estágio ou na prática docente sem pensar primeiro na questão do olhar, como é que a gente produz esse olhar assim ne?! É um fundamento, olhar crítico e também sensível, e ai já trazendo (?) um olhar a contrapelo da escola. Então eles têm o estágio com esse ato formativo com essa idéia da produção do olhar. É um clássico já, todo mundo assiste “Janela da alma” comigo na disciplina. Vais assistir porque a gente vai entender o que é o olhar pra muito alem desse sentido ai ne?! E que a construção histórica do olhar ne, essa idéia de que é muito mais (?) da natureza. Ver é compreender, e o documentário faz isso ne?! Ele vai provocando com pessoas que não veem o tanto que elas conseguem perceber o compreender do mundo. E ai a minha primeira provocação é essa, vamos pensar, como é que a gente desloca esse olhar, o estágio também permite isso ne?! Que a gente desloque o olhar por esse lugar estrangeiro que a gente ocupa, ne?! No estágio, acaba sendo que é dali e ao mesmo tempo não é, tem um distanciamento, então vocês têm que achar o objeto da pesquisa, a questão da pesquisa, tem que saber andar. Não acontece o mesmo todo dia por mais que pareça. E esse olhar é cercado de outros sentidos também, é muito de ouvir, por isso a preocupação também de fazer o avesso ne, de fazer a contrapelo. Estar na escola, é claro que com a nossa conversa na universidade com os autores, pra ouvir, quem ouve sujeitos da escola? A gente ta vivendo esse momento agora e quem ouve os estudantes, o diretor? A gente está ouvindo falar da pandemia e quem vem falar é “Todos

pela educação”, os empresários, que disputam esse território, na perspectiva da mercadoria, que não é a nossa. E eles tem nesse momento de estágio a oportunidade de ouvir as pessoas ne?! E a gente vem trabalhando essa perspectiva filosófica no estágio.

E é dessa forma ne, com os documentários, com o cinema. A gente tem essa perspectiva de pensar como experiência ne?! É claro que a gente já vai assumindo algumas posições quando a gente traz a própria discussão que a gente faz lá na PPE4. Cadê as autoras negras? Cadê? As pessoas precisam estar ocupando esses espaços na academia. Mas quando a gente pensa no estágio não burocratizado, a gente acabada acionando sempre a experiência ne?!

Amélia: São os nossos companheiros de cabeceira ne?!

Lorena: e é só com eles que a gente consegue vencer porque a rotina é mais, o cotidiano é mais. E assim, esse empobrecimento dessa experiência que o (Benjamin?) vai relatar ne?! Ela tá muito ligada a nossa dificuldade de intercambiar experiências ne?! Se o estagiário é o sujeito da experiência então ele precisa encontrar uma linguagem para comunicar essa experiência ne?! É uma linguagem que desconta. Construa esse conhecimento para ele e pro mundo, contra narrativa, e acho que assim a gente chega a narrativas alimentando isso de intercambiar experiências, na própria oralidade na sala de aula, nos nossos encontros semanais ne, de ouvir a experiência do outro, mas essa forma de contar né? O Benjamin tem um trecho dele que eu acho que é em obras escolhidas 3 que ele vai falar sobre que “saber se orientar em uma cidade é muito fácil, difícil mesmo é se perder em uma cidade, se perder em uma cidade, em uma floresta requer instrução, eu sempre leio e brinco e faço essa provocação pra eles, se percam nas escolas, vejam o que ninguém tá vendo, encontre alguém no caminho e me conta o que você encontrou, faz o percurso que não foi feito ainda vai, você precisa tá aberto pra enxergar, estranhar. E assim não é um discurso hegemônico ne?! A gente precisa reconhecer que a universidade também tolhe um pouco esses processos. Formar, também tem um movimento de formatação muito grande na universidade, e quando você diz pra ele “Seja sujeito do seu processo”.

Amélia: Pra ele se construir em seu processo de formação como sujeito do seu processo. Porque vejo ainda que a gente ainda tem que construir esse processo de autonomia porque os nossos licenciandos e licenciandas, né? E assim a gente tem uma cultura de que ele

atribui ao outro processo que é dele também, né? Então acho que talvez seja desafio para gente né?!

Lorena: E é importante de ter esse reconhecimento de que isso não tá dado, que a gente também tem a função de provocar, também não basta (??).

Lorena: As nossas conversas, os nossos debates de coisas que façam, que sensibilizem, eu uso o documentário, mas a gente pode pensar em outros processos aqui como a fotografia, crônicas, tem um livro do Manoel Neto, 'A aula' que ele conta a aula de geografia em formato de crônicas, que aí serve pra eles pensarem nos modos possíveis de dizer as coisas ne, pra não matar a experiência. Porque se não a gente produz a experiência e não narra. E ao não fazer isso também uma coisa importante que a coletividade na docência, né? Uma coisa que me incomoda ne?! Experiência do professor, nossa experiência, que circule mais, acho que o estágio é um momento interessante onde isso pode acontecer, dessas experiências circularem. Como a gente produzir momentos como esse que você tá fazendo aqui, e a gente vem buscando isso nas nossas aulas, na Febef a gente um núcleo de estágio onde os estagiários de todos os cursos conversam, eles apresentam, tem claro a questão da geografia, ne?!

Amélia: Eles estão ali juntos. Eu por exemplo eu sempre acho que a gente não conseguiu fazer isso se juntar na no Rio de Janeiro. Acho que foi ensaiado uma vez uma possibilidade de nós nos juntarmos não só os professores de Estágios, porque especificamente os professores que trabalham com as áreas de ensino no Rio de Janeiro e pensar em alguma coisa junto, né? Mas isso morreu antes de nascer porque na ocasião eu falei assim gente eu pouco sei quem exatamente trabalho quando está já acho que a gente não sabe a gente tem uma noção assim, a gente não sabe como é que se nós estamos trabalhando, né? E como a gente está se movimentando como é que a gente tá dialogando que a gente tá pensando de informação e no estado a gente não consegue fazer isso. Eu entendo vários motivos, né? Várias justificativas, a gente trabalha muito tal como os professores da escola também a gente passa por um processo também de precarização muito grande, processos, entendo tudo isso, mas lamento, né? Aí é por isso que eu fiquei, que eu me dispus, eu falei então tá? Vou tentar juntá-los, eu vou tentar juntá-los de uma outra maneira. Junta-los e ouvi-los e aí depois isso ser um processo coletivo, né? Que se juntar essas você juntar as vozes nem fazerem ela ser suarem para um coletivo maior. Ou pelo menos Parte dessas vozes ne, mas enfim o que você diria para um professor no início de carreira ou um sujeito que tá na verdade em formação no processo aí de se construir

como professor não é de maneira que eu falo assim mais direta porque a gente consegue Professor quando a gente entra no curso, começa esse processo nos primeiros dias de aula e ele se dá até os estágios. Então acho que é bem importante colocar isso, né fazer que essas experiências formativas assim, elas são responsabilidades de todos né um pouco claro, que o estágio é singular é interessante, mas o que você diria aí como uma professora com essa trajetória tão linda assim.

Lorena: É uma trajetória que faz sempre defesa da escola pública né? Como você colocou aqui, né? Acho que poderia trazer isso como referência, em defesa da escola pública como uma questão pública mesmo, “Em defesa da escola como uma questão pública” é o título de um livro que eu tenho trabalhado nos estágios, porque vai tentar acessar a escola como esse lugar de compartilhamento de mundos, a escola pública é um lugar muito importante, esse onde o mundo dado tá ali pra discussão, tá colocado a mesa, mas o novo chega também né?! Pra conversar e pra transformar esse mundo. E essa defesa da escola como mundo público a nossa disposição me marcou na minha trajetória e acho que essa é a primeira mensagem assim. Os desafios são imensos! Alguns deles podem ser sintetizados assim de a gente manter pergunta uma pergunta no horizonte. Não pretendendo assim esgotar ou responder rapidamente essa pergunta, a geografia não esteve tradicionalmente, ou sempre ou naturalmente no currículo, esse lugar é disputado né, então faz a gente pensar por que que ela continua lá, né?! Nesse currículo. Pensar pra além disso, não só o que a gente tá ensinando como, porque, mas pensar a favor de quem a gente ensina? Essa pergunta tem que ser mantida, né? Então assim, tempos que a gente tá tendo uma radicalização imensa, criminalização da docência, criminalização do conhecimento, das vozes todas né?! Eu não vejo outra alternativa que não seja essa da gente seguir se formando, então tá começando agora e não vai acabar quando acabar a graduação né?! A gente precisa se distanciar de concepções que fortalecem a educação como mercadoria, como produto a ser entregue porque ela não é né? Eu também voltaria a destacar isso, do professor se perceber como trabalhador na sua consciência. Dele investir na pesquisa como princípio educativo, assim as pedagogias geográficas né, que habitam as experiências dele né?! Não tem muita resposta além de que tem que tomar partido sabe Amélia?! Viver é tomar partido. (???) Nossos encontros com as nossas referências e as nossas aulas com Milton Santos, com José de Castro, com (?), com movimentos sociais, com os nossos alunos trabalhadores todos eles né, acho que o que eu diria pra eles é que eu aposto todo dia na aula que eles vão dar!

Amélia: Ai eu adorei! eu aposto todo dia nas aulas, e que vão ser sempre diferentes embora apareçam iguais.

Lorena: Apostar nisso, apostar no trabalho, no trabalho que a gente vem fazendo e no coletivo e juntos e com todos os desafios querendo superar, né?

Amélia: Agradeço a Lorena profundamente. Fiquei sensibilizada em alguns momentos, como que é rico essa troca!? Como desconhecemos nossas trajetórias. Por meio delas construímos as identificações. Essas narrativas vão encontrar os licenciandos e licenciandas, de alguma maneira. Essa tua história é muito rica porque é uma trajetória que perpassa pela educação pública e que eu acho que é uma grande uma grande questão e tu fala toda foi sendo costurada em cima dessa eu acho que dessa centralidade da educação pública como uma grande referência para gente eu agradeço profundamente, viu?

Lorena: Eu é que te agradeço!

Olhar o passado para construirmos os horizontes do presente: a geografia, as escolas, os estágios e o encontro com a Educação de Jovens e Adultos.

Ênio Serra.

A: Ênio, você poderia compartilhar conosco a sua trajetória docente, especialmente, a chegada a Geografia e as escolas, os contextos sociais e político que a sociedade vivenciava naquele momento, bem como o encontro com os jovens e adultos enquanto sujeitos e questão a ser enfrentada enquanto política pública?

E: Legal. Eu que agradeço o convite aí, a confiança, a lembrança, é sempre bom, eu acho superbacana ser entrevistado por pesquisa eu acho legal isso. Eu acho que a entrevista ajuda a gente a repensar muita coisa, ela não é boa só para quem entrevista, acho que pra gente também quando a gente se abre né, a primeira vez que eu fui entrevistado aconteceu isso e a partir daí eu sempre aceitei porquê eu acho bem bacana, é bom pra gente também. Ao falar da gente repensamos uma série de coisas. E ainda mais falar de estágio, de ensino de geografia, que é a área que a gente atua e trabalha já a bastante tempo. A minha trajetória começa assim, obviamente no curso de graduação, eu fiz licenciatura em geografia na Uerj maracanã. Quando eu fiz isso foi na segunda metade dos anos 80, a gente entra novinho com dezenove aninhos, dezoito aninhos, aquela coisa, não sabendo muito bem né o que a gente queria, eu gostava de geografia, queria estudar geografia, se eu ia ser professor ou não, era uma coisa que eu não... A gente naquele momento, naquela época não era tão posicionado como eu vejo hoje a garotada chegando, já pensa em mestrado, já pensa nisso e tal. Cara, mestrado então eu nem pensava entendeu? Depois que eu fui descobrindo e tal. E aí foi, era um curso que tinha lá suas coisas legais e tinha seus problemas também, a gente tinha professores muito antigos de idade. Então nos anos 80 ali era a efervescência da geografia crítica, mas a gente viu pouco por exemplo, só para você ter ideia. Eu fui ter mais contato com isso fora do curso, em outros momentos, encontros acadêmicos e tal. Ou mesmo depois de formado dando aula, a gente começa conversar com outras pessoas, começa a ter contato com outras leituras, outros livros e tal. Então, mais aí tá. Mas aí a gente fez o curso e assim que eu terminei o curso de licenciatura, engraçado que eu não fui dar aula direto né,

E: Foi 1989. E aí, no ano anterior, eu tinha conseguido um estágio, não como professor, um estágio numa secretaria estadual, chamada secretaria de assuntos fundiários, uma secretaria fundada pelo Brizola, pelo primeiro governo do Brizola, que era pra tratar justamente dos conflitos fundiários no Estado. E já era o governo Moreira Franco, então a secretaria estava meio em crise mas a gente foi chamado porque estava sendo aplicado um questionário socioeconômico em vários assentamentos, tanto urbanos, quanto rurais, e a gente foi para fazer o trabalho braçal de aplicar este questionário nos assentamentos. Mas foi legal também porque quando a gente chega a equipe que estava coordenando isso chamou a gente para montar o questionário junto com eles, então isso já foi bem bacana, a gente não foi só aplicar, a gente também fez parte do processo de elaboração. E claro, com a estrutura de secretaria, era uma Kombi e a gente ia e aí cara, foi uma das coisas mais bacanas que aconteceu, porque foi aí que a gente foi conhecer o que é a realidade da classe popular do Brasil, dos trabalhadores urbanos e rurais. E era isso, a gente saía de lá as vezes e voltava na Kombi e ninguém falava nada, sabe? Tipo, das coisas que víamos ali, eram tão chocantes que ninguém conseguia trocar uma palavra. E outra, quando a gente vinha desta região rural, a gente vinha com a Kombi cheia de jaca, de manga, porque as pessoas eram muito assim, queriam dar tudo. A gente não tinha lugar para botar tanta fruta, tanto aipim, tanta coisa que a gente ganhava.

A: Que experiência linda Ênio!

E: Não, foi lindo, foi lindo. Eu fiquei dois anos aí e aí me formei e me contrataram. Então meu primeiro emprego foi como geógrafo, não foi como professor embora eu tivesse me formado em licenciatura em geografia e não em bacharelado. Mas aí tranquilo, aí fiquei mas era contrato temporário e terminou o contrato e claro, pelo segundo ano já vi que não ia dar muito, não ia dar muita coisa. Me matriculei no curso de bacharelado. Mas aí acabei entrando em escola né, escola particular. Aí foi aquele caminho que muita gente faz, primeiro foi em escola particular, depois concurso para o Estado, entrei para rede estadual, trabalhando à noite, no noturno, isso em 1991. Dois anos depois veio Angra dos Reis, fiz concurso para lá, fui chamado para lá. Nisso entrei para o mestrado em geografia, mas acabei me encantando por educação, parei com o mestrado de geografia, só fui retomar o mestrado bem depois, já com alguma experiência de professor. E aí foi vida de professor, aquele trabalho de geógrafo ficou ali atrás, só aquele pouquinho, depois mergulhei mesmo no magistério, então fui da rede estadual, depois municipal de Angra. Angra é um capítulo a parte.

A: Você ficava neste percurso Rio – Angra toda semana? Importante socializar essa trajetória para os(as) licenciandos e licenciandas.

E: Ficava. Ia para lá (Angra) e ficava no início dois dias, a gente conseguia fazer uma vertical, por exemplo, ia quinta de manhã e voltava sexta a noite, então ficava lá quinta e sexta. Mas depois você vai sendo conhecido, vão te chamando, pega uma dobra, pega uma escola particular que te chama. Eu dava aula no início lá em um bairro chamado Perequê, um bairro divisa com Paraty, não era centro de Angra. Eram três horas de viagem, pegava ônibus na rodoviária, três horas de estrada até chegar lá. E a gente dormia lá!

E: Sim, trajetória mesmo, as estradas, risos. Eu não vivenciei república de estudante por exemplo, porque eu morava bem perto da UERJ inclusive na graduação, e ia até a pé. Mas eu vivenciei em Angra a república de professores. O que era muito legal, porque a grande maioria dos professores da rede municipal de Angra não eram de Angra. Eles eram do Rio, de Volta Redonda, de Niterói, de Resende entendeu? Angra naquela época pagava muito bem, era o melhor salário para professor, então os concursos eram assim muito concorridos

A: Tem essa referência a Angra em relação ao salário do professor? É quase uma lenda (rs), mas fez parte de um projeto de educação não é mesmo?

E: Não, mas era uma diferença, fazia uma diferença. Chegou momento que eu me exonerei da rede estadual, do Estado, porque fazendo uma dobra em Angra eu ganhava mais do que só o salário do Estado. E olha que a escola estadual que eu dava aula era pertinho da minha casa, dava para ir a pé também. Mas mesmo assim, eu estava tão desiludido do Estado que eu acabei saindo e ficando só em Angra durante um tempo. E porque que eu falo que Angra é uma escola no sentido desta coisa de se fazer professor, nenhuma universidade vai te dar isso né, é claro que algumas hoje eu comparo muito com a que eu tive, e, com certeza, eu acho que o que a gente faz com os nossos alunos é bem melhor do que eu tive né? Então eu acho que a gente tem o papel de adiantar algumas reflexões né? De trazê-los assim, para a educação.

A: Ênio você acha que avançamos, de alguma maneira, no processo de formação de professores(as) - currículo, reflexões e práticas?

E: Sim, eu acho. Eu acho que hoje a gente tem reflexões que eles fazem que eu não tive lá, no período em que eu era estudante. E mesmo que estudasse em outra universidade, não era porque era a UERJ não, estou falando no geral.

E: Sim. E aí, porque naquele momento era governada por um partido progressista, pelo PT, com pautas progressistas né? Então a gente tinha, claro que ao longo do tempo eram três gestões seguidas, então as gestões foram também se desgastando um pouco. Mas a educação acabou sendo uma das áreas que mais resistia ao projeto progressista, que era um projeto coerente com a educação pública, com a escola pública, com a coisa pública. Então o projeto de gestão democrática, só para você ter uma ideia, acho que isso já vai de certa forma resumir né, tudo que eu senti lá. Durante um momento eu fui para a secretaria de educação, eu fui ser coordenador de geografia um tempo, depois na coordenação do regular noturno, que era o EJA de lá, chamavam assim mas era isso. E durante esse processo eu participei do segundo congresso de educação de Angra, foram dois, o primeiro eu estava em escola, não participei muito, mas o segundo eu participei ativamente porque eu estava na secretaria de educação. E esse foi o congresso mais democrático, porque você teve a participação de pais de alunos, de alunos, de professores, de funcionários de apoio e de todas as escolas, claro, por representatividade né. E essas escolas tinham um caderno de teses que eles avaliaram durante um momento. Então eram coisas do tipo avaliação, processo de avaliação, processo de gestão mesmo da educação em Angra, uma série de questões passavam ali. Concepção de alfabetização, coisas assim que, quem não é do mundo da educação é difícil entender, então era um processo formativo inclusive, formativo para a gente enquanto profissional, para a comunidade, porque ela conseguia, tentava pelo menos entender um pouco melhor o que era educação, para além daqueles estereótipos. E aí neste segundo congresso você tem no pátio de uma escola mais de quinhentas pessoas com um crachá na mão, votando propostas entendeu? E que você sabia que aquelas propostas seriam votadas, passadas e seriam de fato efetivadas, implementadas. Então isso é uma das cenas mais bacanas que eu acho assim que eu já vivenciei né, discutir educação assim. E aí isso me faz crer inclusive que se isso já aconteceu um dia pode acontecer de novo, a gente não está com as portas fechadas assim, diante de tudo que está acontecendo. Claro que é outro contexto, óbvio que muitas outras coisas aí acontecem, mas é para a gente pensar né? Olhar o passado é para isso, a gente pensar o que foi de bom também, não só o que foi de ruim, o que foi de bom e que vai até acontecer novamente. Então Angra foi isso né? Foi essa coisa de eu, lá eu entendi

assim, que é possível sim você pagar bem o professor. É possível sim você fazer gestão democrática, você ouvir a comunidade. Que é possível no caso do noturno você ter uma escola para os trabalhadores, com os trabalhadores, mas do que para, com os trabalhadores, pensada junto, de um projeto bem freiriano, bem base, a gente lia a pedagogia do oprimido.

A: Ênio, é nesse momento que você encontra os Jovens e Adultos, que passa a ser a sua grande referência de reflexão, como professor formador, em formação?

E: Na verdade já encontrei antes como professor né? Porque meu primeiro trabalho em escola pública foi no noturno, o ensino médio noturno. Não chamava EJA, mas era o público da EJA, meus alunos eram adultos, gente muito mais velha que eu na época, eu era novinho né. Senhoras, trabalhadoras, muitas domésticas, gente que, era aqui em Vila Isabel, então o pessoal vinha do centro, tinha muito aluno que vinha do centro, parava ali para ter aula e depois ia embora para a Zona Norte e outros bairros. Mas eu não tinha ideia do que era aquilo, eu entrei e não sabia, não tive nenhuma discussão dessa na faculdade.

A: Nesse momento do processo de formação dos(as) professores(as), a diversidade de sujeitos e de processos formativos é mais clara para aqueles(as) que estão em formação e está formando também né?

E: Claro. Mesmo na faculdade, eu sempre fui daquele tipo que questionava muito a escola como era ela entendeu? Então, mesmo que o curso não fosse aquilo que a gente esperava, sempre tinha um professor mais crítico, sempre tem e aí você... E eu nunca fui ligado a aquela escola mais quadradinha, do conteudismo, da avaliação rígida, nunca fui muito diss. Então, é óbvio que quando eu cheguei numa escola dessa, noturna, eu percebi que tinha alguma coisa diferente, eu sabia que não era a mesma coisa que dar aula para criança, só que eu não sabia muito bem o que fazer. E também não encontrei na escola, assim, nada que me amparasse, e aí eu fui meio que sozinho mesmo, fui tentando, errando e tal. Aí eu fiquei um tempo no noturno aqui, e em Angra também cheguei a dar aula no noturno, mas quando eu fui para a secretaria, fui primeiro como coordenador de geografia, mas depois me perguntaram, Ênio, a gente vai fazer uma coordenação para o regular noturno, você não quer pegar? Aí acabei topando, tinha uma experiência, mas não era muito, mas achei legal, junto com uma outra colega. Aí sim, aí veio, por conta de

coordenar o trabalho de coordenar a rede de uma área específica que era o noturno, desenvolvendo um projeto em algumas escolas, aí me veio a vontade de voltar a estudar, fazer mestrado na área de educação, educação de jovens e adultos. Na verdade o projeto que eu entrei nem foi na área de EJA, mas como eu estava muito envolvido eu falei sabe de uma coisa eu vou perguntar se posso trocar de projeto, e aí pode, fui parar com o Osmar Fávero, meu grande orientador, da sua casa lá, da faculdade de Educação da UFF, fiz lá a pós graduação, e acabei fazendo doutorado também lá.

A: Sim, para quem não conhece né, toda esta trajetória sua, pelo menos se não for do Rio de Janeiro, o Ênio tem esta trajetória, ele tem mestrado, doutorado em educação, e tem todo um olhar e uma pesquisa envolvendo os Jovens e Adultos.

E: É porque Amélia aconteceu o seguinte. No mestrado, o meu projeto não era de ensino de geografia, tinha até uma coisa a ver com geografia, mas não era de ensino. Mas aí eu acabei no mestrado, falando sobre o projeto que a gente desenvolveu em Angra para o noturno, para a rede lá. Eu analisei este projeto. Quando chegou no doutorado eu falei, não cara, eu quero trazer a geografia para a EJA, porque eu sentia falta disso, a gente falava muito de EJA mas eu não percebia muito as disciplinas, e eu como professor de geografia, eu tinha essa curiosidade, e eu achava que não, a gente tem que ter um olhar específico né? O que é dar aula de geografia, ensinar e aprender geografia para trabalhadores e tal. E você não tinha muita coisa, tinha uma coisa aqui, outra ali, aquele livro clássico Geografia do Aluno Trabalhador da Marcia Rezende, que era a única coisa que a gente tinha, uma das poucas coisas. E eu não sabia, porque aqui no Rio não tinha nenhum programa de pós, tanto em geografia quanto em educação, que tivesse uma linha de ensino. A FFP ainda não tinha mestrado quando fui fazer o mestrado e também o doutorado. Agora tem, mas não tinha. E aí, ou ia para um doutorado em geografia, ou ia um doutorado em educação. E em geografia era mais difícil ainda, porque aqui a gente não tinha muita gente da área ainda, isso foi em 2004 quando entrei para o doutorado. E aí eu conversei com o Osmar, ele falou que tudo bem, que ele não orientaria na área de geografia, mas que ele conversaria com uma professora de geografia lá do departamento, lá da faculdade de educação para me coorientar. Essa professora era a professora Tomoko Paganelli. E foi assim, o Osmar me orientou na parte de EJA e eu ia lá conversar de vez em quando com a Tomoko, para a parte do ensino de geografia, ela foi me indicando um monte de leitura. Um universo que, embora eu fosse professor de geografia já ha bastante tempo naquele momento, era uma literatura que eu não tinha contato. Poucos de nós

líamos sobre ensino de geografia, não sei você. E olha que eu fui professor de escola e tal, mas não era. Acho que hoje isso também está um pouco mais disseminado, mas na época não tinha não.

A: Hoje temos uma ampliação das pesquisas na área de ensino, diferente de décadas passadas, que, embora tivéssemos pesquisas em desenvolvimento, talvez não fossem suficientes para um raio de ação maior.

E: Isso, o que tinha assim, que eram aqueles casos que por exemplo, Luiz Intini que escreveu alguma coisa. Você já tinha no início dos anos 2000 o pessoal do Sul, o Nestor, o Castrogiovanni, e quando eu ia estudar para concurso já tinha alguns textos deles indicados. A Lana com aquele livro já estava começando a ser mais conhecida. O que eu quero dizer é que não era como hoje, que tem essa disseminação um pouco maior. E aí quando eu fui fazer o doutorado eu lembro que na entrevista a banca me perguntou olha só, seu projeto é de ensino de geografia, aqui a gente não tem ninguém na pós, Tomoko não era da pós era só da graduação, a gente não tem ninguém aqui de geografia, como é que vai ser? Eu falei, olha só gente, eu tenho que ir para algum lugar, porque na geografia não tem ninguém da área de educação para me orientar, na educação não tem ninguém de geografia, aonde é que eu vou fazer doutorado? Aí eles riram e tal, e falaram, não realmente, faz aqui com a gente, você tem orientação e tal. É isso né, como é área de interface, uma área que você tá no diálogo ali, é isso, você as vezes, naquele momento ou você optava por um dialogando com o outro ou pelo outro né? E aí foi assim, no meio do doutorado, porque aí nessa história do doutorado, já vem a EJA, a aí a EJA vem com força

A: E você nas escolas né?

E: Eu nas escolas, mas aí no mestrado, uma vez entrando na academia, voltando para a academia. Aí foi o tempo também que Angra perdeu o projeto político que a gente tinha lá né? Foi derrotado nas eleições nos anos 2000, eu saí da secretaria e voltei para a escola de lá. Aí já tinha passado também para a rede municipal do Rio, já estava trabalhando também como professor do município do Rio, fazendo mestrado, antes do doutorado né? Que eu acabei emendando. E aí nisso, a rede de EJA, acabei entrando nessa rede. O que é a rede de EJA que eu estou falando? Era um momento, no início dos anos 2000, que tinham acabado de sair as diretrizes curriculares nacionais de EJA, tinha acabado de ser implementado o FNDE, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, então muitas

prefeituras estavam com projeto e tinham uma grana para fazer formação continuada em EJA, porque tinha mudado completamente a lógica da EJA, não era mais aquela lógica de ensino supletivo. Então tinha muita demanda para a formação continuada de professores, e o Osmar Fávero era um cara conhecido, que por sua vez era orientador da professora Jane Paiva, que era uma professora da UERJ também bastante conhecida na área. Então tinha bastante gente ali e que ali eu fui levado também para fazer estas formações de professores em EJA. Eu fui parar em Japeri, Queimados, Volta Redonda, a gente viajava o estado do Rio fazendo estas formações, também foi um momento muito, muito bacana, que eu acho que ali me preparou para entrar para a universidade como professor sabe Amélia? Porque até então eu não imaginava isso, eu fiz o mestrado não pensando em ser professor universitário, isso não era uma coisa que estava no meu horizonte, eu fui fazer o mestrado. Estava até com uma certa crise com a educação, não queria abandonar não, mas eu queria um outro trabalho, porque apesar de a gente gostar muito ela é muito cruel as vezes né? E isso estava me desgastando.

E: Muito né? Mas enfim, não tinha nem ideia do que seria, estava um pouco nesta crise. Mas aí vem essa coisa do mestrado, você está estudando EJA, tua tese, tua dissertação e aí te chamam, “Então vamos fazer formação continuada”. E a gente foi. Aí no meio deste processo, também era o momento da expansão das universidades privadas, não sei se você lembra disso, com o PRO UNI, com aquelas políticas do governo Lula inicialmente?

E: Exatamente. Aí eu já tinha conhecidos até de Angra, professores de Angra, já trabalhando em uma destas universidades e uma das que mais cresceu naquele momento foi a Estácio de Sá, que abriu campus para tudo quanto é lado. E nisso ela (Estácio de Sá) me chamou, e aí eu fui trabalhar também, foi minha primeira experiência então com ensino superior, nesta universidade privada, de trabalhadores, eu fui trabalhar na Estácio de Bangu, então você não tinha riquinho lá. A noite, pedagogia, então você só tinha professoras de anos e anos, professoras primárias formadas há anos, que davam aulas, ou trabalhadores que só tinham condições de fazer aquela universidade. Eu lembro que eu tinha uma aluna maravilhosa que ela dizia assim para mim “Ênio, eu não posso, eu nunca ia poder fazer uma UFRJ, uma UERJ, porque eu moro aqui em Bangu, eu tenho família, eu trabalho o dia inteiro, eu não tenho condições de pegar um ônibus, ir para lá e voltar, entendeu?” Então essa foi uma experiência muito bacana também, apesar de todos os problemas da universidade privada. No meio desse processo, eu ainda não tinha terminado o doutorado, já tinha entrado no doutorado. Em 2005, quando veio o concurso

para a UFRJ e aí eu fui fazer. E: Foram três concursos seguidos. Teve um para a UERJ, um para o ISERJ...UERJ Maracanã. Para pedagogia, era para dar aula de geografia para a pedagogia. Teve o ISERJ, que era o ensino normal superior, era um instituto de educação, e a UFRJ. Foi assim, meio que, um num ano, outro no outro e outro no outro. Foram três anos seguidos de concursos entendeu? Aí eu passei nos três mas assim, o único que eu me classifiquei foi na UFRJ, que eu entrei na vaga. Os outros eu fiquei um em terceiro, o outro, enfim. Mas que era legal, era o que eu queria mesmo, não esperava passar, eu queria só ser aprovado. Não fiquei triste nem nada não, pelo contrário, fiquei muito contente de ser aprovado. E aí foi começando este movimento de prática de ensino que assim, eu ficava falando, era a única coisa que eu poderia ser mesmo na universidade. Porque não tinha outra coisa, eu fui professor a vida inteira até aquele momento, então era o que eu sabia fazer.

A: Em que ano você entra para a UFRJ?

E: E m 2006, faz 14 anos agora, rápido né?

E: Exato.

A: Gente, eu tenho essa pessoa tão bacana na minha banca. Eu nem sabia que era bacana pois eu não o conhecia...

E: Cara, eu fiquei muito feliz de participar da sua banca por vários motivos, primeiro assim, foi a primeira banca, eu tinha feito doutorado, terminado em 2008. Então você pode ser banca, obviamente, quando é professor adjunto. Eu já te falei quem estava na banca. O Jader que eu conhecia já de colega de prática de ensino. Ele fez o ENPEG de 2007 em Niterói, eu fui da comissão organizadora junto dele, então a gente se conheceu aí e começou uma amizade bem legal. Tinha a Nídia Pontuska, que eu gostava muito, de longe, mas conheci naquele dia. Tomoko estava também, não? Ela eu não conhecia ela. Mas assim, só de estar com Jader, Tomoko, Nídia...

E: Foi muito legal, foi muito bom.

E: É, então, quando você entrou em 2009, eu tinha o que, três anos só, tinha acabado de entrar praticamente, ainda estava tomando o pé das coisas, por que demora um pouco, até a gente se assentar.

A: Demora, e você já entra numa universidade que já tem uma certa tradição, até a gente se apropriar, demora um pouco.

E: Na UFRJ sempre foi assim, para o bem e para o mal né? Ela abre portas para um lado mas para o outro é tão complicado cara, tem essa coisa de ser a primeira, não foi a primeira do Brasil, foi em São Paulo, mas sim, era a Universidade do Brasil, então carrega, uma certa.

A: Carrega uma tradição que de certa maneira tem dois lados né?

E: Um lado bacana por um lado, desse pioneirismo. Mas por outro lado uma coisa que as vezes é difícil para a gente avançar;

A: A tradição as vezes dificulta avançar porque tem algumas referências muito consolidadas. Na UFRJ você chega nos estágios docentes?

E: Chego nos estágios, tendo já que negociar com escola, com professor. Mas escola, não era muito meu problema, porque eu vivi a escola. Era só mudar de escola e tal. E aí, eu descobri que o Pedro II por exemplo era um grande local de estágio, muita gente até hoje faz estágio lá. Eu estudei no Pedro II né? No ensino médio. Então eu volto a frequentar o Pedro II, desta vez como professor de universidade, então isso foi muito bacana, gostei muito. Reencontrei ex-professores, tinha um professor de geografia do Humaitá que foi meu professor de geografia no colégio. E eu me lembro que ele numa aula ele perguntou, olha só primeiro ano do ensino médio. Certa aula ele pergunta assim “quem gosta de geografia aqui?”. Aí eu levantei o braço, outro ali, outro ali, eram poucos né. Aí ele assim “Vocês já pensaram o que vocês vão fazer de faculdade?”. Imagina, quinze anos, não, só sei que gosto de geografia. “Então façam geografia.” Foi a primeira vez que eu ouvi alguém dizer alguma coisa assim entendeu? Segundo ele, a lógica dele era a seguinte, naquela época já estava começando a pipocar os cursinhos pré-vestibulares sabe? E aí ele dizia que não vai faltar emprego, que vocês vão ganhar muito bem e que não faltá é cursinho para dar emprego para vocês. Acabou que eu fui fazer geografia não foi nem por isso não porque não era uma coisa que me atraía essa coisa dos cursinhos. Eu fui fazer porque gostava mesmo da área. Mas isso me marcou de alguma forma porque ele foi a primeira pessoa que, falou isso, ainda mais da geografia. Aí quando eu vou lá para o Pedro II como professor de estagiário né, vou lá, me apresento, eu já tinha sondado e sabia que ele estava ainda atuando, um senhor já, até que um dia vou lá aonde ele estava

no Humaitá e eu ficava, falo ou não falo? Claro que ele nunca ia lembrar de mim porque eu era um garoto de 15 anos, já estava com cabelo branco, até que um dia eu falei para ele “Sr. Ivan, o senhor sabia que eu fui seu aluno? Nossa, ele ficou... “Você foi meu aluno?”. Fui no Pedro II do Centro, no ano tal, claro que o senhor não lembra de mim, aí contei para ele dessa história, ele ficou tão emocionado. “Olha isso que é bom ser professor”. Quis contar para todo mundo, chamou todo mundo.

Foi muito legal. E aí foi um grande parceiro de estágio depois, foi orientador de vários estagiários meus. Era uma delícia, eu ia para lá assistir aula com ele. E era daquele tipo de professor que ele interrompia o estagiário dando aula, “mas olha isso que ele está falando, você não acha Ênio? Fala você também”. Era um show, a regência virava um espetáculo. E ele ficava tão empolgado, ele adorou receber estagiário, ele hoje está aposentado, descansando. Está aí, na vida, na luta, até onde eu sei está tudo bem com ele.

A: Ênio, ao longo desta tua relação com as escolas, com os estágios docentes, quais são os desafios que você consegue desenhar? Eu sei que são muitos, mas tem alguns que você conseguiria apontar com maior centralidade?

E: Os desafios eles são muito conjunturais também. Se você me perguntasse isso a três, quatro anos atrás era uma coisa e tal. Mas vou pensar um que tem perdurado deste que entrei, e outro que é mais da conjuntura atual. O que tem perdurado, como trabalho de professor de estágio, não é nem da formação docente como um todo, eu acho que apesar de ter melhorado muito, eu ainda acho que a relação nossa com as escolas, isso ainda precisa ser mais pensado, refletido. A gente tem melhorado mas assim a gente entende também que o professor da escola básica ele tem lá as suas questões que são muito difíceis também. Então eu sempre fico com medo, eu não posso e nem tenho como fazer isso, exigir dele algo que não. E que eles também, as vezes que eles querem mais da gente, a gente quer mais dele mas a gente não consegue se encaixar muito, entendeu? Algumas situações não são assim, porque eu tenho alguns colegas, dependendo da escola que são, por exemplo, o CAP não é tão assim, porque o CAP tem um diálogo que é isso, que a gente estava falando lá no início. Ele é um colégio da universidade, então ele é um pouco diferente. Primeiro que ele é pensado para essa coisa do estágio. Então nesse sentido com o CAP eu não percebo isso tanto. Embora tenha realmente diferenças, mas não é isso. Eu falo mais da relação com os professores da rede estadual, municipal, alguns da rede federal, o próprio Pedro II que é tão diverso, eu tenho colegas que entendem perfeitamente

a nossa discussão e qual é o papel de um professor de estágio e que nossa relação é muito boa, mas tem outros mesmo no Pedro II que não pensam desta forma, mesma coisa na rede municipal e estadual. O que tem rolado muito ultimamente que tem sido bacana, são ex alunos nossos que agora são professores e recebem nossos estagiários. Isso é bacana porque a gente já percebe uma diferença, uma valorização maior do estágio, entendeu. Mas quando falo isso, é até na relação universidade escola. Eu sempre fico com um certo receio de usar a escola sabe? E eu sempre acho que eu estou devendo alguma coisa aos professores da escola, que eu também não sei o que é e o que dar, porque não sou eu sozinho, ou seja, é uma questão institucional. Eu acho que é nessa linha que o complexo de formação de professores da UFRJ tenta jogar assim entendeu? Embora seja uma construção difícil, não é algo fácil, porque você vai trabalhar com um pequeno grupo de escolas primeiros, para depois ampliar. E as outras também estão dentro né? Mas eu que a Carmem, ou o Nova foram por aí quando eles tentaram pensar algo nesse sentido.

A: Este complexo, vai para além dessas parcerias. Eles envolvem uma instituição também, isso é bacana né, este complexo do qual você está se referindo?

A: Este complexo vai para além dessas parcerias individuais construídas por meio dos professores(as). Ele envolve uma instituição também, isso é bacana né, este complexo do qual você está se referindo.

E: Acho muito legal por exemplo quando eu chego lá na geografia, não são todos, mas alguns professores vêm falar comigo do complexo, sabem mais do que eu, professor da educação. Porque eu não participei deste processo de construção do complexo, a gente era informado através de algumas reuniões. Tudo bem, tinham reuniões que eu poderia ter participado e tal, mas acabei não indo, no momento não estava muito envolvido, e assim como eu vários colegas nossos lá. E aí quando chegava na geografia, eu via gente dominando muito mais a estrutura do complexo que eu mesmo, eu falei por um lado eu achei interessante, falei po, bacana este complexo já tem uma coisa legal que é, fazer com que a formação de professores seja discutida em outras instâncias da universidade que não só a faculdade de educação, que não só a aula de estágio. Então eu sinto que isso é meio abraçado, não digo por todos os cursos claro, eu não conheço, mas a geografia eu entendo que apenas uma parte tem interessado, a gente teve uma reunião agora há pouco tempo, e aí já são professores ex alunos nossos do departamento de geografia e do CAP também. São três alunos do CAP que foram nossos estagiários. Então isso de alguma

forma também é bom para o nosso diálogo, a gente fala a mesma língua, embora tem uns com pensamentos muito diferentes, mas a gente se entende assim. E é legal quando você marca institucionalmente. Agora tem muito caminho ainda pela frente. O desafio posto na conjuntura é a para onde vai a formação de professores né? Diante deste cenário que a gente tem, diante da BNCC, diante da BNC, da base nacional de formação de professores, que estão numa lógica completamente diferente e distante do que a gente acredita né? E eu acho que hoje, assim, eu estava muito preocupado com tudo isso que a gente vem vivenciando, perseguição a professores, escola sem partido, e eu ficava pensando gente, qual a cabeça desta garotada agora, da galera que está na faculdade, na licenciatura? E o que falar com eles diante de tantos ataques a educação? E aí esse ano, ao invés de eu ficar preocupado com isso, eu falei sabe de uma coisa, eu vou perguntar a eles, eu quero saber o que eles pensam disso. Aí eu fiz um questionário daqueles Google Form, isso antes da pandemia, e gente, quero que vocês respondam, porque eu vou montar meu programa a partir daí. Claro que eu já tenho uma estrutura, mas estou bem aberto dependendo das respostas que vocês colocarem eu vou acrescentar coisas, vou mudar e tal. E aí, uma das primeiras perguntas era o que mais preocupava eles enquanto professores em formação. Claro que a questão salarial aparece, mas cara, ninguém ali dizia eu vou desistir de ser professor, pelo menos não externava. Quem está ali e chegou no sexto período para fazer estágio, está indo para ser professor, claro que a vida pode levar para outros lados, mas assim, ele está com esta incumbência. Aí quando eu pergunto numa lista de coisas o que era mais importante ao ser professor se era passar conteúdo, construir raciocínio crítico nos alunos, ganha disparado construir raciocínio crítico com os alunos. Eu fiquei muito feliz porque assim, diante desse mar de coisas eu ficava pensando, será que essa coisa do pensamento crítico está tão caído que os caras não reconhecem? Não mas a galera reconhece que isso é o mais importante, isso que é bacana, eu fiquei muito feliz com essa resposta deles, e apesar de ser a distância e tal, eu estou gostando da forma com que eles estão respondendo sabe? Estão muito interessados, muito curiosos, isso eu acho que é legal, pelo menos tem um grupinho ali que está bem bacana em relação a isso. Mas acho que a maior dificuldade hoje é isso né, a gente perceber que está formando professor para uma coisa que a gente não sabe o que vai acontecer daqui há um tempo. Porque há algum tempo atrás a gente tinha alguma certeza, o futuro sempre foi incerto mas de alguma coisa a gente sabia que o cara, até 2014 a gente estava falando isso outro dia, eles saíam todos empregados, Amélia, não sei se você percebeu isso também nos seus alunos. Saía ou com

concurso, ou com escola particular. De uns quatro, cinco anos para cá, já não saem empregados, já são motoristas de Uber.

A: A precarização do trabalho docente se intensificou muito né?

E: Precarização total. Fora do mundo da educação entendeu? Então assim, eu acho que esse é o maior desafio hoje, como é que você continua com esta chama acesa da vontade, e para quem né? Ser professor para quem, para onde, em que contexto, em que situação. A mim, como professor dessa área eu acho que é o mais difícil. Mas eu acho que essa forma que eu achei é legal, vamos conversar, vamos perguntar para eles né? Por que as vezes não é só isso não, eles vão te dar mais pistas aí do que você imagina, os caras estão fazendo, estão indo. Na geografia você sabe, tem muita gente das classes populares, então eles estão atuando, eles estão nas comunidades deles fazendo coisas, estão fazendo movimento social. Quem não está, está trabalhando, está ralando. Olha isso, semana passada eu estava mal, aí uma aluna ano passado já tinha me procurado encantada com a educação de jovens e adultos, ela estava fazendo estágio na EJA. Trabalha o dia inteiro e foi fazer o estágio na EJA, ficou encantada, sempre falava comigo e me procurou para fazer TCC. E agora no laboratório de EJA que a gente tem lá, que eu coordeno inclusive, a gente fez um projeto de extensão para ter extensionista para trabalhar com a gente em algumas atividades que a gente quer fazer online entendeu? Pois ela achou isso na internet, veio me procurar, professor eu quero, pedindo pelo amor de Deus, olha, pedindo pelo amor de Deus, nem bolsa tem, é extensionista, é para trabalhar, só isso. E ela assim é tão apaixonada pela educação de jovens e adultos, que essa menina ficou. E é licencianda em geografia e eu até falei Emília, minha companheira, eu falei cara, bateu uma coisa assim, que responsabilidade, porque ela vem pra mim assim e eu não posso decepcioná-la entendeu? Eu tenho que pegar essa força que ela tem, que ela está querendo, essa vontade e esse desejo e a gente tem que. Po, isso me botou lá para cima porque eu não estava numa semana muito boa, mas isso me deixou assim, da felicidade dela começar a trabalhar com a gente, numa área que ela...

A: Mas eu achei muito bacana você socializar esses desafios com os(as) licenciandos(as) e lidenciandos, pois parece que a gente tem que ter as respostas e muitas vezes a gente não tem, talvez a gente tenha que socializar essas respostas. Importante essa saída pedagógica e política que você encontrou.

E: Eles sabem disso, eles têm consciência do que está acontecendo, claro que não tem a profundidade e a análise, mas eles sabem do que rola, e ainda assim estão lá, e é isso que eu fico perguntando, e ainda assim estão lá. Claro que com essa coisa da pandemia a gente se preocupa muito com a evasão, com muitos alunos saindo, eles estão muito frustrados, a gente está em um processo difícil, tem muito aluno nosso, acho que geral, com saúde mental abalada, com depressão, o negócio está complicado assim. Muitos tiveram que ir trabalhar, eu tive dois alunos que não trabalhavam regularmente, um pegava cursinho pré-vestibular, o outro fazia uns trabalhos de fotógrafo, então ia vivendo a universidade. E agora na pandemia, os dois estavam comigo no meu grupo de pesquisa e tiveram que parar de frequentar as reuniões porque tiveram que trabalhar. Um está trabalhando em loja de shopping, e o outro eu não sei exatamente o que é, mas é horário integral, de oito as cinco, e não pode mais fazer parte do grupo de pesquisa. E é uma pena, porque quando ele pediu para entrar ele disse que o sonho dele era fazer parte de um grupo de pesquisa, porque tem isso também, os alunos da licenciatura lá se ressentem muito, porque tem uns que não trabalham então entram e vão logo participar de grupos de pesquisa, mas uma boa parte não. Então chega lá no final ele se sente um pouco frustrado de não ter vivenciado esse lado da universidade, ele só chegava para ter aula e ia embora. Os que trabalham então mais ainda, por isso que a Clara, essa menina, está tão feliz. Porque ela está no final do curso já, sempre trabalhou todo o curso, e agora é que parece que ela está se sentindo uma universitária, porque agora ela está num grupo de pesquisa, ela está trabalhando com um laboratório entendeu? Coisa que até então ela nunca tinha tido esta experiência.

A: Eu compreendo por que cursei a minha graduação, trabalhando. Terminei meu curso, em seis anos, por conta do trabalho e um dos meus maiores sonhos era continuar no espaço da universidade após as aulas. E eu reencontrei um vínculo maior com a universidade por meio do movimento estudantil. Encontrei um sentido ali, eu era uma estudante que trabalhava. Me envolvi no movimento estudantil e ali descobri o papel da universidade pública. Descobri que eu era trabalhadora e que não era natural estar na universidade, era uma conquista. Desde então que essa luta pela universidade pública passou a ser parte de mim. Então acho que é bem importante a gente olhar para esses alunos trabalhadores a, acho que isso que você está falando, para eles se sentirem integrados na universidade, como parte deles, inclusive como parte de uma instituição para trabalhadores(as).

E: Sim. E o legal é isso que você falou, eles entenderem isso, eles perceberem e aí sempre com leituras, a gente trazendo os autores para a gente discutir, pensar, acho que isso que é nosso papel aí né? Ajudar eles a pensar um pouquinho sobre as coisas, e eles a gente também. Agora essa coisa de perguntar para eles acho que vem lá de Angra viu? Formação Freiriana, Paulo Freire na veia. Vamos ouvir, vamos dialogar primeiro entendeu? Antes de você chegar e sair falando não, quero ouvir, vamos lá. E foi muito legal, acho que está sendo bem bacana. Essa postura eu sempre tive depois das leituras de Freire lá, é claro que a gente vai sendo freiriano de várias formas, que é onde a conjuntura te leva, aonde as circunstâncias deixam você ser freiriano. Mas assim, essa base do diálogo, de sempre tentar começar uma aula mais ouvindo do que falando, isso vem muito do que eu aprendi lá em Angra nas formações que a gente tinha, era bem legal. E quem trabalha com a EJA né? EJA é isso, é você entender isso, a escuta. Até saber escutar para poder aí sim dialogar com mais clareza, com mais vigor. Porque senão não é diálogo, é o que o Freire falava, é um monólogo. Senão o cara não vai te entender, você não vai entender ele, e na escuta a gente aprende. Então eu aprendi isso com esses meninos esse ano, não tem que ficar mais preocupado com isso não, vamos deixar que eles falem, eu to afim de fazer isso para ver ao longo do tempo.

A: E eu acho que a gente está indo para a finalização, como é importante a gente dividir nossas trajetórias para os licenciandos e licenciandas, eu sei que a gente viveu contextos diferentes geracionalmente falando, evidentemente, mas eu acho que é bem importante socializar também, por que também foram percursos que tiveram seus altos e baixos, seus desencontros, seus encontros então eu acho bem importante. Eu gostei muito de ouvir essa tua trajetória, este espaço formativo de Angra que você retomou para falar como foi importante para você ao longo da sua formação. Achei bem interessante.

E: Nossa, foi muito legal. Como eu falei eu sempre gosto de falar, e eu acho que é uma coisa que você havia pedido né, falar para a geração agora. Eu acho que é isso, e muito legal seu projeto também, porque a partir das nossas trajetórias a gente vai contando nossas histórias, e olha só quanta história que a gente conta e muita gente não tem nem noção de que aconteceu.

A: Não temos noção e aí parece que o Ênio é só um professor da UFRJ, eu acho que as vezes conhecer essa trajetória é importante, porque é nossa humanidade construída neste processo enquanto trabalhador.

E: Sim. Trabalhador da educação que se propõe a pensar sobre isso, sobre seu fazer, sobre sua profissão. Mas eu diria isso, a gente vive um momento de contra-sonho como diz o Paulo Freire também né, “todo sonho tem seu contra-sonho”, a gente está no contra-sonho, nessa distopia aí. Mas eu acho que quando a gente vê que isso aconteceu, a mim pelo menos me dá uma esperança entendeu? De que isso é possível, se aconteceu é porque é possível. E só houve reação do jeito que a gente está vendo hoje porque isso aconteceu. Isso só dá mais clareza para a gente do que é a luta por um projeto de sociedade, o que é uma sociedade mais igualitária e como isso incomoda muita gente entendeu? Então assim, eu tenho certeza, a gente sofria isso em Angra lá, a gente fazia isso mas é claro que tinha muita oposição da elite local contra tudo ali, u,a outra política. E a gente naquele momento achava que não, que aquela escola, a gente lutava por aquilo ali porque acreditava naquilo ali. E eu vejo que Angra hoje apesar de ter desmontado tudo e tal, você sabe que você chegá-la lá e essa história ficou. Gente que entrou depois não tem ideia mas já ouviu falar, essa coisa vai ficando, até porque é um passado não muito distante, mas ainda assim, isso fica lá um pouco ainda. Ainda está no imaginário de muitos, está na memória de muita gente lá ainda.

A: Ênio querido, eu agradeço, já te explorei muito, eu agradeço de você ter se disponibilizado a dividir conosco o teu percurso neste projeto de formação de professor que ainda né, está colocado, que é nosso processo de formação de professor que está colocado aí para a vida inteira. Mas uma narrativa do até agora, é muito interessante, quando a gente narra no final das contas a gente também se pensa, estrutura talvez, elenca o que foi mais importante nos nossos processos de formação, então eu agradeço bastante.

E: Ainda aprendo muito. Espero ter contribuído.

A: Vai contribuir para outros. Para mim e para outros, está bem querido?

E: Está bem Amélia, tudo de bom na sua pesquisa, no seu trabalho.

Prof^ª. Edileuza Queiroz

Amelia: Edileuza eu te agradeço por dividir sua experiência conosco, tenho muito carinho e respeito por sua trajetória acadêmica, a dedicação que você tem pela formação de professores e o estágio docente, em particular. Eu queria que você dividisse com a gente um pouco da sua construção como professor. Você parte de onde achar que é mais interessante.

Edileuza: Eu que agradeço o convite, eu fiquei extremamente lisonjeada, e assim, peço desculpas pela demora da resposta, mas você sabe que esse mundo híbrido é muito complicado, é muito difícil, eu falo meu deus, tomara que saia esta vacina para eu me vacinar, as pessoas se vacinarem, para a gente voltar, pra eu sair, ir para a universidade e voltar, enfim, é muito complexo esta questão. E eu sinto falta do calor humano assim, você dar aula para a tela do computador, é muito difícil. Eu falo que sou do toque, do estar conversando, olhando para as pessoas e aí essa questão de você estar olhando para a tela, isso é muito difícil, mas enfim, é o que temos, como a Cris fala, é o que temos para hoje. Por onde você quer que eu comece?

A: Na trajetória de construção de ser professor, quando começa? Como se dá o teu encontro com a docência?

E: Então Amélia, eu costumo dizer que eu acho que isso foi quando eu nasci. Minha mãe fala que quando eu nasci ela estava numa enfermaria, e aí várias mulheres e elas começaram a conversar, o que você sonha para o seu filho, e ela fala assim, eu sempre me emociono, ela fala eu quero que minha filha seja professora.

A: Que lindo!!!

E: Sim, foi quando eu nasci. Então assim, eu sou de uma origem muito pobre, e por ela falar aquilo as pessoas, ela conta isso, que as pessoas falaram como você vai conseguir que sua filha seja professora? Ela dizia eu vou, ela vai ser professora, ainda falava assim, porque eu acho a profissão mais bela desse mundo, ela vai ser professora. E aí, as coisas vão acontecendo, o tempo passa, e eu sempre gostei muito desta questão de estar, eu

lembro que quando eu tinha minhas bonecas eu gostava de estar arrumando, mas estar conversando, falando, trocando, sempre essa questão de indas e vindas. Eu estudei, eu fiz meu curso primário, da primeira a quarta série, numa escola multisseriada, sabe? Era multisseriada, e aquilo ali ao mesmo tempo que me deixava angustiada porque a professora tinha que dar atenção para todo mundo, eu ficava também ouvindo o que ela estava ensinando para os meus colegas.

A: Onde se deu essa experiência, Edileuza?

E: No Nordeste.

E: E aí, era uma escola que ficava numa vila dos moradores que meu pai era um empregado do dono da fazenda, tinha uma vila, e naquela vila ele fez uma casa e falou aqui vai ser a escola para que os filhos dos trabalhadores estudem. Aí inclusive a escola tinha o nome da fazenda dele, Escola Municipal Fazenda Oitê. Que era o nome da fazenda.

A: Qual estado do Nordeste Edileuza?

E: Na Paraíba. E aí, o tempo vai passando e o que vai acontecendo? O dono foi precisando da terra e eu falo que nós fomos expulsos pelo êxodo rural. E aí não tinha mais como o meu pai trabalhar na terra, porque não tinha mais espaço, porque toda aquela terra aonde eles trabalhavam o gado chegou, então o dono disse não tem mais espaço para vocês trabalharem, eu vou dar uma casa para vocês na periferia da cidade e minha falou eu não quero ficar aqui porque se a gente ficar aqui meus filhos vão estudar aonde? Eu não quero. A gente vai para um lugar que tenha aonde meus filhos estudarem. Eu não quero que meus filhos puxem terra para os pés como eu puxo para os meus pés. Então, eu lembro disso, isso é muito forte em mim porque a gente, a questão do lugar né, depois quando a gente vai fazer geografia a gente começa a entender muitas coisas né? Lugar, aquilo era muito bom pra mim, eu gostava muito dali, a liberdade, aquela coisa de criança e tal. Enfim, quando foi no ano, no dia onze de fevereiro de 1979 nós viemos para o Rio de Janeiro de mala e cuia. E aí nos instalamos aqui, na Baixada, só que o que aconteceu? Não tinha escola para todos, ou seja, não tinha escola para mim, e não tinha dinheiro para pagar. Minha mãe conseguiu escola só para os meus outros três irmãos, para mim não tinha. Aí ela falou assim, eu já falei com o seu tio, irmão dela, e você vai morar com eles porque lá você vai poder estudar. E eu aceitei, eu lembro que eu passei esta noite chorando, de ter

que ter esta separação de novo, mas um outro porte, mas eu falei eu vou. E ela ficou morando aqui na baixada, em Queimados, e eu fui para São Gonçalo, para a casa dos meus tios. E lá ele conseguiu vaga numa escola para mim, lembro o nome, Escola Estadual Nilo Peçanha, em São Gonçalo, bem em frente ao fórum. E aí, eu tive que fazer a quarta série de novo, porque eles falaram que pela legislação eu tinha que fazer de novo enfim, fiz de novo, e aí como eu era muito espertinha eu era sempre a ajudante da professora entendeu?

A: A sua primeira experiência de professora, como docente, foi de ajudante de professora?

E: Ajudante, é. E eu ajudava e ela me defendia porque tinha o que hoje a gente chama como bullying né? E aí ela me defendia, enfim, e nós ficamos ali. Aí o tempo foi passando eu fiz a quarta série, a quinta, a sexta, fiz a sétima.

A: Qual era o bullying, qual era o preconceito que você enfrentava?

E: Preconceito por eu ser do Nordeste. Então eu sofria muito isso. E essa professora, Maria Izilda, lembro dela até hoje, ela me defendia muito e eu me sentia muito protegida. E ela me colocava para ajudar, fazer as coisas e assim, naquele tempo a gente não tinha livro na escola como a gente tem hoje, então ela arrumava livro para mim, eu sempre tinha livro porque ela me dava os livros para estudar. E aí depois eu comecei a ir muito à biblioteca da escola, sempre gostei muito de ler. E aí na sétima série, uma professora de língua portuguesa, professora Maria Gilda, falou assim: Edileuza, você já pensou no que você quer ser? Eu falei assim, acho que eu quero ser professora, ela é, você leva muito jeito, porque você não faz o curso normal? Eu falei eu pretendo. Ela falou então, só que é muito disputado, porque lá em São Gonçalo tem o instituto de educação Clélia Nanci. Só que naquela época tinha uma prova e era uma prova difícil, e ela falou eu não tenho certeza se você vai conseguir fazer esta prova, mas eu falei eu estudo, ela disse não depende só disso. Enfim, me deu uma enroladinha básica e falou, eu tenho uns amigos lá naquela escola, porque se você for fazer a oitava série lá, você não vai precisar fazer a prova para o ir pro curso normal.

A: Você já estava na escola né?

E: Exatamente, para quem já está na escola não precisa. Aí eu falei, então está bem, mas

eu vou deixar essa escola? Ela falou não faz mal, você continua vindo aqui. Aí eu sei que ela conseguiu já no mês seguinte, fui com minha tia e fiz a matrícula. Aí fiz lá a oitava série e já entrei direto no curso normal. E aí eu fiz o curso normal lá, adorei, eu adorava os momentos de estágio, eu adorava. Eu lembro que tinha uma professora de estágio que falava Edileuza você se empolga demais. Eu falei é porque eu gosto muito. Ela não, você toma o tempo das suas colegas, eu falei eu gosto, eu não me incomodo não. E aí eu lembro que era um uniforme bonitinho, todo quadriculadinho, tipo um aventalzinho sabe? Era uma coisa. Então eu fiz lá os três anos, eu falo que aprendi muito naquela escola porque, eu sempre estudei na escola pública, mas a base que eu tive lá foi superimportante sabe? E enfim, e aquilo me reafirmou o que eu já achava que queria ser futuramente, que era a docência. Aquilo reafirmou. Por isso que eu brigo tanto hoje com os meninos, brigo num bom sentido, da questão da importância do estágio. Nesse momento que você vai encontrar pontos positivos, pontos negativos, descobertas, muitas coisas você encontra ali. Mas enfim a gente vai falar isso mais adiante. E aí eu terminei o curso normal, fiz todos os estágios, fiz longos estágios, o estágio de alfabetização que era longo, enfim, fiz todos. E aí eu fui, tinha uma escola perto da casa da minha tia, e a diretora sabia que eu estava fazendo normal porque eu ia levar meus primos na escola de vez em quando, e aí ela me convidou para ser a professora da creche, que escola tinha uma creche então ela precisava e a legislação exigia que a creche tivesse também uma professora e que fosse formada e eu fiquei toda contente. Só que eu trabalhava muito nessa creche, em entrava lá por volta de seis e meia da manhã.

A: Então foi na creche o seu primeiro emprego como professora?

E: Isso, carteira assinada e tudo. Está escrito lá, professora primária. Registrado. E aí eu me envolvia muito naquela escola, nossa, eu trabalhava demais, era até cansativo, e assim, além de dar aula para eles, depois, as aulas terminavam as dezessete e trinta, a partir daí eu tinha que ficar até a última criança ir embora e as vezes a mãe ligava para a escola dizendo que ia se atrasar porque trabalhava no Rio e quantas vezes eu levava a criança para dormir comigo em casa sabe? Levava porque a creche ia fechar, ela não chegava, enfim. E aí nisso, saiu um concurso para a prefeitura do Rio e eu falei vou fazer. Aí eu lembro que me inscrevi, paguei a taxa fiz tudo direitinho e comecei a estudar nas horas que dava e teve um sábado que eu falei eu nem sei onde é esta escola, eu fiz numa escola de Engenho de Dentro. Aí eu saí de São Gonçalo cedinho, fui lá conhecer essa escola para no dia eu sair certinho e não perder o horário. E aí eu fui conhecer a escola, Escola

Municipal Rio Grande do Sul. Aí fui, aprendi, voltei para casa, enfim. Eu fiz o concurso e quando eu passei, fui chamada e fiquei feliz da vida, fui lá e pedi as contas.

A: Isso você já havia passado no concurso para o magistério?

E: P2. Professor dois, lá no Rio eles chamam P1 o professor dos anos finais do ensino finais do fundamental e o P2 que é dos anos iniciais. E aí eu passei pros anos iniciais do ensino fundamental. E aí, quando eu passei para lá eu falei opa, agora já tenho minha independência financeira agora eu posso voltar para casa né? Aí eu voltei, vim para casa, porque eu fui trabalhar em Santa Cruz, lá no Cesarão. Escola Municipal Eduardo Rabello. E aí ficava melhor eu sair daqui, da baixada, e ir para Santa Cruz, porque de São Gonçalo para Santa Cruz era impossível, eu nunca ia chegar lá porque eu peguei o primeiro horário, de sete horas da manhã. Então, eu saía de casa quatro e vinte, quatro e meia da manhã para poder ir para Campo Grande, e de Campo Grande ir para lá. Então era uma via crucis todo dia né? Os cinco dias da semana.

A: Você trabalhava um expediente só ou o dia inteiro?

E: Um só, no primeiro ano foi um só. Nossa eu adorava, porque eu fazia uns campeonatos com os alunos, foi muito bom. E aí a diretora viu que eu morava muito longe e eu gostava muito de ficar na escola. Aí no ano seguinte saiu, isso foi em 91, quando foi em 92, saiu uma política pública, era como se fosse a aceleração, que era a formação de turmas daqueles alunos que não conseguiam avançar da quarta série, ainda era quarta série. E aí juntava todo mundo numa turma, e a turma estudava de sete da manhã as três da tarde. Eu adorei, porque eu ganhava dobra, era dupla regência.

Eu falei está excelente, nossa, eu adorei. E foi bom também porque a gente teve muita formação, e não era assim de qualquer jeito, tinha muita formação. A gente fazia toda sexta-feira, cada um tinha que levar alguma coisa para a gente fazer um lanche coletivo. Então ia tudo na sala de aula, aquela sala era só para mim porque a turma ficava o dia inteiro. Então foi maravilhoso, foi um esplendor. Muito bem, e aí eu falei está muito bom mas eu preciso voltar a estudar porque não está dando essa vida não, acho que parece que eu estou repetindo tudo que eu já sei, parece que não tem mais nada de novo. E eu não queria fazer pedagogia, não sei por quê. Olha que hoje eu amo dar aula na pedagogia.

A: Sim, porque de alguma maneira, você já tinha um exercício na pedagogia.

E: Exatamente, e na pedagogia eu via que o profissional vai ser um orientador pedagógico, um orientador educacional ou vai para a gestão, Eu falei, eu não quero isso. Eu vou fazer outra coisa, aí lembrei que lá na quinta série eu tinha uma professora de geografia que eu não gostava dela mas eu gostava da geografia. Eu falava gente como pode, um assunto tão legal e essa professora dá aula desse jeito? Como pode isso? E aí, tinha que decorar, e eu lembro que fiquei de recuperação, mas porque tinha que decorar, eu tenho dificuldade de decorar as coisas. Eu falava puxa, isso é muito legal e falei, poxa, eu vou fazer e acho que vai ser legal se eu fizer a geografia. Mas aí ficou, foi rolando e foi passando, mas aí eu vi que naquele momento não dava, mas falei bom, eu tenho que fazer alguma coisa.

Aí olha o que eu fui fazer. Aqui na baixada ficava difícil para eu ir para outros lugares fazer uma graduação porque tinha que ser a noite. Aqui Amélia, naquela época a gente não tinha as universidades públicas aqui na baixada. A gente tinha algumas particularidades, e essas particulares por exemplo, só tinham da área pedagógica cursos de pedagogia ou educação física. Pedagogia eu já sabia que não queria e educação física nem pensar. Aí eu fui fazer outra coisa, eu fui fazer administração. Aí minha mãe, minha filha, o que isso tem a ver com você. Eu sei lá, eu vou fazer, eu não posso ficar sem estudar.

A: Sua mãe tem uma compreensão da dimensão social né?

E: Sabe? É uma pessoa que ela, eu vou abrir um parêntese e falar um pouquinho dela, porque acho que foi por isso que ela quis que eu fosse professora, porque era o sonho dela.

A: Quantos anos sua mãe tem?

E: Ela tem 73. Aí o que acontece, ela queria muito estudar e ela não conseguia porque meu avô dizia que mulher não era para aprender ler, pra que mulher precisa saber ler? E aí, como ela aprendeu a ler? Ele era muito mulherengo, então toda noite ele ia para a farra e a minha avó inventava uma mentira para ele e minha mãe ia estudar numa casa, tinha uma casa lá, nesta época eu não peguei, quero dizer, na minha época já não tinha mais. Numa casa que uma pessoa que sabia mais ensinava os outros. Ela nunca foi a escola. Então para ela, escola, a educação é a melhor coisa do mundo, é a educação que vai te levar para outros mundos. E enfim, voltando para cá, ela falou, mas não é você e eu falei

mas eu vou. Aí passou, isso a noite, não tinha outra opção.

A: Esse curso de administração que você foi fazer era na universidade?

E: Era, numa universidade particular.

A: Sua vontade de estudar era imensa!

E: isso, exato, eu queria estudar porque eu estava muito ..., sabe? Um vazio né? Aí quando chegou na metade, quando eu completei dois anos eu falei mãe, não quero fazer isso mais não. Ela falou agora você vai fazer, você inventou, eu falei para você não fazer, você disse que queria fazer, agora vai até o final. Enfim, fui, terminei.

A: Você fez o curso de administração em quantos anos? Gente, é muita história Edileuza...

E: Quatro anos. Quando terminou, não sei se você lembra o Pedro II, o Colégio Pedro II ali em São Cristóvão, ele tinha uma espécie de professores que formavam uma espécie de uma cooperativa, que formava a faculdade de humanidade Pedro II.

Era como se fosse, hoje eu considero como se fosse uma cooperativa porque os professores que davam aula eram do Pedro II sabe? Então era algo como sem fins lucrativos, mais ou menos assim. Essas instituições sem fins lucrativos, mas não são ONGs, são instituições registradas, tudo direitinho. Aí apareceu um curso lá de uma especialização em administração escolar, eu falei opa, já tenho administração. É dia de sábado, dia inteiro, beleza, casou. Aí eu fiz, foi legal, conheci muita gente, tinham professores excelentes, professores da UFRJ, doutorandos, outros professores do Pedro II. Muito legal o curso, muito bacana, naquela hora já tinham horas complementares, então a primeira vez que eu fui ao Teatro Municipal foi por causa deste curso. A gente tinha que fazer horas complementares né, em diferentes espaços de cultura. Era espetacular. Então foi maravilha eu fiz e tal. Aí o tempo passou, eu comecei a pensar, ainda não estou feliz, eu preciso fazer uma graduação, uma licenciatura que não seja pedagogia. Aí o que aconteceu? Eu fiz o concurso e passei para a segunda matrícula no município do Rio, na prefeitura. Só que, com essa segunda matrícula o que aconteceu?

A: Você já tinha curso superior que era administração.

E: Isso, já tinha administração e a especialização em administração escolar. Surgiu essa oportunidade, eu passei para minha segunda matrícula, só que teve um problema. A segunda matrícula tinha vaga para a quarta CRE, naquela época que agora não é mais, era a região da Maré. Por isso que a Cris fala que a gente já deve ter se esbarrado em algum lugar na Maré. Porque foi naquela época que a Cris estava andando pela Maré, estudando e trabalhando. E aí eu falei, opa o que eu vou fazer? Aí eu fui e falei vou pedir para ir para a Maré porque lá, quem sabe, do outro lado da ponte tem a UFRJ, porque do outro lado da ponte? Porque ali na Maré tem aquelas duas pontes, eu chamo pontes, são dois viadutos que eu chamo pontos que os dois vão para o Fundão, eu falei já estou mais perto então já é uma oportunidade. O que eu fiz, batalhei a beça, eu saí da minha escola que eu adorava trabalhar em Santa Cruz mas não dava mais e pedi para levar esta matrícula para a quarta CRE. Eu sei que eu consegui porque ninguém queria ir para a quarta CRE mesmo que era na Maré, realmente muito barra pesada, muito difícil. Aí eu fui, e o que aconteceu foi legal porque eu coloquei minhas duas matrículas no CIEP operário Vicente Mariano, ele é um CIEP que ele é do ladinho da Linha Amarela, ele fica entre a linha Amarela e a Linha Vermelha. Dali, em dois minutos eu estava no Fundão. Olha que legal. Aí eu falei, agora estou bem.

A: Pois é, você ainda não sabia nem o que você ia fazer no fundão mas sabia que estava perto do fundão!

E: Exatamente, eu estava perto, estava por ali. E aí, o que eu fiz? Dei entrada lá, porque esse curso de especialização me deu uma base pedagógica muito boa, este curso que eu fiz no Pedro II sabe? E eu sempre gostei de ler, eu gosto muito de ler, o que sai assim dentro da área da educação, eu sempre gostei muito de ler. Então eu tinha feito algumas coisas na administração enfim, saiu um edital lá de, como se chamava mesmo este edital? Era um edital que a gente dava entrada lá na universidade e aí você fazia uma prova e uma entrevista para quem já tinha um curso superior sabe? E aí eu falei legal, eu vou tentar, é administração mas eu coloco meu outro diploma para eles saberem que eu também tenho conhecimento né? Enfim, aí eu fiz a prova, não foi um vestibular, eu fiz esta prova, e passei na prova, fiz uma entrevista, aí passei na entrevista e aí eu era aluna de geografia do Fundão, era o que eu mais queria né? Aí eu lembro que na época não tinha a licenciatura, tinha o bacharelado e depois você fazia a complementação. Eu falei assim, mas eu não posso começar pela licenciatura? O coordenador falou não e me explicou e eu falei tá, tudo bem. E aí, a diretora da escola, sabendo disso, me deixou na

primeira matrícula, na matrícula da manhã, ela me deixou na sala de leitura porque lá eu tinha o tempo mais livre.

A: Gente, ela foi generosa com você., embora tivesse a contrapartida da tua dedicação.

E: Isso, eu até falei, eu faço o que você quiser. Tanto que naquela época os CIEPs abriam aos sábados, eu falei eu abro o CIEP todo sábado, você não precisa vir aqui. E ela gostou também, eu falei não poxa, ela está sendo muito generosa comigo então não custa nada, e eu gostava de ir, para mim não era nenhum problema. Eu ia para lá aos sábados e ficava lá com as crianças, tinha todo um projetinho, enfim. Aí eu fazia um trabalho legal na sala de leitura, ela gostava e era rápido porque assim, eu ia para lá trabalhar e depois eu voltava, só que assim, claro que eu demorei mais tempo para fazer o curso, aquela coisa toda. Muito bem, aí no ano seguinte teve eleição e ela me convidou para vir na chapa como adjunta dela. Isso na escola. Eu falei não sei, porque o que acontece, como ela era muito rígida, então os professores não gostavam muito dela sabe? E aí eu falei, poxa acho que eu estou sendo bem usada mas tudo bem, deixa para lá. Aí o que acontecia, os colegas gostavam muito de mim, então os colegas acabavam votando. E aí era um jogo de cintura danado, mas as coisas foram. Só o que acontece, lá começou a ficar muito perigoso, sabe? Foi uma época que ficou muito perigoso.

A: Qual foi o período que você fez o curso?

E: Eu entrei na turma de 1998. Aí eu falei, meu Deus. Foi ficando muito difícil Amélia, era muita violência, e assim, do lado do CIEP tem um valão, e aí sempre tinham corpos ali, os bandidos não deixavam tirar porque era para servir de exemplo. Aí teve um dia que eu estava chegando de manhã e quase tropecei num cadáver. Eu fui ficando muito doente com isso, aí o que foi a gota d'água? Eu estava um dia no turno da tarde na direção e tinha um professor de geografia e ele estava lá no terraço, porque ele gostava de dar aula no terraço. Ele falava Edileuza, isso aqui é maravilhoso para a gente dar aula, e os alunos adoravam este professor. E ele trabalhava também com fotografia sabe? E aí ele estava lá dando a aula dele, era de tarde, só tinha ele, estava com o nono ano, acho que era o nono ano e, as turmas da educação infantil, no piso aí, aonde ficava a sala da direção. Minha filha, de repente os bandidos invadiram a escola. Invadiram de metralhadora, coisa sabe? Foi um terror. Eu sei que era quase na hora das crianças pequenas serem liberadas, era por volta de quatro e quarenta da tarde. Olha, foi horrível aquele dia, eles subiram

empurrando tudo, foram até o terraço, pegaram a câmera do professor, ainda deram um soco nesse professor. Porque eles acharam que o professor estava, era o olheiro, olha só? Que loucura.

Porque até então era uma questão que a gente conseguia conviver sabe? Tanto que em dias de sábado, quando eu estava lá no CIEP, que eles estavam lá na quadra eu falava olha só, por favor neste período que eu estou aqui, é o período que as crianças usam a quadra, então por favor, e fazia toda uma história

E: Eu falava olha, eu quero que vocês me compreendam, eu não sou a diretora geral, se a Valmira me ver qui, ela vai me dar uma bronca. Aí eu tinha que fazer todo um teatro, era questão de sobrevivência. Até que a gente conseguia conviver. Aí eu falava ó, depois que eu for embora eu não sei o que vai acontecer, mas enfim, a gente convivia. Mas depois desse dia não deu mais, eu lembro que o professor desceu, foi aquele desespero, ele falou assim, Edileuza eu quero o meu, que a gente chamava de nada à opor né? Que é quando a gente dá o memorando para o professor ir procurar outra escola. Eu falei professor não faça isso, ele falou eu não venho aqui nunca mais e ele tremia. Foi horrível aquele dia, acho que foi um dos piores dias da minha vida. Aí enfim, o resto da tarde passou e acabou, aí eu liguei para a diretora-geral, expliquei a situação, aí vim para casa mas vim tensa. No outro dia ela chamou o presidente da associação de moradores, explicou a situação, nossa, foi uma coisa assim, absurda.

A: E o presidente da associação tinha contato com eles Edileuza? Foi lá e conversou com eles?

E: Foi. Foi e falou que isso não ia mais acontecer, eu falei, é, a gente perdeu o professor, os alunos vão ficar sem professor o resto do ano e o pior poderia ter acontecido. Você sabe que as crianças estavam estudando, eles estavam tendo aula de geografia. Este professor sempre trabalhou com fotografia.

A: Fotografia, fotografar a cidade...

E: Isso, exatamente, e lá é um lugar maravilhoso, quando você trabalha lá você sabe.

E: Sim, e aí eu falava, professor trabalha também essa questão dessa divisão. Um dia eu fui lá e falei, olha a divisão, olha essa linha vermelha, olha do lado de la, aquela universidade, aquela potência, a Petrobras ali, olha o que a gente tem aqui? Quer dizer,

ali é uma potência de questões para você trabalhar, ali é geografia pura. E depois disso eu fui ficando desgostosa, fui ficando aborrecida, já não rendia como antes. Aí saiu o concurso aqui para Nova Iguaçu, eu falei quer saber? Eu vou fazer. Lá o pessoal da escola falou Edileuza você é maluca? Eu falei não, eu não estou bem sabe? Eu não estou trabalhando como antes, eu venho para cá com medo. A gente não tem que ter medo de trabalhar, sabe? A gente não tem que estar falando com nossos alunos medindo nossas palavras. Eu não gosto, isso não é bom, isto não está me fazendo bem, eu não estou bem sabe? Inclusive estou fazendo só uma ou duas disciplinas por fazer porque eu não consigo me concentrar, aquela minha energia, eu não estou bem. Aquela violência, aquilo ali para mim foi a gota d'Água. Foi horrível. Aí eu fui, fiz o concurso para Nova Iguaçu, aí passei e vim para cá. Nossa, eu me senti no paraíso porque eu acordava 5:30 da manhã, olha que coisa boa?

A: Antes você acordava quatro e meia

E: Exatamente, e aí me colocaram num lugar lá longe, um lugar que se chama Jeneciano, é bem perto da reserva de Tinguá sabe? Eu falei gente, eu estou no céu, nossa, maravilha, melhor coisa do mundo, foi muito bom. E de lá eu comecei tudo de novo, e aí nesse período o que aconteceu...

A: Você ia para o Fundão e voltava?

E: Ao contrário, primeiro eu vinha trabalhar e aí eu saía e ia para o Fundão.

A: Porque seu curso era a noite?

E: Não, eu entrei no curso diurno, mas aos poucos eu fui fazendo aquelas disciplinas que eram mais tarde. Ou então enquanto eu estava trabalhando lá na Maré, eu fazia algumas da manhã, porque era de acordo com o horário que eu podia fazer, fui fazendo assim. E aí, quando eu vim para cá para Nova Iguaçu, foi na época que foram implantados os cursos de licenciatura nas universidades, com mais força né. E aí chegou lá no Fundão também, a noite porque as licenciaturas quando chegaram lá só tinham noturnas. Então, isso foi mais ou menos nos anos 2000, mais ou menos nesse período. E aí eu falei, beleza, é bom que eu vou trabalhar de manhã tranquilo, saio de lá e vou para o Fundão e fico tarde e noite, eu falei bom, vai ser legal, vai equilibrar. Muito bem, e foi bom também porque era licenciatura, a linguagem já era outra assim, os professores conseguiam trazer,

nossa eu adorei, foi bom demais. O único problema era que, sair do Jeneciano e chegar até o Fundão é muito tempo e eu ficava puxa vida eu ficava aqui do ladinho, ia a pé, tudo tem um preço nessa vida né?

A: Tudo tem um preço nessa vida...

E: Vou te contar ne? Mas tudo bem..

A: Mas você já estava no meio do curso também né?

E: Já, estava do meio para o fim. Aí eu lembro, eu até falo muito isso com meus alunos que teve um dia que eu estava fazendo uma disciplina, isso lá no Fundão, e aí a professora olha eu não quero que chegue atrasado. Eu falei está certo. Ninguém vai chegar atrasado porque quer eu pensei. Aí um determinado dia o ônibus atrasou e eu cheguei quinze minutos, só quinze minutos. Estes quinze minutos, ela me tirou 0,5 ponto na minha média, eu nunca vou esquecer isso. E aí no final eu fui perguntar, porque eu tirei meio ponto, eu não faltei, porque eu nunca faltei aula dela, nunca. Eu sou chata pra caramba com isso, sou muito chata. Tanto que eu estava já incomodada de você está falando e está demorando a te responder, porque eu não gosto disso. Aí ela veio falar assim, porque você chegou atrasada 15 minutos no dia de seminário dos seus colegas. Eu falei assim professora, a senhora sabe onde eu trabalho, você sabe aonde eu moro? Ela, regras do curso. Olha, aquilo me deu tanta raiva, fiquei com tanta bronca dela, fiquei mesmo, como diz a minha mãe levei pro coração. Levei, porque eu achei aquilo um absurdo, você não levar em conta a história de vida dos seus alunos.

A: E esta professora gente, ainda está pela universidade?

E: Não, ela foi depois para o IBGE.

E: Aí passou, mas essas coisas eu gosto de contar para os alunos eu falo olha, o professor faz muita diferença na vida de um aluno, muita. Para o bem e para o mal, eu falo que a minha vida ela foi marcada por intervenções de professores que eu tive ao longo da vida sabe? Então se eu estou aqui hoje, eles tiveram uma responsabilidade muito grande. Enfim, então o tempo foi passando, eu fazendo as disciplinas e tal. Aí já era bom porque eu já estava quase todo no noturno e eu terminei a minha graduação. Aí quando eu terminei, antes de terminar teve o concurso para P1 aqui, aí eu fui dar aula de geografia.

Aí eu tive que sair da minha escolinha lá do fim do mundo e vir para cá. Aí eu vim para cá, perto de casa também, já acordava seis horas da manhã.

A: Nossa, você começou acordar 04:30, 05:30, já acordava as seis

E: Seis horas entendeu? Paraíso, perto de casa, perto da Dutra, tudo a meu favor. Porque eu não dirijo.

A: Eu também não dirijo.

E: Pra gente que não dirige estas referências são muito importantes. Aí eu vim, comecei a dar aula de geografia e tal, já tinha me formado, fiz minha formatura com minha turma da noite e tal, minha mãe foi na formatura, aquelas coisas todas. Aí o tempo passou, eu fiquei um pouco aborrecida, aborrecida não, a palavra não é aborrecida. Eu comecei a olhar, quando eu saí da UFRJ em 2002 para 2003, eu fiquei um pouco sentida com a academia sabe? Falei poxa, eles não olham para quem trabalha, eles não olham para os mais pobres, não sei se é porque aqui a maioria pega o 485, era o ônibus que ia para Zona Sul, eu pego o 945 que vai lá para a Baixada né? Enfim, eu não sei se a diferença está no ônibus, eles até riam de mim e tal. Mas porque que eu fiquei assim chateada? Porque um desses dias, quando eu já tinha horário a tarde, uma colega falou assim para mim, Ed, você tem que entrar num grupo de pesquisa. Eu falei ih garota. Ela falou tem, porque isso é superimportante. Eu falei então tá. Ela falou a professora Fulana que trabalha com população, eu sempre gostei da geografia da população porque me remetia as questões das migrações e essas coisas, Aí eu falei então vou falar com ela. Ela falou assim vamos, porque é uma vez por semana, você não vai precisar de bolsa, porque você trabalha, nem pode, então você não vai competir com ninguém, eu falei tá legal. Aí quando eu cheguei lá, eu falei com a professora. Quando ela falou da bolsa eu falei não, eu não preciso da bolsa porque eu trabalho. Aí ela falou assim, você trabalha? Você faz o que? Eu falei eu dou aula, ela falou você já da aula? Eu falei dou, mas dou aula para o fundamental 1. Ela falou não faz o perfil. Olha eu fiquei, eu saí daquela sala sabe? Eu nem sei como é que eu cheguei ao ponto do ônibus. Não faz o perfil sabe? Eu falei para minha amiga tá vendo? Por isso eu não queria vir, e você ficou me perturbando. Aí ela ficou sem graça assim comigo eu falei não, deixa para lá. Então aquilo eu saí assim sabe? Refletindo sobre isso e fiquei me perguntando porque aquilo sabe? E falei gente, olha isso, porque, qual o problema que tem? Mas enfim, fiquei sentida com aquilo e aí tanto que passei vários anos

sem voltar a estudar. Quando foi em 2008, aí eu comecei a me questionar de novo, porque? Um dia eu estava assim na porta da sala, eu sempre falo isso pros meus alunos principalmente, eu falei gente, eu acho que eu estou dando aula do mesmo jeito que há quatro anos, cinco anos atrás, sei lá. Que coisa estranha isso, como é que os alunos podem gostar disso. Eu conversando comigo mesma, mas eu não tenho outra forma, eu não sei como é que faz. Aí fiquei com aquilo e liguei para essa minha amiga, porque ela conseguiu fazer o mestrado lá ne? Então eu falava, ela é mim ah referência porque ela tem outros olhares. Aí ela foi e falou assim Ed, você tem que voltar para academia e eu falei oh, para lá eu não volto. Ela falou eu não estou falando disso não, tem outros lugares e tal. Aí eu falei tá, vou pensar no seu caso e aquilo ficou na minha cabeça. Aí eu comecei a fazer alguns concursos para mestrado, faz daqui, faz dali, até para Juiz de Fora eu fui fazer, claro que eu não passei, óbvio. Aí eu fazia assim mesmo, eu fiz na FEBF e tal, fui para a FFP, lá na FFP ainda não tinha geografia, eu conversei com um professor de história social, gostei muito dele.

A: É história social do território lá ne? Que é da história.

E: Isso mesmo. Eu falei bacana, mas eu voltei para casa e falei não, eu não vou fazer isso não porque não é bem isso que eu quero, assim mesmo eu li toda a bibliografia, li tudo, fui fazer a prova não muito animada e não passei. Aí muito bem, liguei para a minha amiga e ela falou assim: Ed, você tem que procurar um grupo de estudo. Eu falei é verdade mas eu vou bater com a cara de novo. Ela não, você não precisa ir para lá, vai na Rural, eu falei poxa é mesmo. Ela falou, não acredito que você mora em Nova Iguaçu, tem a Rural do seu lado e você não sabe. Eu falei é verdade, eu nem tinha me tocado, a Rural estava recém-chegada aqui, não tinha prédio, eram prédios alugados, aquela história toda que você sabe, que a Cris conta, e eu falei como é que eu vou fazer? Eu falei olha, uma coisa eu tenho certeza, eu tenho que voltar a estudar porque eu falei, eu não posso mais dar aula desse jeito não, não é possível, eu preciso abrir minha cabeça, só eu e os livros não está dando mais. E falei, outra graduação também não quero fazer não, eu gosto disso. Aí o que eu fiz? Num dia de domingo, no mês de agosto do ano de 2009. Aí eu fui e falei assim, como é que eu faço, para chegar até eles? Eu vou assim de cara limpa? Ela falou não, manda um e-mail. Eu falei, eu não sei o e-mail de ninguém, ela falou, garota, pelo amor de deus, você entra lá no Lattes, procura, poxa, eu tenho que ficar dando aula para você, enfim, ela me deu maior bronca. Eu falei tá bom, e no dia de domingo eu fui levantei, tomei meu café e procurei. Aí eu falei eu gosto dessa temática, gosto de ensino

de geografia, eu gosto de educação ambiental, porque nesse meio tempo, eu fiz muito desses cursos que a prefeitura oferecia, aí eu fiz um curso de formação de lideranças ambientais, alguma coisa assim, oferecido pela PUC, um curso que a Rita ajudou a fazer, a Rita Montezuma. Aí eu fiz, eu adorei, foi ali que eu tive contato com educação ambiental de forma mais profunda, porque lá na monografia, mesmo tendo o curso de licenciatura lá no Fundão na graduação, eu sabia que eu queria fazer alguma coisa que relacionasse meio ambiente e aí eles queriam que eu fosse para a faculdade de educação e eu falei não, eu quero fazer dentro da geografia. Não mas ninguém vai orientar, eu falei eu não quero ir para a faculdade de educação, eu quero fazer aqui. Aí ninguém queria me orientar, o professor Evaristo, que faleceu, foi e falou assim, tá bom eu vou te ajudar, mas vai ser uma pesquisa de gabinete, eu falei não, não importa. Ele foi, falou para eu pesquisar, disse eu não tenho como te ajudar nesse sentido, mas você pode trabalhar a educação ambiental dentro do SNUC, que estava recém-criado né, foi em 2000, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Falei tá bom, fiz a monografia e tal, enfim. Aquilo ficou na minha cabeça, apareceu este curso da PUC, adorei, um curso bom, a gente fez na Rebio, era todo sábado. Eu fiquei uns seis meses indo para a Rebio todo sábado. Ai eu gostei a beça, eu falei eu também gosto de educação ambiental. Aí eu fui através disso aí entrando nos Lattes, aí mandei e-mail via Lattes para vários professores. Um desses professores foi a Cris. Aí eu falei com a minha amiga olha só, eu mandei e-mail acho que para seis, sete e falei, ninguém vai responder. Ela falou assim, claro que vai, os professores gostam. Eu falei tá, vou chegar lá e dizer que sou professora, já sabe o que vai acontecer. Ela falou, já vem você com essa história, esquece isso. Enfim, você sabe que a Cris foi a única que me respondeu. Aí marcou um encontro, falou que o grupo de pesquisa que ela fazia parte ia ter uma reunião na terça-feira, eu poderia chegar lá por volta de cinco e meia da tarde. Nossa, eu falei gente, eu não acredito.

A: Que alegria que você ficou hein?

E: Nossa, fiquei muito feliz, eu lembro, botei até uma sandalhinha de salto. Eu fui toda feliz, aí fui, aquele jeito da Cris, ela foi, me apresentou para o Mauro, eu já tinha lido alguns livros do Mauro por causa da educação ambiental, para a Ana Marques também, enfim, eu saí de lá encantada

A: Você fala assim, aqui é um outro mundo ne?

E: Não e assim naquela noite eu não dormi, eu falei gente, não é possível, eles dão atenção para quem é da escola, para quem é professor, para quem está lá, no léxico do dia a dia, e as pessoas que eu sentei ali no meio deles, porque assim, eu via a academia algo extremamente distante né? Porque a escola por onde eu fiz, a UFRJ, ela naquele período, hoje deve ter mudado alguma coisa porque renovou o quadro, mas extremamente distante sabe? E na rural não eu falei assim gente, nós sentamos em círculos eu lembro até hoje numa sala lá, ainda na Capitão Chaves (rua). Aí eu falei dos meus interesses, porque eu estava ali e tal. E aí eu comecei a voltar a ler e a escrever de uma forma que é como se escrevia na academia, porque quando a gente passa muito tempo na escola a gente fica com um olhar muito limitado e uma escrita também, porque eu acho que é o dia a dia, a falta de tempo, enfim, você acaba ficando muito limitada. Você não avança para além daquilo ali sabe? Você não consegue dialogar um autor com outro autor e você fazer a intermediação desse diálogo.

A: Você tem que dar respostas muito práticas e cotidianas e não sobra muito tempo para a reflexão.

E: Isso, não sobra tempo, não dá. É uma coisa, e eu sempre fui da estar muito com os alunos e para os alunos, então acho que isso tomava meu tempo, mas não estou culpando isso não, acho que a escola ela é assim, ela tem essa característica né? Tanto que hoje quando a gente fala que a gente precisa pensar num material didático que vá ajudar o professor porque ele não tem tempo de estar pegando aquele conteúdo científico sabe, e estar trabalhando para o conteúdo escolar, ele não tem tempo e também não tem quem ajude a pensar como fazer isso, então acho que é nosso papel enquanto formador, pensar também naquele professor que já está lá na escola. Ele já está lá a muito tempo. Até porque passava pelos meus 25 anos, agora não mais 25, com toda essa mudança na legislação. Então, eu comecei a pensar, por isso que eu não passava nas provas, eu não sabia escrever, não ia passar nunca, nem se eu fosse corrigir eu iria me aprovar. E aí a questão também do projeto, a Cris explicando daquele jeitinho dela todo, olha o projeto é assim, é assim que a gente constrói. E foi um período em que o grupo de pesquisa me ajudou muito. Porque ali eu aprendi, eu falo que ali foi a minha escola, onde eu aprendi a pensar com os autores, a entender os autores, a interpretar, a trazer aquilo ali para a realidade sabe? O grupo ele foi assim fundamental na minha vida. Aí a Cris falou assim olha, nos temos aqui, eu não faço parte do programa, mas o Mauro faz parte do PPGEDUC, é um programa novo, ele começou no ano passado, no ano de 2009 e vai para a segunda turma.

É claro que você vai concorrer mas, eu falei não, não quero que ninguém me coloque lá, eu quero aprender como é que eu vou chegar lá.

Como é o caminho? É isso que eu preciso saber. Aí eu fui e contei para ela minha experiência, até porque coisa que eu estou falando para você que eu nunca falei para a Cris.

A: É porque tem essa coisa de rememoração né? Aí é que vem

E: Exatamente. Eu falei isso, não quero que ninguém me coloque lá, eu quero aprender como chegar lá, é isso que eu quero, eu tenho tempo porque eu tenho uma matrícula só então eu tenho tempo, agora eu preciso aprender como que faz, enfim. Aí eu fui, fiz o projeto, ela falou assim não, o projeto tá legalzinho, precisa de algumas coisinhas mas tá bom. Eu falei mais do que isso eu não consigo mais não, deixa assim mesmo, aqui já está bom. Agora deixa eu com tempo, porque eu preciso estudar para passar na prova. Aí eu fui, estudei bastante, porque assim, toda a prova que eu vou fazer, eu pego aquilo ali, ainda mais quando eu tenho as referências, eu vou batendo uma por uma, eu vou estudando todas elas. EU falo assim, não porque vai que cai uma que eu não estudei, eu vou ficar com uma dor na consciência danada, então eu tenho que estudar todas. Aí eu estudei muito, passei, fui fazer minha matrícula, fiquei muito feliz.

A: Eu imagino o quanto você ficou feliz, hein?

E: Nossa eu fiquei muito, minha mãe quase teve um negócio. E aí, eu falei é isso, aí eu não faltava um grupo de pesquisa porque eu falava isso é fundamental, eu falo hoje pros meninos, a gente não pode ter um aluno de mestrado, doutorado então nem se fala, mas no mestrado e se a gente puder ajudar a graduação, que não faça parte de um grupo de pesquisa. Ele precisa fazer parte de um grupo de pesquisa, porque só a aula não é suficiente, não dá tempo pra isso né? Hoje eu falo, com o conhecimento que eu tenho hoje, as reuniões pedagógicas que a gente tinha na escola seriam muito melhores do que foram, mas é com a cabeça que eu tenho hoje, porque ali podiam ser centros de estudo sabe? Poderiam ser, mas não são. Ali acontece, lá é tipo o fala que eu te escuto né? É um momento de desabafo, tudo bem que tem que ter essas coisas todas, mas fazer aquilo que tem que fazer, não é feito né. É como nos momentos dos conselhos de classes né? Que se perde muito tempo em dizer que fulano, fulano e fulano serão reprovados mas não se pensa de que forma a escola pode melhorar para que esse aluno possa aprender. Então a

gente ainda tem um pensamento hoje na escola que ele culpa o aluno, ele põe toda a responsabilidade nele, estou falando da escola básica né.

A: Você acha Edileuza, que este seria um dos nossos desafios como formador? Porque aí você foi caminhando e de alguma maneira quando você colocou uma questão agora que é como nós olhamos a escola ainda e o professor. Você acha que esse ainda é um desafio para nós que somos formadores e em formação, porque a gente é formador em formação. E que outros desafios nessa sua carreira que nossa, é uma carreira muito interessante assim. Que desafios você vê como formadora e em formação hoje?

E: Exato, então, eu vejo assim como desafios, pensando em vários momentos, por exemplo. O desafio hoje na escola, ela não sabe ainda, e olha que eu tenho uma rede de amigos que recebem meus alunos hoje, meus licenciandos ne. Então tenho toda essa rede de amigos que eram do tempo da escola. Mas mesmo eu com essa rede, a escola ainda tem essa dificuldade de receber o aluno sabe? De se entender com o espaço de formação docente. Ela ainda não consegue entender isso sabe? Entender isso, e aí eu sempre falo para os alunos e falo para os colegas que eu tenho mais intimidade, por favor não desencoraja os meninos quando eles chegam não. Porque assim, é uma coisa que eu já ouvi vocês falarem, e claro que eu falo com jeitinho para eles não ficarem magoados, eles também relatam que chegam em algumas escolas e aí o professor que está lá na escola, por conta de muitos problemas que são da questão da infraestrutura, das políticas de valorização, da carga que se leva ne? Por muitos problemas, por conta de muitas questões. É extremamente complexa essa rede, essa teia. Ele fala assim, o que você está fazendo aqui? Você vai fazer? Você tem certeza? Eu fico muito chateada, muito aborrecida sabe? E aí eu tenho que conversar com os meninos, contar tudo, fazer todo um trabalho para desfazer isso, porque já é tudo tão difícil. Então uma das questões que eu acho que a gente que trabalha com estágio, um dos grandes desafios, um deles é essa questão da escola, ela não está preparada para se entender como um espaço que vai formar esse professor também, ela é responsável por isso, ela também tem essa responsabilidade. Então assim, esse é um dos desafios. O outro eu acho que é uma certa resistência, eu acho não eu tenho certeza, é uma certa resistência que tem nos alunos que estão fazendo licenciatura, em muitos alunos viu Amélia, não são poucos. Eles estão fazendo aquele curso, porque foi o curso que deu para eles entrarem na universidade. Então eles vão fazer aquele porque não deu para fazer um outro que talvez aquele não fosse a primeira opção. E aí ele chega no momento de fazer estágio, porque aqui o estágio como na maioria das universidades

começa no quinto período, e aí eu tomo conta um por um, tomo conta mesmo, eu fico com o primeiro e segundo estágio propositalmente, porque eu tomo conta e tento colocá-los ali trazendo essa questão da importância do professor, da profissão docente, dessa identidade, então eu trabalho isso em dois períodos de estágio. Tanto que eu concordei com o Rodrigo, deixa eu ficar com os dois primeiros, você fica com os dois últimos. Ele não Ed, tranquilo. Eu falei eu fico com os dois primeiros, deixa os dois primeiros comigo. Então assim, eu vou trabalhar tudo isso sabe? Eu sei que eles não têm isso em disciplinas anteriores então. E aí esse é o nosso diferencial no IM, que é ter o professor-orientador de estágio é o professor da disciplina, aqui ela se chama prática de estágio, isso pra mim é um grande diferencial e é o mesmo professor, sou eu, então eu estou com eles na escola, e estou com eles dando aula, porque eles tem aquela carga horária na universidade comigo e depois eles vão para a escola, isso é co-requisito, a disciplina é co-requisito do estágio, então isso é um diferencial. Tanto que nessa reforma curricular, vários cursos nos chamaram para a gente falar dessa experiência de ter essa disciplina, é uma disciplina só de 30 horas mas já é alguma coisa, ela ajuda muito. Então a gente trabalha muito com a profissão docente né? O que é fazer docente né? E prepará-lo para ir para a escola. E aí eles tem uma resistência muito grande de ir para a escola. Eles vão porque eu sou enjoada, eu sou chata, eu ligo para a escola eu falo olha, eu sei quem está lá, não adianta você estar lá só no dia que eu estiver não porque eu vou saber. Então assim, toda turma tem essas questões aí bem complicadas sabe? E aí agora, esse pra mim é o segundo ponto. E aí, uma coisa que eu tenho vontade de fazer, eu devo fazer no ano que vem, que é um curso de especialização para professores que recebem licenciandos sabe? Tenho vontade de fazer um curso para esses professores preceptores, a palavra não é essa, mas esses professores co-formadores. Então eu tenho o desejo de fazer um curso, e aí para não ficar só na geografia eu já conversei com alguns colegas aqui, a gente vai fazer para os cursos que a gente tem no IM, de licenciatura que é Letras, Matemática, Geografia e História. E aí fazer desses quatro e talvez o pessoal de pedagogia também entre, e aí sendo um curso que eles não são obrigados a fazerem, então isso pode vir a ajudá-los e a nos ajudar também, e eles levarem isso para a escola. Essa mudança, pelo viés dos professores. Eu estou acompanhando uma doutoranda do PPGEDUC, eu não sou orientadora dela mas eu estive na banca de qualificação e ela está analisando justamente um curso desse, que eles criaram o professor, ela é da educação física, mas ela faz o doutorado na educação. Então foi criado esse curso para professores co-formadores, eu inclusive vou dar aula nesse curso, e ela vai fazer a análise desse curso e observar se haverá mudança, que mudanças

esses professores levarão para as suas escolas. E aí ela disponibilizou na rede pública aqui na baixada para quem quisesse, só que o dela era só de educação física, ele é bem específico, mas uma coisa legal, que esse professor que vai fazer esse curso ele ganha um registro na universidade de aluno, de pós graduação, isso é bacana, você está trazendo esse professor de volta porque ele pode ter sido formado na minha época ou antes e a academia via de uma outra forma, então ele retornar com esse viés, isso é maravilhoso. E aí continuando a minha experiência lá, até chegar em 2014. Aí eu comecei a estudar, fiz o mestrado, entrei na turma de 2010. No ano de 2011, era janeiro, eu estava de férias e aí a Cris me ligou que ela ia escrever o projeto do PIBID, e ela me perguntou se eu gostaria de ser a professora supervisora do PIBID. Aí eu falei assim não sei a gente pode conversar e tal. Ela falou assim, nós vamos escrever esse projeto, mas de acordo com as demandas da sua escola. Eu falei excelente, liguei para a diretora e ela disse que aceitava e tal e nós marcamos para fazer o projeto na casa da Cris. Nós fomos para lá e tinha ela e mais duas professoras e ela foi me perguntando as demandas da escola e eu fui falando e ela escreveu de uma forma muito brilhante o projeto, tanto que a gente fala que foi a escola que mais deu certo porque o projeto foi escrito pensando na escola, e é por isso que é importante Amélia, que estas duas instituições caminhem juntas, de mãos dadas, isso é fundamental, essas duas instituições formadoras caminharem de mãos juntas, porque uma não é melhor que a outra, elas tem especificidades diferentes apenas. E aí eu comecei a ser supervisora do PIBID, foi muito legal porque eu era aluna, eu estava recebendo também os alunos na escola, foi uma mudança naquela escola e assim, uma mudança maior ainda porque o PIBID, os alunos da escola funcionava de manhã, e o PIBID à tarde e aí os meninos ficavam para a tarde para ter aula do PIBID e era muito legal porque os meninos das licenciaturas, jovens, uma idade muito próxima, a linguagem muito próxima, jogos e tal, e então eles adoravam e ficavam muitos alunos. Eu lembro até que a diretora Fátima falava meu Deus, aonde eu vou botar tanto aluno? Eu falava não sei, eu sei que os meninos os levavam para dar aula na praça, nossa era muito bom. Foi um diálogo muito bom, foi um tempo em que a escola ganhou outra vida, e foi legal também porque, e aí a escola sempre foi muito aberta, então eu falava com os licenciandos, eu já estava mudando um pouco a minha cabeça, fiquem na sala dos professores, mas filtrem o que vocês ouvirem. E aí foi bem legal, eles chegavam com coisas novas, diferentes, e aí outros professores da escola, até de ciências também foram se envolvendo. Outras professoras também foram se envolvendo e aí acho que foi legal porque essa dinâmica que a gente deu na escola Amélia, dali a gente teve pelo menos três colegas que voltaram para a universidade.

Tem uma colega que ela fez, ela defendeu o mestrado em fevereiro, pelo PROFLetras aqui na rural. Teve outra que fez o PROFMat que é de matemática lá no IFRJ. Então são outras dinâmicas, isso muda a dinâmica da escola quando você tem gente nova ali.

A: A energia né? A energia de troca, porque para os estudantes licenciandos também, licenciandas, é um aprendizado muito grande.

E: Exatamente, e eles falavam assim professora, isso a gente não vê no estágio. Eu falo meu filho, o estágio tem um outro viés. E eu os incentivo a entender o estágio com um olhar de pesquisador, eu falo assim vá para a sala de aula com o olhar de pesquisador. Porque eles tinham uma história, a gente fica lá no fundo da sala escrevendo. Eu falo escrevendo o que? O que você está escrevendo lá? Eu falei escrever o que? Quando escreve né? Vocês ficam lá fazendo outras coisas que não isso. Enfim, eu brinco muito com eles. E falei não, lá a gente tem outro objetivo, é você olhar aquilo ali, é você olhar o professor, é você observar o aluno, você pensar inclusive em propostas para aquela aula naquele ambiente que tem. Do aluno que chega atrasado, do aluno que levanta e sai, do aluno que grita, das brigas, desse monte de confusão que é o chão da escola, é outra dinâmica. Então no estágio é isso que você tem que fazer, vá para lá com isso. E aí você pode fazer o PIBID, você faz Residência e você vai ter mais espaço para você ali entrar naquele meio ali. Enfim, e aí, o tempo foi passando, como você sabe, em 2013 veio o concurso né, foi o no segundo semestre de 2013, eu lembro que a Cris falava Edileuza, você trate de passar porque esse vai ser o último edital, um dos últimos editais com mestrado, porque tem uma exigência do MEC que editais só com mestrado tem que ter uma explicação grandiosa. E aí eles também tiveram que explicar e uma das explicações foi a carência na questão de cursos de doutorado na área de ensino de geografia e realmente até hoje é muito difícil, eles tiveram que dar essas explicações todas para o MEC, aquelas coisas todas burocráticas que existem. Foi mais um momento que naquela época eu estava fazendo uma dobra na escola, eu larguei a dobra, falei não, agora eu vou ficar só com uma matrícula, vou estudar e como sempre eu fiz eu vou ler as bibliografias todas. E foi isso, tomei posse no dia 10 de março de 2014. E aí bom, de lá para cá, porque a área foi para estágio supervisionado e ensino de geografia, então eu estava em casa.

A: Com certeza, você chegou em casa, você ia retomar a escola, retornar para à escola.

E: exatamente, voltei para casa. E aí assim, eu tenho assim, esse desejo enorme, da gente estar fazendo essas mudanças que precisam na escola. Só que ela por si, ela não tem condições de mudar sozinha.

A: A escola na verdade é nossa, a escola da sociedade. E a escola carrega uma tradição que é muito difícil se nós não estivermos juntos enquanto sociedade. Para construir junto com ela essa metamorfose, ela não vai mudar, porque ela traz em si uma tradição, ela traz em si o que foi o objetivo secular, então é muito difícil. Nós temos que estar juntos.

E: É , temos que estar juntos. E aí, como eu estava te falando, tem escolas que ainda são muito resistentes. Nossa, é muito difícil. Essa escola que eu estudei é bem pertinho da minha casa, eu vou a pé para ela. Só que o que acontece, fazer estágio lá não dá para os meus alunos porque o fundamental 2 é de manhã, e o curso é matutino na universidade, porque era o meu sonho, até porque a escola continua sendo a mesma diretora então ela conhece a proposta, conhece tudo né. Só que não dá, por conta disso. Lá dá para a gente fazer PIBID e tal mas não dá nem para fazer residência e nem o estágio. E aí nós fomos procurar outras escolas, e encontramos uma que eu encontrei também via PIBID, que é uma escola bem pequena, é na Via Light, é bem central, a Escola Estadual Mestre Iran, é uma escola tipo dos sonhos para fazer estágio. O sonho não é completo porque ela é uma escola bem pequenininha, então ela não comporta. Porque nós temos os nossos alunos, eles são turmas de estágio, então eu tenho 35 alunos de estágio. Então não dá para eles fazerem todos lá, então as vezes eu tenho que sortear quem vai fazer no Mestre Iran, ficam no máximo dois por turma, porque não dá, não tem condição mesmo. Então, o diretor é maravilhoso, a equipe pedagógica, a professora de geografia, só tem uma professora de geografia, a Simone, a escola é muito pequena. Agora está expandindo para o ensino médio, mas até o ano passado era só o fundamental. Mas essa é muito boa, a gente conseguiu mas é muito pequenininha. Nós tentamos uma outra também perto do IM e não conseguimos, a gente luta. O Clézio também já lutou, já fez vários projetos e não vai. Aí fomos agora, agora eu sou a coordenadora da Residência Pedagógica, a Cris continua com o PIBID, porque em 2018 nós não entramos no edital porque a Cris estava de licença maternidade e eu estava para fechar o doutorado eu falei gente, não dá para eu fazer tudo, eu não tenho condições.

A: Tem uma hora que você tem que fazer escolhas e tem que fazer isso de uma maneira muito tranquila. Inclusive eu queria que você falasse como é que as tuas pesquisas

atravessam a tua prática como professora de estágio docente? Você trabalhou a questão ambiental no mestrado, e de alguma maneira isso no doutorado apareceu novamente né?

E: Então, eu trabalho, eu oriento alunos na graduação e no mestrado, tanto que vão para a linha específica de formação e tem a parte, eu falo que é híbrida, que é a parte ambiental, porque nessa outra parte tem tanto aqueles alunos que querem estudar mais a questão de uso público, de unidade de conservação, mais o ambiental puro, e tem os outros, mas, de qualquer forma, eu vou costurando e estou estudando as unidades de conservação como espaços educadores. E aí eu vou por aí, e nós temos aqui pelo menos duas unidades que são por excelência ótimas para estudo. Uma é a Rebio mas a gente por ser mais, a questão de logística não ajuda, então a gente pesquisa bem pouco para lá. E a outra é o parque porque a gente vai a pé, então a gente faz muito trabalho por lá, as pesquisas estão muito voltadas para a questão, quando entre em unidade, das unidades de conservação como espaço educador. Então como é que eu me vejo ali enquanto um educador, enquanto um professor. O que eu posso trabalhar ali? E por ser uma unidade de conservação, por excelência o espaço geográfico está todo ali. Está o território, a paisagem, está o lugar, está a geografia física e todas as suas especificidades, o solo, água, clima, a gente trabalha muito com clima, a gente faz muito, os campos que a gente faz a gente procura fazer integrado, então a gente leva por exemplo, os alunos do estágio e aí é uma atividade específica, então eles precisam ir. E aí eles, desde o ponto de encontro e pensando até lá como é que eu posso trabalhar essas questões? Eu enquanto professor como é que eu trabalho isso aqui? Então a gente trabalha nesse sentido. Eu tive também, esse aluno agora está terminando o mestrado na PUC, ele foi meu aluno de IC, ele trabalhou numa escola bem pertinho do parque, na subida, e aí ele trabalhou, a escola só tem o fundamental 1, e aí ele trabalhou lá a questão da educação ambiental e, obviamente trazendo essa questão do professor. E olha, a escola é bem na subida do parque, os professores daquela escola não são da região, não moram na região, nenhum conhecia o parque. E aí a gente fez uma proposta, de ir com estes professores para o parque e os alunos. E aí fomos, professores e alunos, e foi bom, porque é pertinho, todo mundo foi a pé. Aí na volta, os alunos fizeram cartas aos moradores, aí escreveram cartas e nós fomos entregar nas casas dos moradores ali de perto, então assim, eu também levo esses alunos a pensarem em um professor que se envolva sim com seus alunos, porque eu tive essa necessidade, eu fui acolhida Amélia, por professores que passaram na minha vida sabe? E isso é fundamental, porque quando o aluno sente isso, esse envolvimento, esse cuidado, porque educar é cuidar, cuidar para

que o outro aprenda, para que ele seja um ser humano melhor do que aqueles que estão ao seu redor. Então eu sempre busco atravessar. Agora eu fiquei feliz porque uma aluna de mestrado, minha segunda aluna que vai estudar o estágio também no mestrado, a Amanda, passou bem e vai trabalhar aí, mais uma no mestrado para trabalhar, e aí ela vai trabalhar com os licenciandos. O Renato olha para os professores da escola e a comunidade, ela olha para os licenciandos. Então eu vou atravessando por aí.

A: Que ótimo, o tema do estágio é uma coisa que me encanta. Eu entrei recentemente na pós-graduação da geografia, mas os temas que têm chegado não são ainda nessa direção, mas enfim, quando chegar, chegou. A gente vai pesquisando e vai pensando independente de estar orientando, mas fico muito feliz que os(as) meninos(as) estejam se interessando, eu acho bem bacana da gente aprofundar e pensar, enfim, qualificar o máximo que a gente puder o debate.

E: Exatamente, o máximo que a gente puder. Por isso que eu penso mesmo nesse curso, ele está desenhado na minha cabeça, para esses professores.

A: Agora eu acho que é bem bacana mesmo pensar ele junto com outros cursos. Porque aí vocês podem fazer um debate mais transversal do que é formar professor, do que é ser professor, o debate do estágio, o debate da experiência e aí isso vai dar liberdade para vocês fazerem essas discussões sem vocês especificarem muito se é geografia, letras..

E: Exatamente. Aí eu já conversei com a Cris, ela já comprou minha ideia, que ela disse que vai ajudar no curso também, vai ajudar na orientação, eu falei outra coisa, a gente vai ter que ensinar estes professores a escrever, nessa forma né?

A: Eu falo o seguinte, na verdade é um reencontro né? Com a universidade, com a escrita, e eu sei que você está falando desse modo porque você veio desse lugar e você sabe que muitas vezes esse lugar é muito duro porque a gente não tem tempo para pensar, não tem tempo para escrever, então a gente vai produzindo um saber que é importante mas que é muito limitado, um saber limitado à escola. E aí é preciso que esses saberes, que ele também tenha pontes para outros lugares, quando você fala no saber limitado eu entendo o que você quer falar, que ele é um saber limitado à escola. Você quer que esse saber desse professor transborde a escola, e para isso ele precisa conversar para além da escola.

E: E assim, muitas vezes ele não tem essa oportunidade. De ir para além, aí eu lembro que esses meus três amigos começaram a fazer o mestrado aí a Luciana que mora aqui pertinho de mim falava assim: Edileuza, eu não vou conseguir porque, e olha que ela é professora de língua portuguesa, escreve muito bem.

A: Mas aí também tem a autoestima, tem muita coisa

E: Exato, muita coisa em jogo. E aí eu falava não é porque é assim, Luciana, presta atenção, é uma escrita diferente, é porque ela é diferente. E assim, você vai precisar praticar, você vai precisar escrever mais, de acordo com aquele lugar, porque é uma escrita diferente da escrita na escola, porque na escola a gente está escrevendo para o aluno. E lá não exatamente é para o aluno, por isso eu acho que se a gente começar numa especialização, numa pós Latu Sensu, e ir colocando esse professor nesse universo, primeiro que eu acho que a autoestima dele voltar para a universidade eu acho que isso já é maravilhoso.

A: Uma troca né? De conhecimento. Edileuza, então assim, eu acho que você já tem essas palavras aí, você deve dizê-las quase todo dia né? Mas é legal você falar porque você vai estar falando para além dos seus alunos da Rural né? Mas o que você tem dito e o que você quer dizer para além dos alunos da Rural, para esses que estão iniciando carreira, ou estão nesse processo de formação docente?

E: Olha, a primeira palavra que eu digo é **esperança, perseverança** e de se encontrar e fazer de fato aquilo ali, quando você se encontra, é isso que eu quero, sabe a **identidade**. É a questão da identidade, porque quando você se identifica com a profissão da docência, os outros desafios, você vai conseguir vencê-los. Vai ser fácil? Não, é muito difícil porque são coisas muitas vezes inalcançáveis para gente, por exemplo, chega uma política pública, ela vem de cima para baixo, como é que eu vou fazer né? Mas aí, se você tem a questão da perseverança, você vai inclusive buscar se fortalecer teoricamente, metodologicamente, isso é um fortalecimento né? Isso eu vim entender depois, que isso nos fortalece. É isso que eu preciso né? Eu me identifico, e é naquele lugar, é naquele espaço-tempo chamado estágio, é um dos momentos que a gente vai encontrar justamente isso, é isso, ou não é isso né? Porque nem todo mundo nasceu pra professor, e também nem todo mundo precisa ser professor, mas seja o melhor, você escolheu? Então vá e faça o melhor, de o melhor de você. Porque ensinar, Paulo Freire já falava isso, não é estar

transmitindo, é você estar levando o outro a compreender, a ler o mundo, a entender, a se entender dentro dessa teia, desse emaranhado de questões chamado sociedade. E olha assim a importância que tem um professor. Ele é importante demais e muitas vezes a gente não tem noção dessa importância. Mas você toca, a gente toca as pessoas. Então você toca com uma palavra, com a forma de apresentar o conteúdo, e aí puxando a brasa para a minha sardinha, a geografia tem essa beleza, que ela vai descortinar, seja na cidade, seja numa unidade de conservação, você tem elementos geográficos ali para estar mostrando para aquele aluno a realidade, a sociedade, como as coisas são forjadas, feitas. Então assim, a palavra é essa, é a gente ter essa persistência, essa perseverança e assim, parar de estudar jamais, e trabalhar sempre no diálogo, porque isso é fundamental, o diálogo, as vezes que ele faltou na minha vida me deixou marcas profundas, marcas bem ruins, e assim, por isso que eu dou valor a questão do diálogo e a questão da educação como um transformador de vidas, porque a educação transformou a minha vida, entendeu? Porque eu tive uma mãe que teve, ela não tinha uma educação escolarizada, mas ela sabia da importância da educação. Então as vezes a gente precisa entender também que muitos dos nossos alunos, nossos meninos não chegam lá porque são questões para além da escola, eu sempre tive muita preocupação com os meus alunos, nossa eu ficava com medo de não estar contribuindo, até que um dia alguém falou assim para mim, a educação ela não é redentora ne? Então, existem muitas questões para além, entendeu? Aí eu lembro que falei assim mas eu sinto muita responsabilidade. Ela falou, essa responsabilidade é o peso que colocam em nossas costas de professor.

A: exatamente Edileuza, um peso que colocam nas nossas costas.

E: É árduo, é muito pesado. Então, hoje tudo chega na escola, então ela passou a ter responsabilidade por muitas outras questões sociais, porque tudo da sociedade respinga dentro da escola, tudo chega ali imediatamente. É muita cobrança. Você, agora que a gente está nesse momento de pandemia. Qual foi a instituição, que, pelo menos, em Nova Iguaçu, que está sendo responsável para a entrega das cestas básicas? A escola. Qual a instituição que é responsável quando tem que fazer cadastramento as diversas bolsas? A escola. Então, os nossos ombros têm que ser muito largos ne?

A: Eu acho que a gente tem que começar a pensar o que é do nosso ofício, o que é possível na escola e o que não é.

E: Exatamente, quando a gente começa a pensar isso, aí pesa menos. Mas é porque as vezes as coisas acabam se misturando mesmo dentro da nossa cabeça ne?

A: Eu acho que eu também tenho um pouco a mesma história que você, os pais não sabiam ler, enfim e a minha primeira experiência como professora foi tentando fazer meu pai ler, que ele não sabia ler. E aí eu até já falei isso pros meus alunos, foi fracassada, meu pai morreu antes que eu o ensinasse a ler. Então assim, essa vida assim como um pouco a sua, só que na periferia da cidade de Fortaleza. Então, sou nordestina também, sou cearense, e a educação ela foi redentora para mim, então eu sempre acho que ela vai ser redentora para o outro e eu acho que foi o que aconteceu com você também, talvez a gente tenha que pensar que nem tudo assim, e nós sabemos também o preço que nós pagamos por isso, eu falo assim, as vezes a gente conseguiu uma certa estabilidade, mas também o preço que nós pagamos com os nossos corpos, com a nossa própria vida, com as nossas escolhas assim, não foram fáceis, então talvez seja isso, eu mesma tenho pensado muito isso também, porque talvez eu queira pegar minha história e transportar para o outro e as vezes ele não quer, ele quer outra coisa ne? E aí o que a gente fazer é oferecer, se ele vier está ótimo, se ele não vier, eu acho que é saber nossos limites. Mas Edileuza, eu agradeço muito...